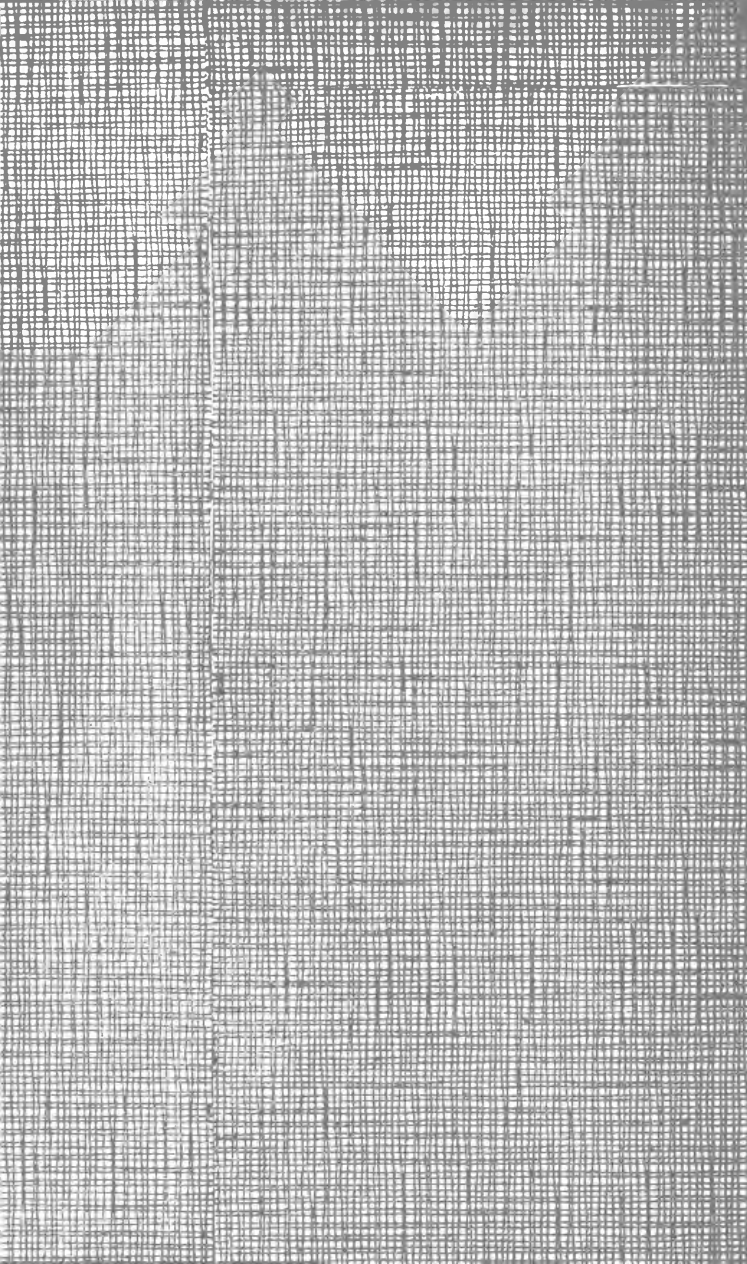
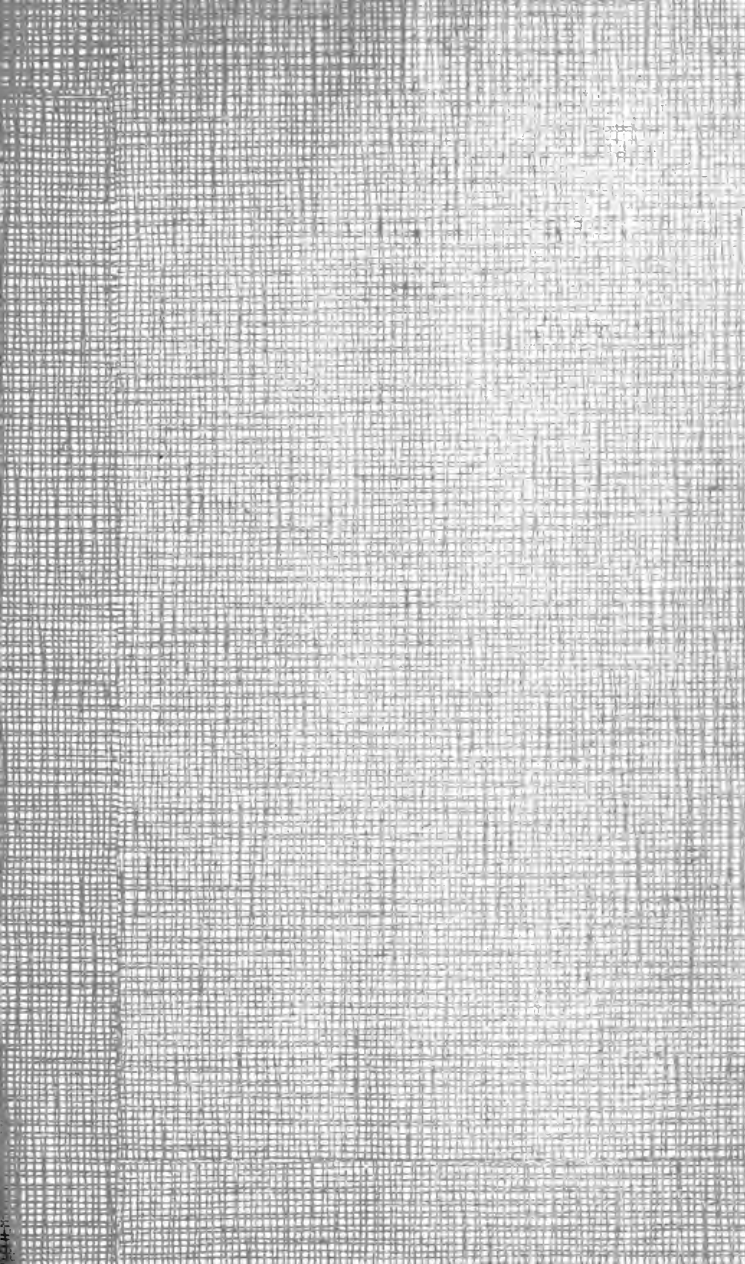




3 1761 07046807 9





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

ATRAVEZ
DO
PASSADO



ALBERTO PIMENTEL



ATRAVEZ
DO
PASSADO



GUILLARD AILLAUD, E C^{ia}

47, Rua de Saint-André-des-Arts

PARIS

Filial : 28, Rua Ivens

LISBOA



PQ
9261
P46A16
1888

DUAS PALAVRAS DE PROLOGO

A nota predominante n'este livro é pessoal, impressiva. O auctor retrograda mentalmente vinte annos da sua vida até encontrar esse longinquo paiz saudoso, que se chama « o passado » e cujos habitantes são, no dizer de Goethe, vacillantes imagens, entes imaginarios, vagas concepções de sonhos desfeitos, cinzas fluctuantes de esperanças que se apagaram.

Raro clarão de alegria scintillante lampeja atravez do nevoeiro da saudade, que, como os mais antigos instrumentos opticos, antes de John Dollond ter fabricado as primeiras lentes achromaticas, irisa os contornos das imagens, tornando-as mais ou menos confusas. Mas é justamente n'essa falta de achromatismo, n'essa doce mistura de luz e de nevoa, que está o maior encanto da saudade. Já de si mesma a palavra « saudade » é a mais expressiva e delicada da nossa lingua, como notou Garrett. E o sentimento que

ella exprime martyrisa tão coluptuosamente, que chega a parecer delicia.

Não é condão de uma ou outra alma privilegiada o gosar d'essa tortura, d'esse « delicioso pungir », como Garrett lhe chamára. Camillo Castello Branco encontrou em varios outros escriptores antitheses não menos engenhosas do que a do uuctor do « Camões » para definirem o agrado dolente da saudade, o que demonstra que todos a sentem do mesmo modo. E eu proprio tenho aqui á mão o « Leal Conselheiro » de D. Duarte, que Camillo não citou, e que por igual a define. Pois d'essa luz baça, crepuscular da saudade, luz ao mesmo tempo suave e triste, se illuminam as paginas d'este livro. Arreboes, faiscações de auroas purpurinas não ha encontrat-os aqui, porque já passaram ha muito. Mas ainda bem que Deus generalisou no coração dos homens essa suprema consolação de tornarem a viver pela memoria a vida que já viveram!

Recordações de amigos extinclos, historias de outro tempo que, por serem antigas, teem apenas a poesia das cinzas, comquanto n'um ou n'outro relanço possam doirar-se fugazmente d'um frivolo tom de ligeiresa; tradições populares que são como que marcos saudosos da passagem das gerações ultravez do tempo e, principalmente, lembranças da propria mocidade, petalas soltas e

seccas de flôres que se esfolharam, constituem a substancia d'este livro, que a muitos leitores avivará talvez a ideia de uma sociedade em que viveram e que se vai inhumando dia a dia.

É pois possivel que eu consiga despertar, pelo menos em algumas pessoas, um sentimento igual áquelle que inspirou este livro e, n'esse caso, o titulo será profundamente verdadeiro, porque juntos faremos a viagem retrospectiva da existencia, atravez do passado, e juntos descansaremos um momento n'esse longinquo paiz saudoso, a conversar as vacillantes imagens, os entes imaginarios, — vagas concepções de sonhos desfeitos, cinzas fluctuantes de esperanças que se apagaram...

ALBERTO PIMENTEL.

Lisboa, 18 de janeiro de 1888.



ATRAVEZ DO PASSADO

HA VINTE ANNOS

O Porto foi durante largos annos o alfôbre para onde a musa nacional, por muito tempo aclimada em Coimbra, se resolveu um dia a transplantar os seus bolbos ouriçados de radículas. N'essa epocha, a poesia lusitana era bastante pé fresco, queria agua regadia para medrar e viçar: por isso escolheu torrão hospitaleiro na margem direita do rio Douro depois que se viu desaninhada dos campos florentes do Mondego. Ao *Trovador* succedeu a *Grinalda*, isto é, ao rouxinol coimbrão, que desprendia as suas volatas no O' da Ponte, respondeu o rouxinol tripeiro que dulcificava os ouvidos á burguezia da rua das Flôres. Dois jornaes de versos! Isto chega hoje a parecer phantastico, assombroso. Mais foi uma realidade, foi: já houve n'este paiz dois jornaes que lograram viver com o só recheio de redondilhas e alexandrinos, — sem artigo de fundo e noticiario. Hoje não ha ali nenhum homem de coragem que seja capaz de pôr na rua uma gazeta lyrica; a coisa está tão desacreditada já, que nem mesmo qualquer argentario tem

procurado uma empresa d'essa ordem para se suicidar. Os millionarios do paiz preferem matar-se a tiro, quando o *spleen* os acommette; e todavia ser-lhes-ia mais commodo envenenarem-se lentamente com um jornal de versos editado para seu uso.

Eu lembro-me ás vezes com saudade d'esse bello tempo antigo em que a *Grinalda* floresceu, em plena rua das Flôres, bracejando as suas vergonteadas floridas para dentro das lojas dos ourives e dos mercatores, que poderiam não gostar de uma tal invasão de lyrismo a 500 réis por mez, mas que não ousavam repellil-a, fechando a porta. N'aquelle tempo a opinião publica era ainda pelos poetas contra os commendadores; a *Grinalda* tinha força no seio das familias, aquecia paixões, forjava ideaes, e nenhuma menina foi casar-se á Sé ou a S. Nicolau sem que primeiro houvesse feito o seu tirocinio romantico pela leitura do jornal de Nogueira Lima. As noivas só largavam a *Grinalda* de versos quando ella lhes havia conquistado a grinalda de flôres de laranjeira. Tudo, n'aquelle tempo, eram grinaldas, flôres, poetas e paixões. Que tempos! que tempos!

Os poetas eram os primeiros a apaixonar-se, visto que estavam com as mãos na massa. Nunca nenhum poeta magro da *Grinalda* fez da sua lyra escada para escalar um dote gordo. Amava-se por amar. O coração pedia amor: dava-se-lhe amor. O verso era o vehiculo mais convinavel para encurtar as distancias entre dois corações. Quem mais se apaixonava mais versejava. Santo Deus! Onde estão hoje quasi todos

esses poetas da *Grinalda*, que ha ainda quinze annos, talvez, tinham na sua mão o monopolio da poesia portuense? Morreram. Recordar os seus nomes é o mesmo que ir dispendo cruces n'um cemiterio de vastas dimensões. Um d'esses poetas chamava-se José Dias de Oliveira. Pozeram-lhe a alcunha de *Zé Triste*, porque o talentoso poeta ungia de melancolica suavidade as endeixas que sobrescriptava para uma dama recolhida no convento da Ave Maria, e cujo coração era não menos duro para o poeta do que as grades de ferro onde ella, ás tardes, inquadrava o rosto formoso.

Dias de Oliveira escreveu para essa dama um poema — *Lyra intima*, que poucos conhecerão em Lisboa, e que era tudo quanto de mais parnasiano, de mais primoroso e de mais artistico um poeta pôde cinzelar no metro em honra de uma mulher. Um *bouquet* de lyrios, feito por Deus ou por Constantino, não seria mais delicado :

Tu és minha como a folha
É do ramo onde nasceu.
Como os anjos e as estrellas
São do ceu.

Como o orvalho é das auroras,
Como é dos ventos o ar,
Como as ondas e as tormentas
São do mar.

Como a luz é dos espagos,
Como é do sol o calor,
Como os perfumes e as petalas
São da flor

Como a perola é da concha,
 Como o reflexo é da luz...
 Como os dois braços do Christo
 São da cruz!

Como as sombras são da noite,
 Como a noite é do luar...
 Como as imagens e as hostias
 São do altar!

Como o aroma é de teus labios,
 De teus olhos o fulgor,
 Como as nossas almas juntas
 São do amor!

O amor desventuroso tornara cada vez mais espessa a tristeza do poeta, que, ás vezes, no fim de uma ceia barata, bolçava sangue. Diziam as más linguas que elle feria as gengivas com o garfo para se dar ares de romantico, porque n'aquelle tempo toda a grande paixão mal succedida tinha obrigação de deitar sangue pela bocca.

Era calumnia. Dias de Oliveira nascêra doente, escrophuloso, anemico. E o amor pela dama de S. Bento ainda lhe fazia maior damno do que as escrophulas. Tenho aqui uns versos do pobre rapaz, que dão precisamente a nota do seu grande desalento e da sua profunda paixão pela dama do mosteiro :

Ai! de quem sonha e a delirar definha
 E a mil visões o coração entrega!
 De quem se abrasa no clarão, que cega!
 Ai! de quem diz : « Felicidade, és minha! »

Eu fui assim. Acreditei na vida...
 Julguei verdade uma illusão! Creança!
 Andei seguindo a enganadora esp'rança
 De ver á minha outra existencia unida!

Louco, pedi que, no cair da noute,
 Alguem viesse acalentar-me o peito,
 Povoar de amor meu solitario leito...
 — Pobre poeta! O despertar matou-te.

Quem realmente o matou foi o Brazil, para onde o poeta embarcou o seu amor desilludido. No Rio de Janeiro publicou um livro de versos, rarissimo em Portugal. Chamava-se *Aerolithos*, creio eu. Vi ha annos um exemplar nas mãos do sr. visconde da Trindade (José) e nunca mais tornei a ver qualquer outro exemplar. Corri os olhos pelas paginas dos *Aerolithos*. Bons versos, magnificos versos. Mas a obra prima de Dias de Oliveira foi a *Lyra intima*, — o poema do seu amor.

Guilherme Braga era a melhor cabeça de poeta que tem havido no Porto depois de Soares de Passos. Nunca lera senão Victor Hugo, mas nunca deixara de lêr Victor Hugo, — de modo que chegara a consubstanciar-se um pouco na individualidade grandiosa do poeta francez. Pódem acreditar-me os que nunca leram Guilherme Braga e têm lido Victor Hugo. É verdade. Guilherme tinha uma inspiração genial, que dava alma ao marmore em que elle esculpturava a estrophe.

Vivia á lei dos grandes poetas d'aquelle tempo. Bebia absyntho, trazia o cabello comprido, e levantava-

se ás quatro horas da tarde. Tudo isto era grande de mais para os outros que o rodeiavam, para o Porto d'aquella epocha, onde toda a gente labutava na sua azafama desde as nove horas da manhã. Elle não fazia nada, diziam. Fazia versos primorosos; e já não fazia pouco.

Um dia apaixonou-se por uma senhora da Villa da Feira. Este caso causou sensação no Porto — que um tão distincto poeta só podesse encontrar na provincia a dama que lograra enfeiticá-lo. Devia de ser formosissima. E era. Pallida, uma pallidez de perola; olhos e cabellos negros. Rendido o culto que todos os poetas de então deviam ao amor, Guilherme Braga lançou-se na lucta social que n'essa epocha açulava os espiritos fortes. Combateu com a sua lyra o ultramontanismo. Escreveu dois poemas notaveis, *O Bispo* e os *Falsos Apostolos*. São d'este ultimo poema as estrophes seguintes:

Lobos? Lobos... não sei... mas Deus proteja a escola
Se a espreitam, lá da sombra, os filhos de Loyola,

Que mais que tigres são.

A vibora expia: dorme, a fingir-se morta;

Que seja o Deus da luz quem feche aquella porta

Ao Deus da escuridão!

Quem lucta quer vencer, e ha muito, ao pé do abysmo,
Tu luctas sem cessar, velho Ultramontanismo,

Fanatico impostor!

Mas Deus sabe quem és... mas, d'esse abysmo á borda,
Quebra, apaga-te Deus, carrasco a tua corda,

Teu facho inquisidor!

A infancia,— aves do ceu n'um rumoroso enxame,
 Não precisa de ti... Vae, pedagogo infame,

Deixa-as voar á luz.

Vae! Debalde o milhafre ancioso, a pomba fita;

As almas d'amanhã prescindem do jesuita,

Basta-lhes bem Jesus!

A chamma d'aquelle grande espirito apagou-se prematuramente. Sabem onde está hoje Guilherme Braga? Na campa n.º 157 do cemiterio de Agra-Monte. Sua mulher, a formosa da Villa da Feira, pouco tempo lhe sobreviveu. Jaz na campa n.º 171 do mesmo cemiterio. E uma irmã d'esta senhora, loira, e formosa tambem, morreu phytica antes do cunhado e da irmã.

Pedro de Lima era um poeta que caprichava em inculcar tendencias byronianas, se bem que realmente elle fosse um crente. Amava como qualquer dos outros, embora porfiasse em mostrar-se conhecedor das miserias do mundo. Escreveu um livro: *Occasos*. Casou com a senhora a quem amava, e morreu doudo ha poucos annos, sendo empregado do correio do Porto.

Transcrevo, ao acaso, alguns dos seus versos em que transluz uma supposta experiencia das podridões sociaes que esphacelavam o coração da humanidade:

Era um vasto salão; fiôres, perfumes,
 Cortinados, jarrões, crystaes, espelhos,
 De lustres mil os cambiantes lumes
 Reflectindo, dourados e vermelhos.

E então vi-a passar envolta em sedas;
 Cahidas ao desdem as louras tranças,
 No lascivo volver d'impuras danças,
 Ao som da orchestra em harmonias ledas.

Tinha quinze annos apenas: da innocencia
 A c'roa já desfeita, ao pó cahira...
 Porque entregou su'alma à somnolencia
 E o seu anjo fugiu, quebrando a lyra.

.

Nogueira Lima era o proprietario da *Grinalda*. Tinha loja de ourives na rua das Flôres. A critica não o poupava. Accusava-o de ser ourives entre os poetas, e poeta entre os ourives. Tinha todo o *cachet* romantico d'aquelle tempo, na lyra e no bigode. Vergava ao peso de uma predestinação fatal, julgava-se o mais infeliz dos homens, o mais desventuroso dos poetas, e o mais desgraçado dos ourives. Se eu nascesse chappelleiro, dizia elle a cada momento, nunca ninguem mais tornaria a nascer com cabeça. Sustentava a *Grinalda* como Christo aguentara o peso da cruz: um martyrio, uma glorificação. É certo que o periodico teve muitas assignaturas, contando-se entre os assignantes varias pessoas que não sabiam lèr. Mas a impressão da *Grinalda* era tão primorosa, — um capricho artistico de Nogueira Lima — que a receita não cobria a despeza.

Adorando sempre as flôres, as aves, as creanças, a poesia e a musica, Nogueira Lima morreu pouco tempo depois da *Grinalda*.

Dos seus versos apenas posso citar n'este momento

duas quadras, que se intitulam: *Epitaphio para a campa d'uma creança* :

Dorme em teu leito, dorme em paz, ó flôr purissima!
Espalha o teu perfume, e embalsamando o cêo,
Co'a debil mão desvia o negro e espesso véo,
Que aos olhos teus encobre a pobre mae tristissima.

Acorda então, Maria, e da morada célica
Olha a terra onde, junto á mais singela cruz,
Vem teus pais, com saudade, esp'rar a etherea luz
Que te ilumina a fronte, ó nivea flôr angelica!

Julio Diniz (Gomes Coelho) o grande romancista portuense, era tambem poeta, — como se sabe. Frequentava a loja de Nogueira Lima e as columnas da *Grinalda*. Era um melancolico, fallava pouco, vivia concentrado, detestava a medicina, de que era professor, e adorava a litteratura, de que era cultor modestissimo. No tempo aureo da *Grinalda* poucos todavia suspeitariam n'elle o auctor das *Pupillas do senhor reitor* e da *Morgadinha dos Cannaviaes*.

Quando eu publiquei em 1872 a biographia d'este notavel romancista, dizia, fallando de uns versos seus — *O bom reitor* — : «Quem sabe se a inspiração d'estes versos, que se nos affiguram escriptos muito antes de serem publicados, foi ainda o germen de que desabrochou, rescendente ao perfume das serras e colorido com as tintas mimosas das flôres do campo, o romance *Pupillas do senhor reitor*? Crêmos que sim. O grão que o semeador deixa cahir na leiva é na primavera flôr, no outomno fructo, e no inverno riqueza.»

Os versos — *O bom reitor* — dizem assim :

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero! toda a vida
Levou com dôr.

Fez quanto bem podia...
Mas... afinal
Morre e na pobre campa
Nem um signal.

Nem uma cruz ao menos
Se ergue do chão!
Geme lhe só no tumulo
A viração.

Vedes, além... na relva...
Junto ao rosal
Flôres que ha desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;
A criação
Paga-lhe assim a dívida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As creancinhas nuas,
Que estremeceu
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral visinho,
Ao pôr do sol,
Vai-lhe carpir saudades
O rouxinol.

Lágrimas... pobre campa!
Ai, não as tem.
Só da manhã o orvalho
Rocial-a vem.

Da solitaria lua
A triste luz
Grava-lhe em vagas sombras
Estranha cruz.

E elle repousa, dorme...
Vive no céo:
Dorme, esquecido e humilde
Como viveu.

Ha n'esta vida amarga
Sortes assim.
Vive-se n'um martyrio,
Morre-se emfim,

Sem que memoria fique
Para dizer
Ás gerações que passam
Nosso viver.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado fór.
Ore pelo descanso
Do bom reitor.

Gomes Coelho morreu phytico no dia 12 de setembro de 1871.

Joaquim Pinto Ribeiro, filho de negociante e irmão de negociantes, era poeta de bom quilate. Morreu quasi mysanthropo em Lisboa. Revelou-se n'um livro — *Lágrimas e flôres* (1854), a que se seguiu outro livro, *Corôas fluctuantes* (1861). A sua familia preferiria que elle fosse tambem negociante, mas Pinto Ribeiro olhava mais para os astros do que para o negocio.

Bella, eu lhe disse, no teu calmo gesto
 Todo o socego de teu peito leio.
 Bardo, disse ella co'um sorriso honesto,
 A lua é calma e tem vulcões no seio

escreveu elle n'uma formosissima estrophe, que toda a rua de S. João, onde morava, não chegara a perceber, se exceptuarmos um novel poeta da mesma rua, Augusto de Queiroz, cujo pae tinha loja de bacalhau.

Queiroz veiu depois da *Grinalda*; mas versejou na *Esperança* e na *Mocidade*, periodicos mixtos, de prosa e verso, que floresceram mais tarde. Sousa Viterbo, meu antigo amigo, e um dos poucos sobreviventes, era o proprietario da *Mocidade*.

Ahi sahiram estes versos, cujo titulo era um simples nome de mulher — *Maria*:

Maria! fulgida aurora!
 Luz etherea, ardente sol!
 Visão pura e seductora
 Ceu azul, astro, arrebol!

Meiga pomba de esperança!
Anjo bom do trovador!
Linda noite de bonança!
Purpurea, mimosa flôr.

Laurea c'róa do poeta!
Do meu templo cruz e altar!
Lampadario que projecta
Sua luz no meu olhar!

Sorriso, benção, afago!
Côro aereo, matinal!
Cysne boiando n'um lago!
Lago á sombra d'um rozal!

Não me negues a ventura,
Não me escondas teu olhar;
Vem, estrella sempre pura,
Doira as ondas d'este mar.

Vem fazer seccar o pranto,
Que aos cilios meus chama a dôr;
E recebe o culto santo
Que te sagra o trovador!

Morreu phytico o pobre moço Queiroz, que nunca foi um poeta de *élite*, mas que tinha facilidade em fazer rimas entre rumas... de bacalhau, nos armazens de seu pae.

É realmente preciso dispôr de coragem para ir continuando esta luctuosa via-sacra, de tumulo em tumulo, n'um cemiterio que em poucos annos se atulhou de cadaveres.

Antonio Pinheiro Caldas era poeta, e mercador de pannos na rua das Flôres. Possuía uma lyra sangui-

nea como elle. Ensoava versos emphaticos e retumbantes. Recitava nos espectaculos pomposos, declamando como um actor hespanhol. A vocação poetica prejudicava-o commercialmente, e um dia o negociante julgou indispensavel o auxilio do poeta. Seria muito mais sensato ter feito o contrario, mas Pinheiro Caldas, coordenando uma esplendida edição dos seus versos, partiu com ella para o Brazil. Aconteceu-lhe que, tendo deixado de vender os pannos no Porto, deixou de vender os versos no Brazil. Voltou mais pobre do que fôra, porque vinha mais empenhado. Quiz ainda lutar com a má fortuna pondo uma loja de tabacos na rua do Bispo. Morreu degostoso da vida, o que, ainda assim, é talvez a melhor maneira de morrer...

Ernesto Pinto de Almeida era empregado n'um dos bancos do Porto. Tinha uma organização artistica, nervosa, melancolica. Sabia musica, interpretava os compositores allemães, e compunha versos com certa espontaneidade sentimental. O seu primeiro livro chamara-se *Solidões*. A edição era esplendida, fez o desespero de todos aquelles que desejariam publicar os seus versos ainda que fosse em papel pardo. Mas Ernesto Pinto de Almeida era o editor de si mesmo, — felicidade de que só elle parecia gosar n'um tempo em que era difficil fazer editar um livro pela casa Moré, e em que Ernesto Chardron era ainda caixeiro da casa Moré.

Tenho deante dos olhos uma composição sua, *Página d'um livro negro*, um d'esses gritos de desalento

que frequentes vezes irrompiam do peito dos poetas d'aquelle tempo.

Anjo d'aureo cabello! ao negro abysmo
 Onde, longe dos ceus, vagueia o naufrago
 Não abaixes teus olhos!
 Conserva côr de jaspe as azas puras:
 Aqui reina a materia, o lodo, o crime!...
 Deixa-o luctando, só, co'as tempestades
 N'este oceano d'escolhos!

De aneio infindo a chamma hauriu-lhe a vida.
 Foi seu peito a cratera onde, candentes,
 Bramiram rubros mares:
 Como, apoz irrupção tremenda, o Etna,
 O alento que ora exhala é cinza esteril,
 Que as flôres ennodôa, os soes offusca,
 Altera e obumbra os ares!

Tarde vens consagrar-me o claro prisma
 Que, nos floeos vergeis da mocidade,
 Empyreos nos descerra.
 Tarde... não torna á vida a flor mirrada.
 Innunde-a, embora, o matutino orvalho!
 N'esta caverna adusta em que é sob'rana
 Ergue o seu throno a terra!...

Minha alma já não póde abrir seu vôo
 E subir, e subir, e, em mar d'estrellas,
 Vogar aos pés do Eterno;
 Á morada onda finda toda a esp'rança
 Attrahiram-n'a do odio as vis serpentes:
 Sempre ás auras de Deus que o ar perfumam
 Se une o sopro do inferno!

Urbano Loureiro era então o critico implacavel dos

vates incipientes. Flagellava com graça os aleijões metricos de cada um, e ridicularisava com uma penada as mais violentas irrupções de lyrismo subjectivo que explodia pela cratera da *Grinalda*, da *Esperança* ou da *Mocidade*. Muitos dos criticados maguavam-se de se ver ridiculos aos olhos da mulher cantada; doia-lhes mais isso do que a sua vaidade de cantores. Por fim de contas, Urbano Loureiro morreu amigo dos seus inimigos da vespera, que chegaram a reconhecer a nobreza do seu character austeramente independente.

Eu fui d'esses, depois de haver sido valentemente escaramuçado por Urbano Loureiro durante a publicação das minhas primeiras tentativas litterarias.

Não posso n'este momento esquivar-me a dar a lume um pormenor, que até hoje tem estado retido na pasta dos meus papeis.

Em 1879, redigia eu duas secções do *Diario Illustrado*: *Atravez da imprensa*, em prosa, e *Kalendario alegre*, em verso.

Ambas as secções eram diarias.

A principio não se sabia quem fosse o auctor de uma e outra, e muito menos que fosse a mesma pessoa o auctor das duas secções.

Foi n'esta conjunctura que se recebeu no *Diario Illustrado* uma carta de Urbano Loureiro sobrescriptada para o *redactor do Kalendario alegre*.

N'essa carta, o ardente critico portuense convidava o seu desconhecido collega do *Diario Illustrado* para correspondente em Lisboa de um periodico satyrico

que ia publicar no Porto com o titulo de *Tam-Tam*.

Li a carta e pedi a interposta pessoa que respondesse em meu nome, acceitando, medeante a condição de que continuaria a conservar o anonymo em que o redactor do *Kalendario alegre* desejava occultar-se.

A resposta de Urbano Loureiro á carta que eu ditára, não se fez esperar :

Meu desconhecido correspondente

Deixe-me em primeiro logar, agradecer-lhe a obsequiosidade da sua resposta, que me revela um cavalheiro extremamente delicado e attencioso, como nem sempre costumam ser os mascarados,—e, em segundo logar, sentir a clausula imposta — da reserva do incognito, que me inibe de, mais cedo ou mais tarde, apertar a mão d'alguem a quem eu sinceramente estimaria.

Posto isto entrarei no assumpto. Fòra meu empenho remunerar gallardamente os auxiliares da modesta folha burlesca, de que tenho a direcção e não perdi as esperanças de o conseguir mais tarde. Presentemente é impossivel. Ora, com franqueza, como gratificação, e para principiar, julga inaceitavel 3,5000 réis por mez, ou antes por cada quatro correspondencias?—É quanto a nova folha pode dispender depois de consultados os registros da venda avulso. Agora o dia: No caso de o meu desconhecido correspondente annuir, era convenientissimo que a correspondencia, em pequenos *suellos*, prosa e verso,

como quizer, esteja em meu poder, na sexta feira de manhã, o que vale dizer, que deveria vir no correio de quinta feira.

Agora resta-me só pedir-lhe desculpa da massada, e que me considere um

etc., etc.

URBANO LOUREIRO.

Porto, 4 de novembro:

Durante algum tempo, collaborei assiduamente no *Tam-Tam*, de Urbano Loureiro. Mantive-me teimosamente no anonymo, mas um bello dia o illustre critico portuense, tendo quasi a certeza de que era eu o seu correspondente em Lisboa, fez appello á minha honra para que declarasse o meu verdadeiro nome. Obedeci, como já então não podia deixar de ser. Desde esse momento devi a Urbano Loureiro as mais subidas provas de consideração litteraria e pessoal. Uma d'ellas foi o convite que me fez para correspondente diario da *Lucta*, folha politica que elle redigia no Porto intrepidamente. Quero indemnisal-o, dizia-me elle pouco mais ou menos, dos embaraços que lhe causei no principio da sua carreira.

Como me demorasse alguns dias em responder, Urbano Loureiro instou comigo na seguinte carta:

Meu amigo:

Avisinha-se o principio do anno e por isso não estranhe que eu lhe escreva renovando a minha proposta : posso contar com uma correspondencia diaria

para a *Lucta*, politica e noticiosa, correntemente escripta, sem apparatus de commentarios, regulando 5 a 6 tiras das que me costuma mandar para o *Tam-Tam*?—e no caso affirmativo, convem o preço porque as escreviam o Guilherme e o Gervasio ¹, 18\$000 réis mensaes?

E agora um favor : poderá remetter-me os retratos, caso estejam ahi á venda, como creio, do Marianno de Carvalho, visconde de S. Januario, Latino Coelho, Saraiva de Carvalho, Casal Ribeiro, duque d'Avila, Luciano de Castro, Pequito, Luciano Cordeiro, Emilia das Neves, Guerra Junqueiro e Guiomar Torresão? Na volta do correio mando o seu importe. Desculpe-me esta impertinencia e creia-me sempre.

Dedicado amigo e collega

URBANO LOUREIRO.

Em vista de tão amavel insistencia, fui tambem correspondente da *Lucta*, cargo que ainda ha poucos annos declinei.

Os soffrimentos phisicos de Urbano Loureiro — uma lesão de coração — aggravaram-se cruelmente na faina jornalistica. Foi já muito doente que me escreveu a seguinte carta, em resposta a uma em que eu lhe pedia me enviasse alguns retratos de notabilidades portuenses para serem estampados no *Diario Illustrado* :

1. Guilherme de Azevedo e Gervasio Lobato.

Meu amigo :

Ha oito dias que uma palpitação violenta, de que soffro, e que se aggrava sempre que me vejo forçado a uma applicação demorada, me impede de sahir de caza e me desculpará de não lhe ter escripto. Na impossibilidade de ir eu mesmo, escrevi a alguns amigos, solicitando d'elles retratos de medicos e juriconsultos nas condições indicadas na sua carta. Tenho promessas do retrato do Almeida, operador, do dr. Reis, auctor do codigo pharmaceutico, do Carlos Lopes, Chico Anthero, etc.; mas não os poderei haver sem procurar os sujeitos. Apenas saia, farei por satisfazer ao seu pedido.

É desnecessario dizer-lhe que as suas correspondencias teem sido acolhidas por todos os leitores da *Lucta* com a mais agradavel sombra, o que não é favor senão justiça.

Desculpe-me não alongar mais esta carta. Sinto um nó na garganta, que apenas me deixa respirar. Isto, um dia... Adeus.

Aperto-lhe cordealmente a mão.

Sincero amigo

URBANO LOUREIRO.

13-4-1880.

Isto, um dia... escrevera Urbano Loureiro.

Esse dia terrivel não se fez esperar : Urbano Loureiro fallecia pouco depois víctima de lesão do cora-

ção, o angustioso padecimento que, tendo-lhe roubado a saúde e a alegria, acabou por lhe roubar a vida.

As suas cartas, pela primeira vez agora publicadas, são para a sua biographia um testemunho valioso da nobresa do seu character, da fidalguia dos seus sentimentos.

Só essa consideração poderia levar-me a dal-as á publicidade.

Cherubino Lagoa, que ainda vive, era um homem de cincoenta annos quando eu o conheci cartorario da Santa Casa da Misericordia do Porto. De vez em quando versejava, por não poder furtar-se ás derradeiras crepitações do seu estro poetico. Mas a inspiração havia-se-lhe desluzido na pratica da vida real e na convivencia com os mesarios da Santa Casa, ricos de torna viagem, philantropos e commendadores. Espiritualmente, vivia do passado, como acontece aos poetas que envelheceram. Fizera-se archeologo, porque a archeologia é o ultimo paradeiro romantico dos espiritos inclinados á poesia. Quando a alma encanece, compraz-se em viver n'uma atmosphera de saudade. A archeologia tem um sabor especial para estes casos : é a sciencia do passado dulcificada pela poesia das cinzas.

Foi como antiquario que se me apresentou em 1876 Cherubino Lagoa. quando eu, querendo escrever o *Guia do viajante na cidade do Porto*, visitei n'aquella cidade a secretaria da Santa Casa. Abro agora o roteiro portuense, que publiquei um anno depois, e

encontro, a respeito de Cherubino Lagoa e da Misericórdia, as seguintes linhas :

« Com referencia ao estabelecimento da confraria da Misericórdia na cidade do Porto, achamos escripto que se deve á rainha viuva D. Leonor, no anno 1499, em a capella da Senhora da Encarnação, no claustro da Sé, e que em 1555 fôra a Misericórdia mudada para a rua das Flôres.

« Achamos isto accetavel por ser em tudo conforme com o que se fez em Lisboa, onde a confraria foi instituida em 1498, tambem no claustro da Sé, na capella de Nossa Senhora da Piedade.

« Todavia, pelo que deprehendemos d'uma breve conversação, não é inteiramente da mesma opinião o actual cartorario da Santa Casa da Misericórdia do Porto, o sr. Cherubino Lagoa, que desde muitos annos tem estudado o assumpto.

« Parece-lhe, se não estamos em erro, que a Misericórdia fôra logo instituida no Porto em casa propria e, como testemunha o celebre quadro, de que vamos fallar, que a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, e el-rei D. Manuel, que voltara de Hespanha, collaboraram ambos depois da morte da rainha D. Isabel (1498), no estabelecimento da confraria no Porto.

« Não é este o logar proprio para tratar questões historicas, e, que o fosse, delegariamos a tarefa em pessoa mais competente.

« O quadro de que promettemos fallar acha-se na secretaria da igreja da Misericórdia, e foi por muito tempo attribuido a Gran-Vasco, como aconteceu a

quasi todos os quadros da escola que em o nosso paiz substituiu a pintura gothica.

« Suppõe-se pois, e com algum fundamento, que o verdadeiro autor do quadro fosse Holbein, o qual e Cristovam d'Utrecht « foram, talvez, d'entre os pintores estrangeiros — diz o sr. Vilhena Barbosa — os que mais trabalharam, por encommenda directa, para adorno dos templos de Lisboa. » Além do que, parece estar hoje averiguado que Holbein visitara á peninsula, e o sr. Cherubino Lagoa suppõe que o proprio auctor se retratou n'um dos personagens do quadro, e que tirada uma perpendicular da cabeça d'esse personagem para a parte inferior do quadro, vae ella cair sobre uns traços que se lhe affiguram ser o monogramma de Holbein.

« Posta de partê esta curiosa questão, diremos que o assumpto do quadro é a instituição da Misericordia do Porto. O sr. Vilhena Barbosa diz, na suas *Cidades e villas da monarchia portugueza*, fallando d'este monumento artistico, que « no quadro estão retratados el-rei D. Manuel, com a rainha D. Maria, sua segunda mulher, e todos os seus filhos. » O sr. Cherubino Lagoa não suppõe assim. Parece-lhe que no quadro, além de muitas outras pessoas, figuram D. Manoel, todos os seus filhos, e a rainha viuva D. Leonor. Incliamo-nos para esta opinião : Primeiro, por ser ella a instituidora da Misericordia em Lisboa; segundo, por se lhe divisar um véo sobre a coròe e á volta do pescoço, véo porventura indicativo de viuvez; terceiro, porque bem podia ser pintado durante

o periodo da primeira viuvez de D. Manoel, quer dizer, de 1498 a 1500. »

Os ultimos versos que eu conheço do sr. Cherubino Lagoa foram publicados na *Mocidade*, comquanto estejam datados de 1855, muitos annos antes. São antigos, como já então era o poeta. Mostram bem a velhice da sua alma quebrantada pela descrença. O nome de Alzira, que n'elles apparece como recordação pungente, parece escripto como n'um epitaphio sobreposto a cinzas que a memoria revolveu. N'aquelle tempo, ainda Alzira era um nome poetico para ensoar estrophes : hoje tem todo o sabor archaico de uma velharia romantica.

Vê-se que o poeta vivia de recordações historicas, contemplando o seu passado como se fôra um quadro de Holbein : tudo antiguidade e monumentos.

Os versos intitulam-se *Endechas* :

Alaúde de cordas sonoras,
 Mais um canto e extremo na dôr,
 Mais um sonho de gloria e perdido,
 Mais um sonho fallaz e d'amor.

Ai! de gloria e de amor, os dous sonhos
 Mais queridos do meu coração,
 Mais ardentes que a lava sanguinea,
 Arrojada d'immenso vulcão.

Negro ramo de triste cypreste
 Venha a frente do poeta cingir.
 O meu facho candente apagou-se,
 O meu astro desceu ao nadir.

Sem amor uma palma que vale?
Doura amor esta vida, este ser;
É amor o talismã do genio,
Mundo um caos, sem flôr ou mulher!

A mulher, essa esphyge, esse mytho,
Que na terra ninguem entendeu,
E que um dia nos surge do inferno,
E que logo nos desce do céo.

Ai de gloria e amor, quem dissera
Qu'esses astros de fulgida luz,
Inda um dia nas sombras perdidos
Nem sequer me dourassem a cruz...

Uma cruz onde fôra rojar-me
Em procura de crença e de fé:
E que barro no pó me tornasse
Eu perdido, eu soberbo e de pé.

Quem o louro invejado da fronte
Do poeta lá foi arrancar,
E do peito este amor tão sentido
Qual um brinco d'infante quebrar?

Foi Alzira? — sem ella, esta vida
Como a chamma da luz se apagou,
E o dedo d'esteril descrença
Em minha alma vasia tocou.

D'esse sonho tão breve do estio
Que mais resta senão a visão,
Que se apaga, se esvae, mas que eu guardo
Bem no fundo do meu coração?!

E a dôr, e a saudade e o remorso!...
E mais tarde uma lagea... e depois
Negro olvido ao poeta... e ás rosas,
Outras rosas e noites e soes.

Houve um outro poeta portuense que eu conheci pouco. Fallei-lhe uma ou duas vezes apenas. Chamava-se Alfredo de Carvalho : era lyrico como todos os poetas d'aquelle tempo. Devia ter para mais de quarenta annos : eu era então uma creança, circumstancia que não podia recommendar-me á consideração dos que já iam adeantados em annos e triumphos.

Uma irmã d'este poeta, D. Branca de Carvalho, cultivava tambem as letras, e quer-me parecer que chegou a publicar um romance no *Jornal do Porto*.

Mas a minha memoria vacilla pelo que toca a recordações d'esta familia de litteratos.

Foi no Porto que eu conheci a sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata, medeante apresentação do meu amigo Sousa Viterbo.

Eu havia escripto por esse tempo uma cousa que tinha pretensões a poema. Não passava em verdade de uma *enfantillage* bastantemente lyrica, e incorrecta. Mais tarde rasguei o manuscripto, e fiz bem. Mas hoje, confesso-o francamente, não teria tido a coragem de rasgal-o, porque o meu espirito, como um jardineiro que vê aproximar-se o outomno, prende-se com saudoso apêgo ás ultimas florescencias que se despedem do estio...

A leitura do *D. Jayme* fôra tentação e incentivo para os trovistas de então. Eu obedeci á corrente que o *D. Jayme* estabelecera. Imaginei ter tambem feito um poema e li-o, a um grupo de amigos, no formoso jardim de Sousa Viterbo, na praça do Duque de Beja.

Ouviam-me no caramanchão os poetas, e as rosas que enlloravam os canteiros proximos. Não obstante o bucolismo da *mise-en-scène*, o meu poema foi baptisado bacchicamente com vinho do Porto. Dos ouvintes, os poetas acharam-n'o bom, depois de terem bebido o *Porto*: as rosas, que só tinham bebido pela manhã perolas de orvalho, e que estavam portanto em dieta lyrica, não disseram nada: que era bom nem que era mau.

Sousa Viterbo fallara á sr.^a Prata do meu poema. *Abraço de morte* se chamava elle. Passados annos dynamisei o assumpto n'um pequeno conto, que corre impresso, nem eu sei já em que livro.

A sr.^a Prata mostrou um amável empenho em conhecer a minha obra. Sousa Viterbo disse-m'o, e combinou-se que eu faria uma segunda leitura do poema em casa d'aquella senhora.

Fui. Eu, n'aquelle tempo, não admittia poetisas velhas. Hoje ainda me inspiram maior respeito se são macrobias. Vou comprehendendo a lucta da alma com a velhice.

A sr.^a Prata era já bastante idosa, e na sua physionomia, além dos estragos do tempo, havia os do soffrimento. Recebeu-me com finos requintes de amabilidade, um dos quaes foi por certo a paciencia benevola com que ouviu a leitura do poema. Estava presente seu marido, e faziam *cercle* quatro ou cinco intimos da casa. Depois da leitura, serviu-se vinho do Porto e bolos. O meu poema parecia apostado em dar cabo de todas as garrafeiras. Era eu que bebia

por elle, mas compenetrava-me do dever de beber por dois.

A sr.^a Prata tinha um filho, que não podia levantar-se do leito. Estava paralytico, e creio mesmo que era mentecapto. Admirei que a sr.^a Prata, mãe extrema, tivesse a coragem heroica de se dar ao cultivo das bellas lettras em tão angustiosas condições de vida domestica. Ouvi-a conversar modestamente sobre litteratura, e interromper-se de subito para acudir á alcova d'onde o filho muitas vezes pedira com um gemido o auxilio do seu carinho materno. Ao voltar de ao pé do leito do filho, a sr.^a Prata lamentára, de uma vez, a provação a que a Providencia a sujeitava havia muitos annos. Fallára da morte sem temor, e demorou os olhos nublados de lagrimas na porta da alcova onde estava o filho. O seu olhar era eloquente. Se não fôra aquelle desgraçado paralytico, queria por certo morrer. Mas o filho prendia-se á vida da mãe n'um supplicio demorado, e a pobre mãe não queria que o seu filho, apesar de incuravel, morresse...

Da serenidade religiosa com que a sr.^a Prata encarava o aniquilamento da materia dão ideia bastante os seguintes periodos de um artigo, que aquella senhora publicou no periodico litterario — *Mocidade*. Esse artigo constitue o unico escripto seu que n'este momento tenho á mão.

Por este motivo, e porque vem em socorro das minhas asserções, transcrevo os periodos em que a desventurosa escriptora se dirige ao anjo da morte

n'uma invocação unvida de consoladora fé na immortalidade da alma :

« Anjo d'azas de crepe, horror da humanidade, porque assim temer-te, quando tu vens abrir-nos as formidaveis portas que nos conduzem para a mansão do Eterno!... Oh! vem, não retardes a felicidade ao que te não teme, ao que já transpoz, chorando, os desertos da terra; ao que vive de saudades, ao que do mundo nada mais espera...

« Vem, que importa o teu sinistro aspecto e as tuas plumas negras, se pairando sobre ellas volveremos para a luz do paraizo!... Anjo lugubre da morte, leva-me nas azas pallidas. Conduz-me á região das almas, ao mundo dos espiritos, á minha verdadeira patria!... Que importam os vergeis da terra, semeados de flôres ás mil, se em cada rosa se occulta um espinho, se entre os ramaes se escondem os áspides!... Que importam doidos fulgores de tão curta duração, se, logo após, mil tormentos nos fazem lembrar que ao mundo só viemos para soffrer!...

« Vem, meu anjo envolto em vestes funebres, que eu não temo a tua fouce; leva-me a outras varzeas, onde as flôres nunca murcham, onde as rosas não teem espinhos, onde os ramaes não teem áspides. Conduz-me, anjo da morte, aos jardins do paraizo, onde a verdura nunca se extingue. Ah! os gozos não findam, tudo é eterno, como eterna é a gloria! Milhões de cherubins rodeiam o throno diamantino do Altissimo e entoam ao sonoro som das harpas hymnos celestes em seu louvor.

« Alli não se ouve o sibilar dos ventos, nem o rumoroso bramir dos mares: o trovão não rebomba e o raio jámais scintilla. Sereno alli é tudo, tranquillo e em paz.

« Vem, vem anjo dos tumulos, conduz-me a esses mundos de delicias; consente que um dia accorde verdadeiramente poeta no regaço d'aquelle Deus, a cujo unico

aceno os orbes inflammados rolam cheios de luz e de harmonia na vastidão dos espaços. »

Não posso agora dizer se o filho da sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Prata já tinha fallecido ao tempo em que sua mãe escrevia isto. Mas é natural que sim. O que eu julgo saber é que falleceu no Porto, e que o pai morrera pouco depois do filho.

A pobre senhora, vendo-se só no mundo, torturada de recordações dolorosas que n'aquelle cidade enluc-tavam o seu espirito, viera viver para Lisboa. Morava para os lados do Ferragial. Disse-me isto Sousa Vi-terbo, posto que eu nunca a visitasse, porque, ao tempo da minha installação em Lisboa, não podia desperdiçar em visitas de cumprimentos o tempo que me era absolutamente indispensavel para a faina do trabalho, jamais interrompida desde então até hoje... Se eu escrevesse um dia o romance d'esta installação aventureosa, condemnada de amigos e conhecidos como um passo dado ao acaso por temeraria coragem, ninguem o acreditaria, tão abstruso parece!

Creio que em Lisboa a sr.^a Prata escreveu pouco. Resvalava para a sepultura n'uma solidão lacrimavel. No Porto sei eu que, além de varias poesias e artigos dispersos pelos jornaes, dera a lume um poema religioso — *O Filho de Deus*, — e traduzira, como Soares de Passos, algumas composições de Ossian ou de Macpherson.

Um dia disse-me não sei quem que a sr.^a Prata morrera. Os jornaes guardaram a este respeito um

silencio indifferente. Mais tarde ouvi dizer que a illustre escriptora instituiria seu herdeiro o poeta portuense, n'essa occasião residente em Lisboa, Pinto Ribeiro, o qual já teve n'estas paginas a devida commemoração, e que pouco tempo lhe sobreviveu.

Ninguem sabe na capital, nem eu proprio, que á sr.^a Prata devi algumas amabilidades obsequiosas, o logar da sua sepultura. Está nos Prazeres ou no Alto de S. João? Não sei. E todavia, com o seu talento, se houvesse sido sufficientemente immodesta para mendigar *reclames*, teria tido pelo menos a necrologia dos jornaes e as lagrimas do noticiario.

Ninguem deu pela sua chegada a Lisboa nem pela sua partida para o cemiterio. O mundo das capitaes só conhece os que se lhe impõem pelas ostentações da vaidade e ella, pobre mulher, ferida no coração pelas suas amarguras de mãe e de esposa, apenas conhecia da vaidade as lettras com que esta palavra se escreve.

Outras nem isso conheceram, e todavia foram choradas.

Agosto de 1886.

O EDITOR CHARDRON

Sepultou-se ha poucos dias no Porto um francez das Ardennas, com quem, durante muitos annos da minha vida, mantive estreitas relações de amizade. Era o editor Chardron, homem alegre, activo, emprendedor, ás vezes um pouco brusco, — mas estimavel. Não posso recordar o nome do editor Chardron sem mais ou menos ter que lembrar-me de mim proprio, d'esse outro homem que eu fui, ha bons quinze annos, porque a verdade é que, todos os dias, cada homem vae perdendo alguma cousa do que foi e adquirindo alguma cousa do que ha de deixar de ser...

Tem-se dito muitas vezes que a vida é como um livro. A comparação é velha, mas exacta. Volta-se hoje uma pagina, amanhã outra. De vez em quando, põe-se uma flôr secca entre as folhas: é uma recordação que passa. E volta-se outra pagina e outra e outra... Depois, o livro fecha-se por si mesmo, e apenas conserva na lombada, como memoria para os que vierem após, um nome, nada mais.

Quando eu conheci Ernesto Chardron estava passando vertiginosamente as primeiras paginas do livro da minha vida, — paginas cheias de flôres e canticos, de alvoradas e aromas. Era abril, — esse abril tão gor-

geiado e tão colorido, em que a transição dos dezoito para os vinte annos é uma festa, como todas as manhãs de primavera.

O meu ideal còr de rosa era — publicar. Mas para publicar era preciso um editor. Onde estava elle? Ah! essa era a difficuldade! Versos tinha eu, muitos e maus, versos que a minha alma cantava adejando, poemas que eu ia sonhando pelo azul, atravez das estrellas, como se tivesse azas que me levantassem até onde a phantasia me arrojava...

Chardron era n'esse tempo empregado superior da livraria Moré, de que José Gomes Monteiro, o sabio bibliophilo, era gerente. Constava que Chardron já editava por sua propria conta alguns livros, como para ensaiar forças tentando o futuro. Aquella livraria, collocada n'um dos sitios mais centraes do Porto, sitio onde a gente tinha que passar e parar, quasi sem dar por isso, era a minha terra da Promissão, o meu sonho de todos os dias, namorava-lhe as *montras* cheias de livros novos, namorava-lhe os livros, e aos livros namorava-lhes os titulos, tantalisado pela inopia da minha algibeira de estudante. Eu tambem tinha d'aquillo em casa, livros, muitos livros, mas a differença estava em que aquelles, que não eram feitos por mim, estavam impressos e podiam ser lidos por toda a gente; — ao passo que os meus, escriptos em papel almasso, só eu os podia ler, só eu sabia que existiam.

Um editor é que me podia salvar, mas os editores não haviam de ser tão arrojados que se quizessem

arruinar com um anonymo. Está alli o Chardron, que é editor! dizia eu comigo mesmo, olhando para dentro da loja atravez da *montra*. Mas quem é o Chardron? perguntava logo em seguida a rasão. É um francez que tu não conheces, respondia o desalento. E eu tornava a olhar para dentro da loja, como um avarento pôde olhar para dentro de um cofre cheio de ouro. Está alli o Gomes Monteiro, que é o gerente da casa! dizia a esperança. E a reflexão respondia: O Gomes Monteiro é um sabio, que só ignora uma cousa: a tua existencia!

De repente vinha descendo os Clerigos algum dos tyrannos do lyceu, algum professor d'estes que põem medo á gente, como as trovoadas, quando se aproximam, e eu fugia de ao pé dos livros, por fugir á responsabilidade de ser chamado á lição no dia seguinte.

.....

Um dia, Gomes Monteiro editou-me um livro, de que Camillo Castello Branco fôra padrinho. Era o *Natal na residencia*, um poemeto, de que o illustrado editor, por animar as minhas esperanças, quiz fazer uma bella edição, em typo elzevir. Se eu tivesse descoberto a pedra philosophal, ou mesmo a polvora, não me sentiria mais feliz, mais orgulhoso. Os *habitués* da livraria, a fina flôr do mundo elegante e do professorado, perguntavam a Gomes Monteiro: Quem é o auctor? E Gomes Monteiro respondia com o seu ar de extrema benevolencia paternal, que depois sempre teve para comigo: É aquelle rapazito que ali

está. Eu ouvia, e quando não ouvia, adivinhava, mas fingia não ouvir. E de vez em quando sentia em mim uns certos assomos de vaidade infantil, dizendo com os meus botões: Já sou dos auctores cá da casa!...

De se parce et modeste, disse Cicero. Bem sei isso, e bem pouco é o que eu sei. Mas o nome de Ernesto Chardron envolve para mim todas estas recordações, que me afloram involuntariamente ao bico da penna. Todos foram creanças, pelo menos uma vez... e eu era-o então. Sirva isso de desculpa; — os dezoito annos são sonhadores, e tudo isso eram sonhos, de que apenas resta hoje a memoria saudosa.

Chardron malquistára-se com Gomes Monteiro por motivos que não vem para o caso referir, e foi estabelecer-se como editor no alto dos Clerigos. Não obstante a quebra de relações entre os dois, Monteiro fazia justiça á actividade emprehendedora de Chardron, e Chardron fazia justiça á alta capacidade de Monteiro. Eu teria cortado as minhas relações com Chardron, se isso podesse dar gosto a Gomes Monteiro, mas foi elle proprio que me disse um dia:

— Meu caro amigo, eu estou velho e doente, e o Chardron é o editor do futuro. Faça um livro, e proponha-lhe o negocio. Se elle lh'o não editar, edito-lh'o eu.

Entrei pela primeira vez na loja do Chardron com um certo desembaraço, como se realmente tivesse ousado dizer-lhe:

— Eu já sou um dos auctores ali de baixo.

Chardron, que estava então no seu periodo de acti-

vidade febril, recebeu-me de boa sombra. Contou-me as obras que tinha no prelo; eram seguramente mais de vinte. A sua loja parecia pequena só para os volumes que elle editava, quanto mais para os outros! Desde então as nossas relações ficaram estabelecidas, e nunca me poderá esquecer a impressão que eu recebi quando voltei á casa Moré a dar parte do bom resultado da negociação.

Gomes Monteiro, que estava doentissimo n'esse dia, conversava com o conde de Azevedo, um velho fidalgo tão bondoso como illustrado; poeta, archeologo e genealogista.

— Então? perguntou Monteiro.

— Então, respondi eu, edita-me um livro, edita-me dois livros, edita-me todos os livros que eu quizer escrever!

Monteiro abraçou-me commovido, como um pae o poderia ter feito. E o conde de Azevedo, sensibilisado, abraçou-nos a ambos.

Comecei escrevendo para o Chardron, e durante seis ou sete annos foram por elle publicados a traducção da *Virtude de Rosina*, romance de Arsenio Houssaye, a traducção do *Degredado*, de Mery;— e varios originaes: *Christo não volta*, *A charidade anonyma*, *Guia do viajante nos caminhos de ferro do norte em Portugal*, *O capote do sr. Braz*, *O Porto por fóra e por dentro*; a these para um concurso do curso superior de letras, etc.

De um d'estes livros, *O guia do viajante*, fez Ernesto Chardron uma edição verdadeiramente primorosa,

cartonada em Paris. E por uma rasão curiosa. Ouviu ler, unica cousa que elle conhecia de todo o livro, um romancesinho que eu inclui no *Guia* para narcotico de algum *touriste* insomniioso: *Veridicas aventuras de um viajante alegre*. Ora este viajante é um francez, chamado Julio Bréton, de que o Chardron ficou gostando. Eis a razão da sua preferencia.

Um dia, o governador civil do Porto, o conselheiro Bento de Freitas Soares, que foi um dos meus mais valiosos amigos, disse-me á volta de uma das suas viagens politicas á capital:

— Você ha de ir para Lisboa.

Eu arregalei os olhos, —surprehendido.

Elle replicou com o seu bom ar alegre, charuto ao canto da bocca:

— Ha de ir, e vai: trate das suas cousas, que eu cá lhe tratarei dos papeis.

— Que papeis? perguntei.

— Os documentos para o concurso.

— Com que então um concurso?!

— Sim, senhor. Você vae para Lisboa, que é para onde deve ir. Não admitto hesitações...

Dois mezes depois, vinha eu para Lisboa, — despachado. E chegava ao mesmo tempo um livro meu, *A porta do paraíso*. Desembarcámos ambos em Santa Apollonia, um pouco ao acaso, sem conhecer ninguem, mas tendo alguma confiança no azul do ceu, que parecia sorrir tanto ao auctor como ao livro...

O que tem isto com o Chardron? pergunto eu a mim proprio. Ah! tem que sempre que de Lisboa fui ao

Porto, o Chardron me dispensava uma bella recepção... culinaria, festejando-me com grande pompa gastronomicã.

— D'esta vez vae almoçar comigo, dizia-me elle, e ha de ser amanhã.

À mesa havia sempre francezes e, cousa notavel, um ou dois padres. As baterias de garrafas eram enormes, o *menu* assombrava. Chardron comia e bebia valentemente. Talvez isso concorresse para matal-o mais depressa.

Depois do almoço iamos fazer um passeio de trem á Foz ou a Leça, e a primeira cousa em que Chardron pensava, ao apeiar-se, era em tomar o seu copo de cerveja.

D'ahi a dias dizia-me elle :

— Você d'esta vez ha de jantar comigo.

E marcava logo o dia.

Depois de jantar, sempre um jantar verdadeiramente pantagruelico, Chardron ia para o *Suisso* jogar o dominó e beber cerveja.

Passavam-se tres ou quatro dias, e o Chardron ás voltas comigo :

— Você d'esta vez ha de tornar a ir almoçar comigo... depois de amanhã.

Francezes, e dois padres. Chardron e os seus compatriotas (veja-se como sou discreto a respeito dos padres) principiavam atacando o almoço pelas ostras cruas, — doze duzias de ostras, pelo menos. Eu reservava-me a gloriosa tarefa de dar cabo de meia duzia, e Chardron fazia-me troça dizendo :

— Você para almoçar não presta. É melhor que venha jantar. Veremos se tem melhor apetite para o jantar amanhã. Meus senhores, amanhã tragam bom apetite e venham jantar comigo.

Ha dois annos, já havia na robusta organização de Ernesto Chardron o que quer que fosse que principiava a minar-lhe a existencia.

— Estou doente, disse-me elle. Obrigam-me a uma dieta horrorosa! Foram tempos, Alberto, os d'aquelles bellos assaltos ás ostras, que o deixavam assombrado a você! Mas que dieta! Amanhã ha de ir almoçar comigo...

— De dieta?

Elle riu-se.

— A dieta é para mim, e o almoço é para você e para os outros.

A dieta, se a havia, não appareceu. Chardron almoçou bem, não tão valentemente como costumava. Eu advertia-o a cada momento, e elle dizia-me epigrammaticamente que para comer meia duzia de ostras não valia a pena viver editando livros ou fazendo-os.

Depois do almoço, quatro horas da tarde, fomos a Mattosinhos, e lembro-me que estivemos sentados na alameda, á beira do rio. Ahí disse-me Chardron levando a mão ao estomago :

— Safa! que picada! Isto não vae bem...

— Vá estar algum tempo em França, repliquei-lhe eu, vá tomar os ares patrios das suas queridas Ardenas.

— Talvez faça isso, respondeu, accendendo um bom charuto.

E como os francezes tivessem chamado um cahique, dispozemo-nos a ir barquear no rio Leça.

— Vamos lá, disse o Chardron, mas então é preciso levar cerveja...

Este homem teve, como poucos, o prazer da mesa. Comia bem, e sabia comer, porque comia alegremente, como um francez que era, robusto e sadio. Apesar dos seus habitos gastronomicos, trabalhava muito, — com um vigor extraordinario. Ganhou dinheiro, soube-o gastar, — porque o gastava como mais lhe aprazia.

Tal foi esse homem, que sempre me estimou e a quem sempre estimei, embora alguns o achassem rude.

Julho de 1885.

EM MATTOSINHOS

Ha cerca de vinte annos ninguem vinha a Mattosinhos senão para chorar.

Os poetas lamartinianos do Porto, quando o ciúme os atormentava ou a *reverie* os espiritualisava, vinham contar ás ondas os seus desesperos ou os seus sonhos, declamar monologos de Othello ou compôr estrophes sentimentaes sobre a praia solitaria, se não preferiam emboscar-se na sombra melancolica da alameda, junto á ponte.

A Foz não era então, como hoje, uma cidadezinha balnear, — com hoteis, com bilhares, com *chalets*, jogos e lojas; mas continha já o nucleo do seu desenvolvimento actual. De tarde, algumas familias illustres ou que se presumiam taes, iam passeiar a Carreiros, então um deserto, ou á Cantareira por onde entravam na povoação os *char-à-bancs* que traziam gente do Porto, a 80 ou 120 réis por cabeça, não segundo o tamanho e o peso da cabeça, mas segundo partiam da estação do Carmo ou da Porta Nova.

Quer isto dizer que a Foz não era já n'esse tempo uma solidão convidativa para poetas, a não ser que os poetas, mais gastronomos que espiritualistas, quizessem ir comer pescada cozida com batatas, ao Do-

mingos da *Boa Vista*. Para poetas tristes e fastientos a Foz já não era n'esse tempo um ninho bastante-mente solitario. Por isso elles, os d'esta ultima categoria, batiam as azas para mais longe, e vinham dar comsigo á praia ou á alamedã de Mattosinhos.

Aqui, sim, podiam chorar á vontade, sem que ninguem os visse.

N'essa época, Mattosinhos era um ermo, apenas povoado por uma ou outra familia. Dizia-se sempre: os Britos de Mattosinhos. E não se fallava em mais ninguem. O resto era gente do mar, pescadores e navegantes.

Leça da Palmeira, ligada a Mattosinhos pela ponte de pedra que parece ser eterna, era ainda mais solitaria e melancolica. Estas circumstancias faziam com que uma vez por outra fosse escolhida para theatro de qualquer romance triste. Julio Cezar Machado, quando veiu ao Porto julgo que pela primeira vez, escolheu logo, com o seu fino sentimento artistico, Leça da Palmeira para localisar ahi a acção de um dos seus mais formosos *Contos ao luar*.

Quem tiver á mão o livro, que verifique.

Algumas, poucas, familias inglezas, viviam excetricamente em Leça todo o anno. Na alameda de Mattosinhos havia quasi sempre uma ingleza esguia, sentada n'um banco, a lêr qualquer romance do seu paiz. Mas as inglezas não prejudicavam a meditação dos poetas, porque ellas não levantariam os olhos de sobre o livro ainda que se descarregasse a seu lado uma peça de artilheria.

De resto, mais ninguém.

Á beira mar não se encontrava viv'alma desde Carreiros até ao Castello do Queijo, desde o Castello do Queijo até ao Senhor do Padrão.

As ondas quebravam-se rugindo de encontro aos rochedos, rasgando no ar formosas rendas de espuma, e este bello espectáculo não tinha espectadores, se os poetas meditativos faltavam. Pela terra dentro verdadejavam sombriamente os pinheiraes, n'uma solidão profunda, de aspecto temeroso: só por extrema dedicação uma ou outra mãe carinhosa ia alli passeiar os filhos doentes de tosse convulsa, porque o cheiro dos pinheiraes era muito recommendado então para a *coqueluche*, como á franceza se chamava geralmente á tosse convulsa.

De vez em quando appareciam no Porto, com a sua véla enrolada em laços de fita, pedindo esmola, alguns navegantes de Leça ou de Mattosinhos, que se tinham visto em perigo no mar alto. Pareciam gente que viesse de muito longe em peregrinação piedosa. *São os embarcações*, dizia-se. E se os pequenos perguntavam quem eram os embarcações, respondia-se-lhes: *Gente que vive á beira do mar, e costuma andar embarcada.*

Á beira do mar! — como se realmente o mar não estivesse tão proximo da cidade, a ponto de, nas noites de inverno, se fazer ouvir em muitas casas do Porto!

— N'aquella em que nasci e me criei, muitas vezes se ouvia, como o ribombo longinquo de um trovão, a

voz do oceano enfurecido. Que medo que aquillo me fazia! Mas a minha velha criada Joanna, que aqui está sepultada a dois passos de distancia, no cemite-rio da Foz, tranquilisava-me dizendo:

— Não tenha medo, menino, é o mar.

E accrescentava philosophicamente:

— É Deus!... mas Deus é pae. Reze e durma.

E eu rezava, em voz alta, com ella, orações extensas, ue iam esmorecendo nos meus labios até que o somno os cerrava.

Foi ella, foi a velha Joanna que me obrigou a lêr-lhe ao serão a biblia toda, na edição do padre Antonio Pereira de Figueiredo. Quando passavamos nos *Canticos de Salomão*, ella commentava-os orthodoxamente, segundo a hermeneutica mystica, e toda se enlevava em arroubos de espiritualismo tomando n'um sentido immaterial o ardente lyrismo oriental do rei poeta.

Se lhe dissessem que tudo aquillo era com uma mulher, cahiria fulminada de indignação. Eu, quando o suspeitei, calei as minhas reservas. A velha Joanna viveu e morreu acreditando na credulidade com que eu aceitava Salomão.

Entre as inglezas solitarias que vinham lêr á alameda de Mattosinhos, contava-se, muitas vezes, a mulher do Bastos, do *Nacional*, dama tão bem nascida como excentrica, que acabou doida. Em mais de um livro de Camillo ha referencias' a esta dama, que usava annelar o cabello em longos *boucles* e vestir-se de côres *tapageuses*: *formosa das violetas* lhe chamára

o eminente romancista, alludindo á sua mocidade elegante nos salões de Londres. Quando ella se matou, Camillo publicou um opúsculo com o titulo — *A suicida*.

Em 1864, os povos de Bouças de Mattosinhos tiveram a patriótica idéa de levantar, no meio da alameda, um monumento ao seu illustre conterraneo Manuel da Silva Passos. Percebe-se, e é para louvar, o nobre sentimento que os determinou. Passos Manuel foi até hoje o maior homem que estas paragens deitaram, e bem fizeram os seus patricios em reivindicar tão justa gloria. Mas faz pena que n'um paiz tão fanatico como o nosso pelos seus homens illustres... depois que morrem, o *rei Passos*, o grande Passos! fosse esquecido em todo o resto do paiz, esquecido até pela capital onde se tornou famoso, para ser unicamente lembrado pelos seus conterraneos!

As coisas são como são. E o unico monumento até hoje talhado em pedra, em honra de Manuel da Silva Passos, é o da alameda de Mattosinhos.

No pedestal, que é de granito, lê-se esta inscripção :

Á MEMORIA
DE
PASSOS MANUEL
ERIGIRAM
ESTE MONUMENTO
SEUS CONTERRANEOS
24 DE AGOSTO DE 1864

Vinte e quatro de agosto! que data tão eloquente no monumento de um liberal!

A estatua é de marmore. Passos está de sobreca-saca, tendo ao pescoço o antigo lenço que servia de gravata. A mão direita poisa sobre um livro, que se apoia n'outro. É, deve suppôr-se, toda a gloriosa legislação emanada da sua iniciativa audaz e reformadora.

O monumento, posto no meio de uma alameda sombria, deu-lhe o que quer que fosse de aspecto de cemiterio.

Isto augmentára o encanto meditativo dos poetas, tornára maior a attracção que os prendia áquelle recinto sombreado de arvoredos melancolicos.

Só uma vez por anno os poetas e as inglezas bati- am as azas. Era por occasião do triduo do Senhor de Mattosinhos, romaria de grande nomeada, famosa romaria que tem sempre chamado muita gente do Porto. Pesados carroções arrastavam-se cheios de familias munidas de grandes açafates cogulados de comesaina : arroz do forno, gallinha cosida, carne assada com batatas. Durante o dia havia festa de egreja : o Senhor Jesus recebia, na casa chamada *dos milagres*, como ainda hoje recebe, centenas de arrobas de cêra. Á noite havia fogo de vistas no adro e, para os intervallos, peixe frito, *espetadas*, e cavacas de Paranhos.

Armavam-se descantes á viola. Tocava-se e dan- çava-se a *chula*. A gente do campo dormia sobre a relva, ao sereno. Nos chapéus dos romeiros, d'elles

e d'ellas, o *registo* do Senhor de Mattosinhos apparecia enquadrado entre flores de fio de prata e torçal.

Os poetas e as inglezas julgavam esta festa popular uma invasão dos seus direitos, porque até mesmo na alameda se petiscava, dormia e bailava. Os passaros tambem não gostavam d'este rega-bofes, que os assustava. Gozavam todos, menos os passaros, as inglezas e os poetas. D'estes ultimos, porém, alguns eram vantajosamente substituidos pelos *improvisadores* das aldeias que se digladiavam á redondilha nos descantes nocturnos. Os passaros das arvores fugiam, mas ficavam os do arraial, de bico amarello, que piscavam gaiatamente o olho ás moçoilas rubicundas e nédias. Só as inglezas eram insubstituiveis.

Com o andar dos tempos, a povoação da Foz foi-se estendendo por Carreiros, isto é, avançando para Mattosinhos. Fizeram-se casas elegantes, com pequenos jardins e terraços. Construíram-se *chalets*. O *Passeio Alegre* arborizou-se, cavaram-se lagos, riscaram-se *parterres*. Abriram-se novos *hoteis*, e os antigos reformaram-se. A Foz transmudou-se desde a Cantareira até Carreiros.

Em Mattosinhos, o mesmo reviramento. Levantaram-se predios desde o Senhor do Padrão até á Alameda. Abriram-se ruas. Estabeleceram-se lojas de negocio. Fundou-se uma assembléa, e inventaram-se *botequins*.

O progresso atravessou a ponte, e foi visitar Leça.

Bellos edificios de côres variegadas esmaltam a povoação. Tambem lá ha botequins, e club, e lojas.

Nem menos de duas companhias de carris de ferro americanos estabeleceram carreiras pela Foz para Mattosinhos. Ha transporte a toda a hora. Uma das companhias, chamada a *de cima*, estabeleceu a locomoção a vapor.

As obras do porto de Leixões vieram dar ainda maior vitalidade ás povoações de Mattosinhos e Leça. Trabalha-se de dia e de noite, como se se tratasse de construir á pressa uma torre de babel.

... Mas os poetas e as inglezas fugiram, e o peor é que não deixaram quem os substituisse.

Ha muitas casas, e pouca gente. Muitos *hoteis* e poucos hospedes. Muitas ondas, e poucos banhistas.

Á noite, rara janella apparece illuminada, comquanto as ruas, felizmente, já o estejam. Nem o piano, o celebre piano das praias, que parecia ter as honras de costume nacional, se faz ouvir na solidão das noites. Diabo ! não haver ao menos um piano que toque a *Parla* ! Pois a Senbrich não esteve tambem no Porto ?!

Poetas, desilludi-vos ! Nada ha que vos possa incommodar na alameda de Mattosinhos. Voltai a ella, que se o Passos Manuel de pedra vos não incommodar, ninguem mais por certo vos incommodará. Loiras misses de longo pé, vinde ler para debaixo das arvores da alameda os romances do vosso querido Walter Scott.

De manhã, ha apenas na alameda uma mulher que vende peras e melancias.

Se lhe comprarem as melancias e as peras, ir-se-ha logo embora.

De tarde, ha um barqueiro de barrete e barbas, que se lhe fretarem o cahique, deixar-vos-ha em paz immediatamente.

Ao pôr do sol o barqueiro vae para casa e, não sendo domingo, não fica mais ninguem : porque, com o Passos Manuel, por ser de marmore, não se deve contar.

A noite vae cahindo suavemente, lentamente, — sem testemunhas. Os pinheiraes esbatem-se melancolicamente n'um fundo longinquo ; os barcos immobilizam-se sobre a superficie dormente do rio ; a ponte de pedra desenha-se, com uma grande dureza de tons, em toda a longa linha dos seus dezoito arcos de granito ; no poente, apenas purpurejam os ultimos rubins do largo diadema phosphorecente do sol ; o mar faz ouvir a forte respiração resonante do seu eterno pulmão ; as casas das duas povoações fronteiras confundem-se na grande massa sombria da noite ; só uma rara luz apparece em qualquer janella de Leça como a dizer para Mattosinhos — *Boa noite* ; só outra rara luz apparece em qualquer janella de Mattosinhos como a dizer para Leça — *Boa noite* !

E trocados assim os cumprimentos de boa visinhança, a grande maioria das duas povoações vae deitar-se. Isto não quer dizer que os clubs de áquem e de além da ponte não tenham alguns *habitués*, e que

n'uma ou n'outra casa tres banhistas menos dorminhocos não façam a sua partida de *vollarete*. Justiça para todos! como se diz em S. Bento, quando se trata de fazer alguma grande injustiça. Mas o aspecto geral da praia de Mattosinhos é profundamente triste e desanimado.

No *Juncal de cima*, o Chiado da terra, ha, durante a noite, dois renques de luzes de petroleo, e já não é mau, dizem os poucos banhistas. Não é mau! Para que servem as luzes, se não allumiam ninguem? Ha dois annos, havia menos luz e mais animação. Era bem preferivel, acho eu.

De dia, a extensa rua elegante do *Juncal de cima* offerece o mesmo aspecto que deve apresentar o Sahará, uma grande rua de areia da Africa septentrional, segundo presumo.

Tambem os banhistas da Foz se queixam de falta de animação n'aquella praia.

Para me desenganar, fiz hontem de tarde uma visita á Foz.

No Passeio Alegre, que não é por certo inferior ao de Algés, pouca gente havia.

Não obstante, deixei-me ficar a conversar com um amigo, para poder comparar as noites da Foz com as de Mattosinhos.

Havia mais luz, e melhor, porque é de gaz, tanto nas ruas, como nos estabelecimentos, que são numerosissimos, porta sim, porta não. Ouviam-se alguns pianos! Mas a respeito de gente... pouca mais, — e calada.

Dei as boas noites ao meu amigo, e á Foz, e vim para casa.

Quando cheguei, Mattosinhos dormia a somno solto, e Leça da Palmeira resonava.

Agosto de 1885.

O FILHO MAIS VELHO DE CAMILLO

Às vezes, no silencio placido das noites do Minho, na solidão deliciosa de S. Miguel de Seide, pelas horas mortas em que as estrellas e as flôres parecem adormecidas na suavidade de um somno brando, ouvia-se sahir da cômã frondosa de uma arvore a modulação de uma flauta encantada, que chorava notas de maviosa tristesa e soluçava ais de dolorida saudade.

Era Jorge de Castello Branco, o filho mais velho de Camillo, que tinha a extranha phantasia de empo-leirar-se n'uma fronde e de passar as longas horas da noite, n'esse poiso aereo, tocando a sua flauta, com uma inspiração musical repassada de lagrimas, vibrante de commoções angustiosas, que nem a sua idade — vinte annos apenas — nem os carinhos paternaes que o rodeiavam logravam acalmar.

Por que era triste aquelle moço auspiciosamente nobilitado com um nome litterariamente glorioso? — aquelle moço a quem o velho Castilho, patriarcha das letras, impozera as mãos sobre a cabeça n'uma sagração solemne, e a quem Thomaz Ribeiro saudára a promettedora infancia em estrophes rendilhadas

que emmolduravam votos de felicidade e vaticínios de ventura!

Ninguém poderia responder a esta pergunta, muito menos os pais extremosos de Jorge, que se desvelavam em arrancar-lhe do coração aquella melancolia precoce, inexplicavel, sem causa, sem justificação possível.

Mas todos os seus ternos esforços eram mal succedidos, mallogrados. A tristeza de Jorge era invencivel, todos os dias se tornava mais densa e mais profunda. O seu talento, dotado de omnimodas aptidões artisticas e litterarias, fazia lembrar uma flor delicada que tivesse nascido no recesso sombrio de uma gruta. Jorge compunha versos, desenhava, era musico, tinha uma alma afinada para todas as manifestações do bello, e todavia não passava na melancolia espessa da sua alma um unico raio de luz, que lograsse rarefazer as trevas interiores!

*
* *

Anno passado estive com Jorge Castello Branco, durante algumas horas de um dia de agosto, na quinta de S. Miguel de Seide.

Não o havia tornado a ver desde menino, quando elle, ao collo da ama, enfiava o braço pequenino pelas grades da Cadea da Relação do Porto e acenava para os que em baixo iam passando na turba-multa dos indifferentes.

Jorge estava um homem, e o pregão da sua melan-

colica excentricidade aguçava-me vivamente o desejo de tornar a vel-o.

O visconde de Correa Botelho dissera-me, com os olhos marejados de lagrimas, que seu filho tinha dias intractaveis, intercallados com outros de exasperação alarmante. Jorge, pouco antes do jantar, apparecera na sala do bilhar em que seus paes estavam conversando comigo. O visconde de Correia Botelho disse-lhe quem eu era. Jorge não mostrou lembrar-se do meu nome. Como Camillo instasse com elle para jogar comigo uma partida de bilhar, Jorge accedeu, mas estava em meio a partida quando tocaram para o jantar. Foi então, ao sentarmo-nos á meza, que Jorge Castello Branco, voltando-se com vivacidade para o pae, dissera a meu respeito :

— Agora sei muito bem quem é.

Desde esse momento pareceu menos reservado para comigo, mas a meio do jantar rompeu n'uma grande effusão de lagrimas, á que a mãe acudiu carinhosamente :

— Então, meu Jorge, bem vés que nos estás entristecendo a todos!

O pobre moço calmou-se um pouco, e no fim do jantar, quando sahimos para o terraço, Jorge estava expansivo, fallador, foi buscar a pasta dos seus desenhos, todos elles muito originaes, obsequiou-me com uns dez ou doze, entre os quaes se contam aquelles que reproduzem pelo *crayon* os personagens creados por Camillo no *Eusebio Macario*.

O typo do *Fistula* fez-nos rir ; era impagavel !

De repente, Jorge mostrou-se outra vez triste, preocupado, lastimava a sua ociosidade, a sua inutilidade na familia e na sociedade, e contou-me que havia escripto ao sr. Fontes, então presidente do conselho de ministros, pedindo-lhe um emprego.

— Meu pobre filho! exclamára Camillo.

E de novo os olhos se lhe arrasaram de lagrimas.

Jorge havia recolhido, com seu pae, de Santo Thyrso, pouco antes. Em Santo Thyrso disseram-me que o Jorge passeiava todas as tardes em volta da Praça, durante longas horas, sempre no mesmo passo e sobre o mesmo terreno, — com as mãos mettidas nas algibeiras do *prussiano* e o chapéu baixo derrubado sobre os olhos.

*
* *

Em setembro tornei a avistar-me com Jorge Castello Branco em casa de seu pai, na Povia de Varzim. N'esse dia, estava elle pouco menos de intratavel. Logo ao principio do jantar, levantou-se da mesa, suffocado em lagrimas. Foi para uma janella e, por dentro da vidraça, quedou-se longo tempo olhando para o mar, — o mar que n'aquella tarde estava muito mais sereno do que elle.

Á noite, estavamos á mesa de um dos numerosos botequins da Povia, o visconde de Correa Botelho, o visconde de Pindella, o João de Mendonça, de Braga, e eu. Apareceu ali o Jorge, e aproximando-se timidamente da mesa, disse tirando respeitosa-mente o seu chapéu :

— Vossa excellencia, sr. visconde, dá-me licença de ir vêr jogar?

Foi a segunda vez que o ouvi tratar o pai por visconde.

Camillo respondera :

— Se isso te pode divertir, vai, meu filho.

E voltando-se para nós, accrescentou :

— Que desgraça ! que desgraça !

No dia seguinte, almocei com Camillo no *hotel* que ficava no primeiro andar d'esse botequim. Uma das outras pessoas que estavam á mesa era a mãe de Jorge.

Elle, porém, fôra pedir-lhe para o deixar ir almoçar ao botequim, sósinho, muito triste, muito concentrado.

Nuno, seu irmão, viera depois do almoço acompanhar-me á estação do caminho de ferro, e Jorge, sempre sósinho, sempre muito triste e concentrado, estendera-me a mão, e fugira.

Camillo, sabendo que eu tinha escripto um opusculo ácerca da minha visita a S. Miguel de Seide, perguntara-me :

— O que disse do Jorge ? Olhe que elle lê tudo...

Tranquillisei-o. Eu tinha fallado do Jorge com as reservas que devia.

Ha pouco mais de um mez recebi de Camillo uma carta verdadeiramente angustiosa. Soube por ella que o estado de Jorge era cada vez mais inquietador. Hoje, como a loucura do pobre moço se tornou notoria, posso, infelizmente, publicar a carta de Camillo :

Meu presado amigo.

Ha dois mezes que não escrevo nem leio, por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge que entra no periodo da furia homicida. A primeira victima será a mãe. Os medicos mandam-me sair d'este meio sem demora; mas como hei de eu deixar aqui a pobre mãe que o filho insulta e ameaça? A mim respeitou-me; agora ameaça-me de pontapés. e espero-os resignadamente. Veiu aqui o R. Jorge para o levar para o hospital de alienados: mas nós não podemos dar-lhe o ultimo beijo como quem beija um cadaver. Morremos no nosso posto de amor e caridade incondicional para este desgraçado.

Do seu muito amigo

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Ahi está o coração de Camillo, o seu grande coração affectuoso, n'essa carta. Foi preciso que a loucura de Jorge chegasse á extrema violencia. á excitação ameaçadora e perigosa, á furia. para que seus paes consentissem que lh'o levassem para um hospital de alienados, d'onde é possível que saia um dia curado.

Praza a Deus que assim aconteça.

Jorge, como todos os loucos, parecia voltar nos

ultimos tempos as suas iras contra as pessoas que mais amava e que mais o amavam : seu paes.

Sendo inconveniente a sua permanencia na casa paterna, Jorge havia sido transferido ultimamente para casa do sr. Daniel Augusto dos Santos em Villa Nova de Famalicão. Ahi, como alguns jornaes já contaram, escrevia continuamente.

O trabalho continuava a ser a sua preocupação constante.

Mas a loucura do pobre Jorge tomava de dia para dia proporções assustadoras : foi preciso removello para o hospital do Conde de Ferreira, onde deu entrada, ha poucos dias, acompanhado pelo dr. Ricardo Jorge e pelo editor portuense Eduardo da Costa Santos.

Ahi fica, a traços largos, a historia da loucura do pobre Jorge.

Oxalá que possámos um dia — e que esse dia não venha longe — dizer, com sincero jubilo, aos paes do desditoso moço : « Vosso filho, vê-lo ahi. É o vosso Jorge, cujo espirito, emergindo da noite da loucura, volta de novo á luz e ao lar paterno, aos vossos corações e aos vossos braços ¹. »

Agosto de 1886.

1. Jorge de Castello Branco entrou no hospital d'alienados do Porto em 2 d'agosto e sahiu, um pouco melhor, em 27 de outubro de 1886.

NA MORTE DE UM CONDÍSCIPULO

Prouvera a Deus que eu não tivesse hoje assumpto!

Conta-se que um velho fidalgo de Lisboa, muito indolente e muito commodista, tinha pendente da Relação uma causa cuja resolução importava para elle a conservação da melhor parte de todas as suas propriedades.

O marquez não queria pensar n'isso para que lhe não dêsse cuidado, mas pensava por elle o procurador, que o não largava um só momento recomendoando-lhe que fallasse aos desembargadores, que não perdesse de vista a questão, que se lembrasse de que era aquelle um negocio importantissimo para elle.

— Quando é isso, ó Barnabé? perguntava o marquez ao procurador.

— D'aqui a um mez ha de julgar-se.

— Ora d'aqui a um mez! E você, Barnabé, já se está afogando em pouca agua! Temos tempo, muito tempo mesmo. Em trinta dias podem morrer todos os desembargadores, póde vir uma epidemia, póde você morrer, posso eu mesmo, comquanto não sejam essas as minhas ideias, passar pela mesma semsaboria.

N'este caso de que serviria estar a trabalhar para os que ficassem cá? !Elles que trabalhem. Acha você talvez que seja muito bom trabalharmos nós só para que os outros não hajam de trabalhar?! Pois está enganado, Barnabé, completamente enganado! o trabalho é tudo o que ha de mais servil, de mais humilhante, de mais pelintra n'este mundo, e não vale a pena humilharmo-nos por conta dos outros. Você sorri? !Pois não deve sorrir. É pelo trabalho que o homem se rebaixa á condição dos animaes que lhe são inferiores : á do burro de carga ou do asno que puxa á nora do poço ; á do cavallo, que obedece á espora, ao freio e ao chicote, para andar mais de pressa ou mais de vagar segundo a vontade do cavalleiro ; á do cão de caça, que se esfalfa em correrias só para que o caçador se divirta ; á do boi, que de canga ao pescoço vae arrastando o carro ou a charrua, sempre espicado pelo aguilhão ; á do papagaio, repetindo inconscientemente desde o peccado de Adão e Eva a velha cantiga de que — o homem nasceu para trabalhar como o passaro para voar. — Sabe que mais, Barnabé? Um homem da minha raça não póde deixar de detestar o trabalho, que é incompativel com a nobreza da sua origem.

— Mas, sr. marquez, replicava o procurador, lembre-se v. ex.^a de que trinta dias passam muito de pressa e de que é preciso aproveitá-los para tudo se fazer com tempo...

— Ora essa! Lembra-se a Relação de marcar para d'aqui a um mez o julgamento da minha demanda,

podendo adiar isso para d'aquí a tres ou quatro mezes. Quem sabe se não foi para, conhecendo os meus habitos, me contrariar, para me aborrecer, obrigando-me a andar n'uma roda viva durante trinta dias! E eu, só porque a Relação fez o que quiz, não hei de fazer o que quero!?! Pois que! A Relação que espere por mim, como eu tenho esperado por ella.

— Mas v. ex.^a queixa-se de ter esperado, e acha ao mesmo tempo que a Relação andou muito depressa!

— Perdão, Barnabé, discutir é tambem um trabalho, e eu hoje, francamente, não me sinto com disposição nenhuma para trabalhar. Vá-se embora, e volte d'aquí a quinze dias. Temos muito tempo.

O procurador desceu a escada resmungando que o marquez era um tolo que deixava ir a casa pela agua abaixo, porque, se perdesse a questão, ficaria a dois passos da pobreza. E, pensando como um homem de juizo, lembrava-se de que, ficando o marquez arruinado, não precisaria procurador, o que lhe faria certa differença. Portanto, sempre como um homem de juizo, voltou quinze dias depois.

— Cá estou outra vez, e agora para lembrar a v. ex.^a que só temos metade do tempo. Os desembargadores são muitos, e é preciso fallar-lhes quanto antes para que se não comprometam com a parte contraria. V. ex.^a é amigo de quasi todos elles, bastará dizer-lhes uma palavrinha, mas é preciso que essa palavrinha seja dita a tempo.

— Perdão, Barnabé, respondeu o marquez. Nenhum dos desembargadores é surdo, e eu não sou gago.

Entender-nos-lemos depressa. Para que diabo são então precisos quinze dias, se eu, em quinze minutos apenas, terei tempo bastante para lhes dizer esta simples coisa: «Quero ganhar a questão!»

— Assim é, sr. marquez, mas, quando v. ex.^a chegar, a parte contraria pôde já ter fallado, e n'esse caso os desembargadores estarão compromettidos.

— Farei duas observações, Barnabé, só duas, porque não estou para mais. Em primeiro lugar, um desembargador não se compromette nunca por palavras, porque não é isso decente, e pôde portanto mudar de rumo até á ultima hora, sempre desculpando-se com o direito, porque o direito é uma sciencia elastica. Em segundo lugar, se os desembargadores me querem servir, servir-me-hão, e se não me querem servir, não me servirão. Isto acho eu que é logico, e claro como agua. Adeus, Barnabé, até outro dia.

O procurador começava a estar na afinação de ter já um certo prazer em que o marquez perdesse a questão, embora isso tambem affectasse os seus interesses.

Amuou, deixou passar oito, dez, doze, quatorze dias, mas na vespera do julgamento voltou-lhe o seu muito juizo, lembrou-se de que se o marquez perdesse a questão elle proprio seria prejudicado, e por isso, logo pela manhã, foi procurar o marquez, que não tinha dado um unico passo; chamou-o, accordou-o, instou para que se vestisse e mandou pôr a carruagem para s. ex.^a sahir.

O marquez levantou-se muito contrariado, muito

aborrecido, ralhando contra a Relação, contra o procurador, contra a sorte que lhe dára o encargo de ter propriedades sujeitas a contestação.

Mais emfim vestiu-se, almoçou e entrou para a carruagem, passando pela vista os nomes dos desembargadores a quem tinha de fallar.

E dentro da carruagem, sempre muito contrariado e muito aborrecido, ia dizendo com os seus botões :

— Deus queira que não estejam em casa! Deus queira que não estejam em casa!

Como este bom marquez *Fainéant*, eu desejava hoje não poder escrever a revista da semana por falta de assumpto, — visto que o assumpto que se me offerece é a morte de um amigo.

Sim, é a morte, este conhecido sombrio que de repente passa por nós na rua, dizendo-nos com a sua imperturbavel serenidade: — Venho de victimar o teu amigo Fulano. Adeus, até que chegue a tua vez.

Esta semana todos os jornaes do Porto noticiaram com palavras de sentimento a morte do advogado Alfredo Leão, victima, aos 40 annos, de uma tuberculose.

Ora, Alfredo Leão foi, durante dois annos, meu companheiro de casa.

Elle tinha começado a estudar preparatorios em Coimbra, mas, havendo-se entregado um pouco á vida bohemia, fôra menos assiduo nas aulas do que convinha, e o pae, amigo antigo do meu, obrigara-o a ir para o Porto, para minha casa, estudar as ultimas

disciplinas que lhe faltavam para entrar na Universidade.

Quando Alfredo Leão me cahiu das nuvens vindo de Coimbra, um pouco bohemio, um pouco excentrico, com uma extrema adoração por João de Deus, cujos versos sabia de cór, e cujas excentricidades o fascinavam a ponto de imital-as involuntariamente, quando elle, saudoso da convivencia litteraria de Guerra Junqueiro, de Gonçalves Crespo, de João Penha, me fallava com enthusiasmo da vida de Coimbra, para onde só pensava em voltar, eu agradeçi á Providencia a inesperada companhia d'esse moço intelligente, bohemio, originalissimo, que trazia do Mondego as suas credenciaes litterarias, a sua lenda, a sua *toilette* muito descurada e o seu espirito muito cultivado.

Alfredo Leão era triste, mais melancolico talvez do que triste. Fizera-me lêr os poetas brasileiros, Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, muito seus predilectos, porque n'elles predominava a nota dolorida que intimamente se casava á disposição habitual do seu espirito.

Eu tinha já um antigo companheiro de casa, sobrinho de outro amigo de meu pae. Chamava-se Antonio Alves Carneiro.

Era muito inferior intellectualmente a Alfredo Leão, mas era tambem um excentrico, um triste, dizia-se que tinha uma paixão muito original por uma mulher a quem nunca a declarára, e por causa d'essa paixão, que não julgava correspondida, fi-

zera-se padre, fôra mais tarde para o Brazil, e lá morrerá.

Eu, no meio d'estes dois excentricos, não tinha nada d'isso. Era alegre, alegrissimo mesmo, ria da excentricidade d'elles, mettia-os á bulha, e muitas vezes conseguia leval-os na corrente da minha alegria. O que foi feito d'ella, essa minha alegria de outros tempos, não sei, não posso saber!

O quarto de Alfredo Leão era um *rez-de-chaussée*, e eu consegui estabelecer ahi um cenaculo de estudantes do Lyceu, da Academia Polytechnica e da Escola Medica. Se me lembro dos nomes d'elles, estremeço de horror : quasi todos morreram já! Para o quarto de Alfredo Leão entrava-se indifferentemente, de dia ou de noite, pela janella ou pela porta, e sahia-se do mesmo modo. A visinhança ria d'aquella perenne esturdia; e quando não ria, ralhava.

A mobilia foi-se quebrando, meu pae zangava-se bondosamente como sempre se zanga, e não quizera mandar pôr nova mobilia, que teria tido por certo a mesma sorte. O quarto estava quasi nú, e nós contentavamo-nos com escrever a giz, o giz da nossa mathematica, nas paredes e nos frizos das portas e janellas, a designação dos moveis e das alfaias que faltavam. Por exemplo, sobre a porta : *Logar dos reposteiros*. Sobre a janella : *Logar das cortinas*. Sobre as paredes : *Logar dos quadros*. Sobre o chão : *Logar do tapete*.

Havia então em minha casa um criado ladino, um gallego chamado Angelo, que resmungava sempre

que lhe pedíamos alguma coisa, um copo de agua ou uma caixa de phosphoros. Resolvemos domesticall-o á bordoadá, e quando elle entrava ou sahia, iamós á escada, engalfinhavamos n'elle, arrastavamos-o para dentro do quarto, fechavamos a porta e a janella, e ahí, na escuridão do quarto, toureavamos-o, atirando-lhe com os travesseiros, com os livros, com os chapéus, sem que elle as mais das vezes conseguisse apanhar-nos. Mas se agarrava um de nós, os outros cahiam sobre elle como moços de forcado que pégam um toiro bravo. E era bravo o diabo do Angelo! mas para o fim, com as ensinadellas que levou, estava macio como um velludo, e acabou por ser nosso amigo!

Que tolíce tudo isto! Ah! mas deliciosas tolíces as da mocidade!

De noite, fugiamos pela janella e iamós com um rapaz brasileiro, que também já morreu e que tocava viola deliciosamente, fazer serenatas para as Fontainhas, onde se nos reuniam Augusto Brandão, que é hoje lente da Escola Medica do Porto, e seus irmãos.

Depois, ao romper da manhã, entravamos n'um padeiro para comprar pão quente, e na primeira mercearia que encontravamos aberta para comprar manteiga. Tomavamos pansadas de pão quente com manteiga. Se eu hoje fizesse isso, morreria.

Foi de minha casa que Alfredo Leão começou namorando a senhora com quem casou. O amor tornara-o menos excentrico e menos melancolico. Cuidava já muito mais da *toilette*, tinha menores e mais

raras intermittencias de mysanthropia, era quasi feliz, e se o não era inteiramente devia-o á fatalidade da sua organisação, que presagiava sempre uma desgraça imminente. Essa desgraça chegou : era a morte.

Dos tres companheiros de casa, só resta um : sou eu. E era n'esse tempo o mais debil dos tres. Eu proprio muitas vezes pensava que seria o primeiro a cahir, mas a minha expansiva alegria tinha força bastante para combater esse negro pensamento. Quiz a sorte que fosse eu que tivesse o triste encargo de escrever esta pagina dolorosa das memorias da nossa mocidade!

Alfredo Leão formára-se em direito, e casára no Porto, onde ficou vivendo e onde exercera a advocacia. Raras vezes nos avistamos depois. Só nos encontramos com alguma demora em Coimbra, em 1876, onde estavam ambos fazendo parte das commissões de exames. Elle gostara immenso de voltar a Coimbra, e dizia-me ás vezes, passeiando commigo na estrada da Beira, e olhando por uma clareira para o rio : « O meu querido Mondego ! »

Mas quão grande era já então a distancia que moralmente havíamos percorrido desde as nossas serenatas nas Fontainhas e as nossas alvoradas de pão quente com manteiga!

Hoje, hoje!...

Prouvera a Deus que eu não tivesse assumpto!

Setembro de 1886.

UMA POETISA

Abrindo, durante a semana, *O Imparcial de Coimbra* (n.º 422 de 12 de outubro) encontrei a seguinte noticia :

FALLECIMENTO

« Falleceu, ha dias, na praia da Foz, a illustre poetisa Henriqueta Elysa. »

Quando eu lancei a publico as minhas primeiras tentativas litterarias, estavam muito em voga, nos jornaes do norte do paiz, as producções poeticas da sr.^a D. Henriqueta Elysa.

Eu lia versos seus, sonoramente romanticos, segundo o estylo da época, n'um periodico do Porto e em outro de Coimbra.

Creio até, se me não falha a memoria, que a illustre poetisa collaborára n'um livro de parceria com um primo seu, Alfredo Elysio, que era então estudante em Coimbra, e que tempos depois fôra para o Brazil.

Tinha eu um grande enthusiasmo, n'essa feliz idade da minha vida, por todos os assumptos litterarios, e a personalidade de uma mulher de talento, que se

affirmava como poetisa, inspirou-me naturalmente um certo interesse e uma certa curiosidade de conhecê-la.

Mas a sr.^a D. Henriqueta Elysa vivia longe do Porto, aonde só os seus versos chegavam. Residia na sua casa de Lodeiro, concelho de Sinfães. Tinha, portanto, todo o sagrado mysterio de uma *ignota dea* da poesia.

Creio que cheguei a perpetrar a respeitosa ousadia de lhe escrever um dia para a Thebaida de Lodeiro pedindo a sua collaboração n'um jornalsinho litterario que publiquei de camaradagem com um primo meu, que é hoje engenheiro militar. Não lhe cito o nome, para não envolver a sua responsabilidade nas minhas tolices.

Chamava-se o jornaleco, que teria 50 assignantes o maximo, — e felizmente que só tinha cincoenta! — *Tentativas litterarias*.

Estou a ver a officina typographica onde elle se impria no largo dos Loyos no Porto, e o gerente da typographia, um tal Pereira Leite, muito picado das bexigas, e muito sóbrio de palavras... sobretudo quando fazia contas comnosco.

O proprietario da officina era um sujeito que toda a gente conhecia no Porto, e que habitava no primeiro andar do predio com certa commodidade elegante.

Tinha dinheiro, fumava charutos caros, frequentava o theatro de S. João e a porta da Moré.

Veio, passados annos, empobrecer a Lisboa, onde eu assisti á sua queda.

Chamava-se Manuel José Ferreira.

No Porto era porém mais conhecido por *Culatra*, alcunha que lhe sahia do corpo, e por *Dr. Pirólas*, alcunha que derivava da incorrecção orthographica com que escrevia a palavra pillulas. Em Lisboa viera a ganhar, mais tarde, ainda uma terceira alcunha, a cacaphonia resultante das iniciaes do nome e sobrenome, M. J.

Tendo herdado de seu pae bens de fortuna, alimentados ainda por algumas empresas industriaes, como a typographia onde se imprimiam as *Tentativas litterarias*, viera arruinar-se com a empresa de S. Carlos de parceria com o Antonio Julio Castro Pereira, que eu conhecia no Porto como um dos poucos *dilettanti* que lá havia, e que, vindo rico para Lisboa, perdeu em S. Carlos o melhor da sua fortuna, morrendo doido no Porto depois de ter empobrecido em Lisboa.

O *Culatra* e Castro Pereira eram amigos antigos, arbitros dos destinos do theatro lyrico do Porto, quando o havia, e, quando o não havia, vinham a Lisboa ou passavam o inverno no Porto a rememorar, com o Eduardo Vianna, as façanhas do seu *dilettantismo*.

Não sei se o dr. *Culatra* sabia musica ou se apenas se fazia valer como acolyto dos entendedores.

O Castro Pereira, se não sabia musica, fazia-se temer pelo ouvido. Sabia as operas de cór, e gostava de as solfejar na platea, com a mão, enquanto os artistas cantavam.

Se cahia alguma nota, apanhava-a elle.

O ouvido do Eduardo Vianna não é por certo, ainda hoje, menos exigentemente sensível.

Pois era, como já dizendo, na officina do largo dos Loyos que se imprimiam as *Tentativas*.

Não possuo nenhum numero d'esse *bijou* litterario, o que não deixa de me ser agradável. Não dá grande prazer o recordar tolices que se não pôdem remediar. E não foram poucas as que os nossos quinze annos meus e de meu primo, semearam com exuberante fecundidade pelas oito paginas das *Tentativas*. Se em cada numero não sahiam mais tolices, era simplesmente porque o papel não dava para mais.

De muitas me lembro eu repetidas vezes, — e sempre com alegre saudade. Não tenho outra maneira de dizer isto. Alegre saudade é que me parece que é.

A sr.^a D. Henriqueta Elysa escreveu ou não escreveu para as *Tentativas litterarias*. Não me lembro, nem posso verificar, porque já tive occasião de dizer que as *Tentativas*, com serem uma creancice em doze numeros, tiveram a sorte das obras primas. Esgotou-se a edição... de cincoenta exemplares.

É porem natural que não escrevesse, porque nós, os dois redactores, tinhamos um trabalho de trezentos demonios, que prejudicava bastante o nosso latim e a nossa geometria.

De mais a mais estavamos sempre de pé atraz com qualquer collaborador, mais velho do que nós, que espontaneamente se nos offerecia, e estavamos de pé atraz porque um nosso condiscipulo do Lyceu, que tambem havia publicado um journalsinho ephemero,

nos pozera de sobre-aviso contra estes offerecimentos.

Fôra o caso que elle tinha um namoro. Por amor da sua bella, para lhe poder dizer em prosa e verso que a amava, foi que elle se metteu a jornalista por conta propria. Um dia certo rapaz da Academia Polytechnica offerecera-lhe uns versos para publicar; seguiram-se-lhe outros versos, muitos versos...

No fim de contas, o nosso condiscipulo viera a descobrir que o seu officioso collaborador se dirigia, no seu proprio jornal, á mesma pessoa que elle amava!

Maior fiasco de que este só conheço o d'aquelle pai de anecdota que, oppondo-se muito ao namoro da filha, era elle proprio que sem o saber lhe levava as cartas no forro do chapéu alto...

Annos depois tive inesperadamente occasião de conhecer a sr.^a D. Henriqueta Elysa. Uma noite em casa do sr. J. B. G., que fallecera verificador da alfandega do Porto, foram apresentadas duas senhoras, e um cavalheiro da provincia. Este cavalheiro era official do exercito e tinha o appellido de Pimentel, posto que não fosse meu parente. Achava-se no Porto de passagem para Braga, onde ia exercer o cargo de inspector dos pesos e medidas. As duas senhoras, suas sobrinhas, eram a poetisa de Lodeiro e uma irmã.

A mim parecia-me que a poetisa fosse, não a que realmente o era, mas a outra. Sabem porque? Porque a *outra* era a mais formosa das duas. Lembro-me, como se a estivesse vendo ainda, que tinha uns olhos encantadores. Esta senhora casou e morreu. Mas foi

com ella que eu valsei, e foi com a irmã, a poetisa, que eu conversei. A impressão que me deixaram as duas irmãs foi que uma era formosa e alegre, e que a outra, a poetisa, era realmente intelligente e triste. Logicamente, escolhi a alegre para valsar e a intelligente para conversar.

Rodáram annos, e o nome da sr.^a D. Henriqueta Elysa principiou a apparecer menos frequentemente entre a lista dos collaboradores de jornaes litterarios. Um dia perguntei a alguém de Sinfães a causa d'este silencio. Disseram-me que tinha casado com um cavalheiro d'aquella localidade, que tinha filhos e que vivia feliz. A explicação satisfiz a minha curiosidade.

Mais tarde, depois de 81, disseram-me ainda, n'uma visita que fiz aos *meus* eleitores de Sinfães, que a sr.^a D. Henriqueta Elysa se tinha mostrado adversaria da minha candidatura. Este sentimento de hostilidade politica era tanto mais respeitavel, quanto era independente, porque no nosso paiz as damas não concorrem por enquanto á urna, com os homens, nem como eleitores nem como elegiveis.

Esta revelação em nada prejudicou porém o sentimento de consideração litteraria que eu tinha por aquella senhora, que, por largos annos, foi certamente a segunda musa das provincias do norte, sendo a poetisa do Mondego, D. Amelia Jenny, a primeira.

Depois d'isto, só agora, pelo *Imparcial de Coimbra* tornei a ter noticias da sr.^a D. Henriqueta Elysa, Foram as ultimas, e com muito pesar as registo, não

me permittindo o animo que a morte de uma senhora de talento, que teve a sua epocha de gloria ha vinte annos, passasse despercebida á maioria dos jornaes do paiz.

19 de outubro de 1886

O PRIMEIRO DE DEZEMBRO E O « D. JAYME »

Quem me déra agora no tempo em que eu li pela primeira vez o *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro!

Verifico pela data da *Conversação preambular*, de Castilho — o famoso anteloquio que tanto deu que falar! — que o poema appareceu em 1862. Tinha eu treze annos. Li-o decerto sem o entender, mas o caso é que me ficaram na memoria para toda a vida muitos trechos do *D. Jayme*, e de um d'elles me lembrei eu esta semana emquanto duas philarmonicas entoavam estridorosamente o hymno da restauração, — que por tal signal é muito menos da restauração que do sr. Monteiro de Almeida, como já tive occasião de dizer na *Musa das revoluções*.

Só os contemporaneos da apparição do *D. Jayme* podem dar testemunho do enthusiasmo que a publicação d'esse poema despertou nas almas moças d'aquelle tempo. Ainda então dominava o romantismo como senhor absoluto dos corações em flor, e o *D. Jayme* era um poema romantico *de fond en comble*, genuinamente romantico, um livro do seu tempo, que ainda faz saudades, e que saudades! a quem então o leu.

Quando encontro Thomaz Ribeiro mettido na politica, cansado da vida publica, branco do cabello, pensando mais na prosa da realidade do que na poesia dos seus ideaes antigos, meço involuntariamente toda a profundeza do tempo que passou, e sinto frio na alma.

Vejo n'elle o poeta de 1862, e vejo em mim a creança que lia o *D. Jayme*. De per meio está o passado, — todo um cemiterio de recordações que, como as bailarinas do *Roberto do Diabo*, parece levantarem-se do tumulo para executarem a chorea phantastica dos mortos.

Se a gente quer demoral-as um momento, fogem para o mundo dos espiritos, batendo as suas azas de gaze.

Andorinhas da saudade, vão porventura procurar a primavera de outros corações, onde haja ainda azul e luz em abundancia.

Ámanhã, abandonal-os-hão talvez, para, no seu vôo eterno, irem aninhar entre as flôres de nova mocidade, emigrando de geração em geração, — sempre como as andorinhas.

Quem lia o *D. Jayme* ficava com uma grande sympathia, irresistivel sympathia era ella, pelo poeta que o escrevera.

Eu tive largas relações epistolares com Thomaz Ribeiro antes de o conhecer. Em 1869 mandei-lhe uns versos que se intitulavam a *Lenda da barca*, e elle respondeu-me na volta do correio, creio que de Bragança, onde seria então governador civil. Grande

poeta esse, que, apesar de governador civil, — e governador civil de Bragança! — tinha uma inspiração tão ardente que resistia ao cargo e ao clima!

Dizia-me Thomaz Ribeiro :

Amante fui triste e absorto
como Ramiro o barqueiro,
e achei-me afogado e morto
nas maguas do amor primeiro.

Á beira d'agua assentado
esp'rei como elle!... e depois?!...
passei noites enlevado
no canto dos rouxinoes!...

Depois disse á pôdre calma :
Ahi tens meu corpo! — ha quem reme?...
— barea em que andava a minh'alma
emquanto o amor lhe foi leme.

Estas quadras, e as outras que se seguem, nunca foram coordenadas em nenhum dos livros de versos de Thomaz Ribeiro. Mas o colleccionador curioso pôde lel-as no livro *Contos ao correr da penna* (Porto, 1869)—que foi a minha estreia litteraria.

O que não será facil talvez é encontrar o livro, não porque o seu valor o tornasse raro, e escusada seria esta declaração,—mas porque os poucos exemplares que se tiráram foram distribuidos por uma camada de rapazes, que então cursavam o lyceu nacional do Porto, e que hoje se acham dispersos cada um para seu lado;—sabe Deus onde!

Eu, que vim parar a Lisboa, quantas vezes me não lembro do Thomaz Ribeiro poeta, mais do seu *D. Jayme*, quando me encontro face a face com qualquer incidente da vida que possa ter um subtil fio de saudade a ligal-o ao passado!

Ainda esta semana isso me aconteceu, no 1.º de dezembro, por causa das philarmonicas patrioticas, que suppõem ouvintes não menos patrioticos, — capazes de aguental-as!

Eu fui um d'esses e, por morar visinho da rua de S. Marçal, onde houve festejos, passei um dia em pleno patriotismo, desde a alvorada, que foi estrondosa de musicata e foguetorio, até á meia noite, que foi estrondosissima de foguetorio e musicata.

Depois de haver accordado violentamente ao som de duas philarmonicas, custou-me mais a pegar no somno do que me haveria custado a pegar n'um ferro em brasa,—tudo por causa dos hespanhoes.

A imaginação começou a parafusar extremunhada, e acudiram-me de prompto á mente os versos que fecham o *D. Jayme* e saudam a revolução de 1640:

Horas depois, raiava a liberdade,
e passavam de dobres funerarios
a repiques de festa os campanarios,
sobre todos os templos da cidade.

Era o mez de dezembro. Enfim desperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao ceu e ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

Como espolio das bodas sanguinarias,
 um cadaver ficava exposto ao vento;
 tinha os postes da forca, por moimento,
 e por brandões de enterrro... as luminarias!

Que mais querem de nós? após tamanha
 galhardia de algoz, ébrios de gloria,
 apagaram acaso a luz da historia?
 não têm seus feitos?... Que nos quer a Hespanha?

Quer insultar a lapide funérea
 que pesa sobre vós, heroes de Ourique!
 Estremecei de horror, filhos de Henrique!...
 Repercuti meu canto, ecos da Iberia!

Estes versos passaram pelo meu espirito com todo o seu cortejo de recordações saudosas. Pairei por um momento sobre o passado, mas porque o passado seja uma rede de espinhos que baloiça ferindo, concentrei-me no presente, peguei a pensar na festa d'aquelle dia.

Cinco horas da manhã; uma alvorada de dezembro, fria como todos os diabos. Na rua, os musicos sooprando patriotismo aos seus instrumentos de metal, e grande fallacia de curiosos madrugadores, que não queriam perder as primicias da festa!

Que sentimentos patrioticos e que constipações! Quem sabe quantas bronchites, quantas pneumonias não gerou aquella frigida alvorada de quarta feira!

Chega a ser crueldade pôr na rua a uma hora tão matutina, n'um tal mez, a isca do patriotismo para attrahir ao anzol portuguezes de bom quilate.

Se elles são realmente bons portuguezes, d'antes quebrar que torcer, o melhor é guardal-os para o caso de serem precisos,—em vez de os atirar do alto da sua fé patriotica para a enxerga de um hospital e para a valla commum de um cemiterio.

O que tudo visto e ponderado, proponho que d'aqui para o futuro o 1.º de dezembro passe a solemnisar-se no 1.º de junho, em rasão de ser menos perigosa a temperatura, e que a alvorada d'aquelle dia, que até aqui costuma ser determinada pelo nascimento do sol, passe a ser regulada pelo livro de ponto das secretarias d'estado, fixando-se ao meio dia.

Estou convencido de que qualquer d'estas alterações em nada contribuirá para afrouxar o sentimento patriotico dos bons portuguezes, e que até, pelo contrario, tenderá a desenvolvê-lo, ao amor da patria, pela theoria physica de que os corpos se dilatam com o calor.

Se este alvitre pudér servir para dar ainda maior lustre á festa nacional do 1.º de dezembro, abençoarei toda a minha vida a semsaboria de ter accordado quarta feira ás cinco horas da manhã, para ser obrigado a pensar em João Pinto Ribeiro, — ao som de duas philarmonicas.

E depois, que importa que se altere o mez d'esta commemoração nacional, se em tantas outras coisas phantasiámos um pouco, mesmo a proposito do anniversario da independencia?!

Já dei a entender que o hymno chamado *da restauração* não era tal da restauração, mas sim do sr. Mon-

teiro de Almeida, illustre professor do conservatorio.

Quando eu, ha um anno, publiquei a *Musa das revoluções*, recebi d'aquelle cavalheiro uma amavel carta, que em poucas linhas compendia a historia do hymno :

« Satisfazendo aos desejos de v., tenho a honra de informar a v. o seguinte :

« Em 29 de outubro de 1861, representou-se pela primeira vez no theatro da Rua dos Condes um drama, dedicado a sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, por F. D. de Almeida e Araujo (o fallecido redactor da camara dos pares), e F. J. da Costa Braga. O titulo d'este drama é : — *1640 ou a Restauração de Portugal*, facto historico em 4 actos, 7 quadros e 1 prologo.

« Para este drama fui eu o incumbido de escrever a musica. Para o acto da coroação real fiz a diligencia de encontrar musica da época propria, mas, infructiferamente.

« Assim, compuz um hymno, que mais tarde publiquei, com o titulo de : *O primeiro de dezembro de 1640*, e é este o hymno a que o publico chama *Hymno da restauração*. Etc. »

Quando os bons patriotas, no 1.º de dezembro de cada anno, julgam estar ouvindo um hymno que el-rei D. João IV ouviu no acto solemne da coroação, abandonam-se a uma pura phantasia historica, que a carta do sr. Monteiro de Almeida destroe completamente.

A verdade é que de todos os reis portuguezes aquelle

que primeiro ouviu esse hymno não foi D. João IV, mas D. Pedro V.

Far-se-ia a revolução de 1640 sem um hymno, que acompanhasse por toda a parte o movimento nacional?

No primeiro momento o que a revolução teve foi repiques de sinos e morteiros.

No segundo momento, quando D. João IV entra em Lisboa, o conde da Ericeira falla de *alegres vozes* com que o novo rei foi recebido pelo povo. Referindo-se ao acto da coroação, falla em *repetidos vivas*. Tangeram os menestreis charamelas, trombetas e atabaes. Mas o que tocaram elles? Um hymno? Não o dizem os autos do *levantamento* e *juramento*. O povo cantava, segundo conta Rebello da Silva, mas parece que só cantava trovas, de character exclusivamente popular, para reger o rythmo das suas danças e folias.

As palavras de Rebello da Silva são textualmente estas :

« Quando lhe notaram (ao rei) que nas aldeias e nas terras humildes até os pobres e os serranos victoriavam o seu nome *em cantigas* e danças, respondia sorrindo : O que precisamos é de braços valerosos e de peitos robustos. »

De hymno inventado pela revolução não se falla não falla ninguem.

E todavia todos os *sol-e-dós* patriotas sopravam quarta feira o hymno do sr. Monteiro da Almeida, composto em 1861, com a mesma fé historica com que

no 1.º de dezembro de 1640 o poderiam haver tocado João Pinto Ribeiro, Antão Vaz da Almada e os outros da conspiração, á volta triumphal do Terreiro do Paço.

Bom é desenganar. Mesmo nas questões historicas todos vivemos mais ou menos de um pouco de phantasia. E abençoada seja a phantasia, que, sem desacatar a substancia essencial dos factos, vae bordando em torno d'elles a talagarça pittoresca dos seus devaneios. É d'estes debuxos phantasiosos, que, na lenta successão dos seculos, rendilham a historia, que nasce o romance, que nasce o drama, que nasce o poema e, sobretudo, que nasce a anecdotia, a bella anecdotia á qual todos devemos muitas das horas alegres da vida.

Mais phantasia, menos phantasia, não põe nem tira.

Por isso, meus senhores, o dito dito, d'aqui em deante celebre-se o primeiro de dezembro no primeiro de junho.

Dezembro de 1886.

RECORDAÇÕES DE BRAGA

Conheço Braga como as minhas mãos.

Mas a Braga que eu conheço tanto a preceito é a Braga de ha vinte annos, uma cidade pouco menos de prehistorica, repleta de morgados, de padres, de beatas e de miguelistas.

Resava-se, n'essa boa Braga ancestral, o terço de rua em rua, e em voz alta. Depois do terço, jogava-se o loto, e ás dez horas da noite, batidas pelo sino da sé, toda a população dormia na pureza das suas crenças religiosas e politicas, exceptuando a ralé que estava abairrada nas travessas, onde as orgias baratas se prolongavam licenciosamente até á meia noite.

Mas, fóra das alfurjas circumpostas á sé vetusta, o silencio e a solidão eram profundos ás dez e um quarto.

O campo de Sant'Anna, com o seu cruzeiro ao fundo, não era ainda o jardim florente de hoje em dia, com pequenos lagos e pontes de cortiça, com grades de ferro e cadeiras do asylo.

Nada d'isso! Era um descampado tenebroso, onde esvoaçavam morcegos que iam beber o azeite das lampadas á igreja dos Congregados, e perpassavam

corujas que sinistramente cruzavam o ar desde a igreja da Lapa, debaixo da Arcada, até á remota igreja de S. Victor ou S. Victouro, como então se dizia em prosodia bragueza.

Ao fundo do Campo da Vinha a sentinella de infantaria 8 parecia guardar a solidão de um tumulo : o quartel do Populo.

Depois que a diligencia do Porto partia da rua da Cónega (da Cónega, note-se) á meia noite, a sentinella do quartel não tornava a sentir folego vivo até que, sol fóra, a população começava a cruzar o campo em direcção á igreja do Carmo ou do Populo para ir levar a Deus a sua prece matinal.

O Bom Jesus do Monte, envolto na escuridade da floresta, mergulhava no silencio da noite a grandeza do seu martyrio e das suas arvores. Não havia, n'aquella montanha sagrada, como hoje ha, *hoteis* onde á noite se joga o *whist* e se faz musica ao piano. Havia apenas hospedarias para os romeiros, que subiam ao templo, depunham as suas offerendas e adormeciam n'aquelle local de eleição tão beatificamente como o poderiam fazer no paraiso terreal. Só uma vez no anno, pelo Espirito Santo, a montanha do Senhor do Monte resplendia de lumes festivos e rumorejava de vozes alegres. Era essa a grande romaria do Senhor do Monte, em que os judeus das capellinhas levavam bordoada dos numerosos romeiros e peregrinos, intransigentes no seu furor christão. E assim, de anno para anno, os grotescos judeus das capellinhas iam ficando cada vez mais defeituosos e

mutilados na imperfeição do seu barro, ainda muito mais fragil do que o nosso. Só escapava á furia fanática dos romeiros o Longuinhos, por ser de pedra e estar a cavallo.

Quasi todos os domingos havia na cidade uma procissão, quando não eram duas. Mas a mais pomposa das procissões era a da manhã de S. João, que exhibia, como ainda hoje, o carro das hervas, a gruta do Precursor com o seu cordeiro, e o rei David bailando e tangendo harpa. Na vespera havia illuminação e musicata em S. João da Ponte, e concorriam ali as bellas damas bracharenses, desde as burguezas da rua do Souto até ás fidalgas de sangue wisigothico.

Não foi por amor da adjectivação que eu qualifiquei de bellas as damas bracharenses ; não, senhores, foi por amor da verdade.

Bellas e boas, tudo no sentido plastico. Havia-as, pelo menos n'aquelle tempo, divinamente morenas, umas ; appetitosamente rosadas, outras. Mas todas ellas sádias e robustas : obra nacional, para lavar e durar. Boas mulheres aquellas !

Agora mesmo estão bailando varios nomes nos bicos da minha penna. Lembram-me umas que eram morgadas, outras que eram conegas, e ainda outras que não passavam de beneficiadas. Mas a verdade é que a maior parte d'ellas tinham raizes na sé.

Mais um motivo para eu ser discreto até ao silencio.

Das duas coisas mais ridiculas que uma pessoa póde perpetrar n'este mundo, uma só perpetrei, graças a Deus, mas essa frequentes vezes. De modo que é como

se tivesse perpetrado ambas. Essas duas coisas, são, na minha opinião, jogar o loto e recitar ao piano. Não recitei nunca ao piano, mas joguei o loto, em Braga, a cinco réis, dezenas de vezes.

N'um salão da rua do Carvalhal encontrava uma vez por semana o celebre Alves Passos, celebre pelo seu triplice titulo de operador cirurgico, revolucionario mallogrado, e jornalista violento.

Redigia elle n'esse tempo o *Bracharense*, e cuidava poder cultivar, atravez da imprensa e da propaganda jornalística, o circulo eleitoral de Villa Verde. Mas ainda lhe sobejava tempo para cultivar a cirurgia e o loto. Lembro-me bem de que foi n'esse salão da rua do Carvalhal que elle disséra uma noite que eu, que tinha então dezeseis para dezoito annos, devia ter grande cautela com a minha saude, porque corria eminente risco de não chegar aos vinte e um.

Esta coisa não deixou de me impressionar. Mas o certo é que me acautelei, começando desde então a cultivar apenas o loto.

Era isso o que o dr. Alves Passos queria. Pois fiz-lhe a vontade.

Juntavam-se ás vezes quinze ou vinte pessoas á mesa do loto. Alternavam-se damas e cavalheiros, ainda que os cavalheiros fossem homens da maior importancia local.

Só nunca vi jogar o Almeida Braga, com quem muitas vezes conversei no Café Vianna, debaixo da Arcada, e o dr. Galeria, que eu tinha conhecido estudante na Escola Medico-Cirurgica do Porto, e que é um

dos homens illustres cuja memoria mereceu a Camillo Castello Branco a honra de uma referencia na *Pro-cissão dos mortos*.

Já escrevi algures a respeito de Almeida Braga, que morreu em cheiro de santidade, estando hoje canonizado pelo povo bracharense; alguma vez escreverei do dr. Galeria, que foi, como estudante, um dos mais notaveis que teem passado pela Escola do Porto.

A breve trecho me industriei na terminologia do loto: as *machadinhas*, as *borrachinhas*, os *annos de Christo*, etc.

Visto que eu, segundo a opinião do dr. Alves Passos, só devia cultivar o loto, dedicadamente o cultivei. Eu sabia todos os segredos do loto, o que se vê e o que se não vê, para me servir da celebre phrase de Bastiat. Aquillo não é tão pouco cansativo como á primeira vista parece.

Muitas vezes se interrompia o jogo por varios motivos, sendo um dos não menos frequentes a maledicencia. Ah! a maledicencia de Braga! A peor das maledicencias, porque se dava ares de innocencia. Tudo parecia simples e ingenuo alli. Até eu! Pois não era. Se fores a Roma, sê romano, e eu era romano em Braga. Romano no sentido da maledicente.

Suspendia-se muitas vezes a extracção dos numeros para cortar nas casacas alheias, quando não era nos vestidos e nas batinas.

Nem a sé escapava. A sé! Upa! Upa! D'ahi para cima.

Entre as *borrachinhas* e os *annos de Christo* espres-

mia-se a reputação de um conego, e o mais. Viandavam-se os escandalos do cabido e das morgadas com um grande amor pelo cacho. Contavam-se casos picantes, historias agaçantes, anedotas hilariantes.

Ah! que boas noites aquellas, — noites consagradas ao loto e ás *borrachinhas!*

Já lá vae isso, e o peor é que não torna!...

Mas não me lembro de que a nenhum dos parceiros do loto faltasse alguma orelha. Se alguma coisa lhes faltava, depois do loto, não era com certeza a orelha.

Foi isto o que eu pensei quando, esta semana, li n'uma folha bracharense um caso tragico-comico de represalia por maledicencia.

Um tal Avelino, sabendo que o sr. Lopes, bilheteiro do theatro de S. Geraldo, déra com a lingua nos dentes a seu respeito, vingou-se cortando cerce ao Lopes uma orelha.

Se o sr. Lopes tivesse nascido apenas com essa, com a tal que o Avelino lhe cortou, não ficaria grandemente defeituoso. Mas tendo nascido com duas orelhas, e tendo-lhe o Avelino cortado uma, a outra, solitaria e desemparelhada, deve produzir mau effeito.

Mas eu aproveito apenas o facto para tirar d'elle as illações que são do dominio do folhetim.

O que eu vejo é que o progresso mudou Braga *de fond en comble*. Os *hoteis* e o ascensor do Bom Jesus, os carros americanos que deslisam ao longo do Campo de Sant'Anna e outras innovações modernamente introduzidas alteraram profundamente a physiono-

mia e os costumes da velha Braga, e mais eu já não a encontrei no período terciário.

No meu tempo todos lá tinham orelhas e até por chacota se dizia ás vezes que tinham orelhas de mais. Eu nunca disse isto, porque respeitei sempre as opiniões e as orelhas dos outros. Mas havia quem, fóra de Braga, o dissesse, fazendo allusão ás dedicações com que o miguelismo podia contar n'aquella cidade, que foi sempre *fiel*.

Pois agora já o não é, pelo menos ás suas tradições.

Se não, digam-me uma coisa: Quantas pessoas conhecem os senhores em Braga com uma orelha de menos? Uma só, o sr. Lopes, bilheteiro do theatro de S. Geraldo!

Decididamente, da antiga Braga, que eu conheci ha vinte annos, quando tinha dezoito, só restam a sé e as *frigideiras*.

Agosto de 1887.

UM BOUQUET DE JOANNAS

Olhando ao largo, como pode fazel-o o marinheiro em pleno oceano, vejo desenharem-se no fundo do horisonte longinquo os contornos vagos e fugitivos de uma cidade phantastica, illuminada pelos ultimos clarões escarlates de um bello sol que se apaga.

É a cidade ideal das minhas saudades, erguida sobre o promontorio sagrado das chimeras azues e dos sonhos còr de rosa dos primeiros annos da vida; são as montanhas invenciveis das minhas ambições de outr'ora, os jardins floridos dos idyllios ephemeros e castos, as ruinas dos castellos que a phantasia architectára e que o tempo foi derruindo pedra a pedra n'uma lenta oscillação dolorosa.

E quanto mais eu me vou affastando dos escombros de todo esse pequeno mundo de antiga felicidade perdida, mais o meu espirito, n'um enleio saudoso, vai sendo attrahido para a recordação do passado, que o alimenta, como a hera parece regalar-se na convivencia egoista das ruinas...

Então vou imaginariamente reconstruindo a galeria dos entes que primeiro me foram queridos, resuscitando-os pelo miraculoso galvanismo da memoria,

animando-os com os seus proprios olhares e com as suas mesmas palavras, enchendo-lhes o coração dos affectos que tiveram, das alegrias que lhes sorriram, dos desgostos que soffreram.

E n'esse mundo de visões e de sombras consigo por momentos recommençar a minha existencia, tornando-me ao que fui, ao que os outros foram, e que já nenhum de nós, vivos ou mortos, poderemos tornar a ser...

Enfeixo de novo as flôres que o tempo desfolhou e lógro ás vezes reatar *bouquets* de nomes e de saudades que não vivem mais do que a rosa de Malherbe.

Assim é que o meu ramilhete de hoje, cocolido no jardim da saudade, ha de ir feito de tres Joannas a que andam ligadas memorias da minha infancia, porque em verdade a minha infancia foi um alfobre de Joannas, —nem menos de tres!

Uma d'ellas, a primeira, morreu ha onze annos. Está no cemiterio de S. João da Foz, na valla, sob a terra coberta de relva, a dois passos do oceano que tanto lhe déra que pensar...

Imaginam talvez que foi esse o meu primeiro amor? Nada d'isso. Foi—porque não hei-de dizel-o?— a primeira grande dedicação que eu encontrei n'um extranho.

Quando aquella mulher desceu á terra tinha setenta annos. Se eu tivesse começado por dizer isto, affastava desde logo todas as suspeitas. Quando a conheci, tinha pouco mais de cincoenta. Para mim foi sempre — a *senhora Joanna*, uma segunda mãe, o ultimo

exemplar authenticó d'essa raça de criados antigos, heroicos na dedicação.-que desappareceram para todo o sempre.

Foi ella quem me ensinou a resar e a crêr. Lia, para ella ouvir, a *Biblia* do padre Antonio Pereira, em dois grossos volumes. E ella, sempre fazendo meia, olhava por debaixo dos óculos, n'uma grande fixidez, meditando nas passagens mais impenetravelmente apocalypticas, que aliás não entendia, nem eu tambem.

Foi ainda a *senhora Joanna* que me ensinou os rimances mais em voga na sua mocidade, e que conservava na memoria nitidamente. O do *Conde Daros*, por exemplo, que mais tarde encontrei em Garrett com o titulo de *Donzella que vae a guerra* :

Senhor pai, senhora mãe,
Grande dôr de coração:
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.

O mar era o grande encanto, a grande attracção da *senhora Joanna*. Quando iamós a banhos para a Foz, perdiamos ambos as tardes a procurar pedrinhas nas praias de Carreiros, porque ella tinha a scisma de que d'aquellas pedrinhas, passadas pelo fogo, se extraia ouro.

E para que desejava a *senhora Joanna* ter ouro?

Para eu ser rico. E se eu não cheguei a ser rico foi porque as pedrinhas, por mais que ella as assasse no fogão, nunca deram ouro.

Indubitavelmente, eu tinha de ser pobre. Estava escripto... nas pedrinhas.

Mas o mar continuou a ser sempre para a *senhora Joanna* o grande thesouro de Deus, insondavel nas suas riquezas occultas.

Em 1871 arrendei na Foz uma casinha, no sitio do Monte, encostada ao arvoredado da quinta do sr. Fladgate. A velha Joanna foi minha hospeda durante alguns dias. Ja tinha então perdido um pouco a mania das pedrinhas; estava muito velha e doente. N'essa casinha pittoresca, sobre a qual ramalhava rumorosamente o arvoredado da quinta proxima, pernoitou algumas vezes Guerra Junqueiro. Elle ha de lembrar-se d'isto. Havia dialogos deliciosos entre Junqueiro e a velha Joanna, cujo reducto de superstições ingenuas e de crenças primitivas ella defendia com encantadora simplicidade.

Natural de Santo Thyrsó, a *senhora Joanna* fora no seu tempo, segundo o testemunho de contemporaneos, uma esvelta rapariga. Entre os rapazes que a requestavam, um desejou desposal-a. Marcou-se dia para o casamento, foram o noivo e os convidados para a egreja, repicaram os sinos, paramentava-se o padre... Mas a *senhora Joanna* não appareceu. Porque? Não o disse nunca a ninguem. Ausentou-se para o Porto, onde procurou casa para servir. E a sua vida derivou exemplarmente honesta, a ponto de merecer o premio que as *rosières* plebéas d'aquelle tempo logravam conquistar á força de virtude: o tratamento de *senhora*. Hoje é o contrario d'isto.

Muito miguelista. Fora intemeratamente ás escadas da egreja dos Clerigos ver entrar no Porto os sete mil e quinhentos.

— Uns farroupilhas! dizia ella desdenhosamente. Não podiam com uma gata pelo...

A senhora Joanna, quando se tratava de politica, perdia a tramontana, e chamava a todas ás coisas pelo seu nome vulgar.

Um anno antes de morrer entréveceu. A espinha dorsal foi-se-lhe dobrando em arco, de modo que a esvelta rapariga de outros tempos quasi tinha perdido a forma humana, — era uma monstruosidade animal. E enrolada dentro da cama, com o seu cabello prateado cortado rente, cantava coisas sem nexo, n'uma toada que fazia medo, de loucura senil. Mas se eu me aproximava do leito, apalpava-me as mãos, beijava-m'as e calava-se.

Occultaram-me a noticia da sua morte. E no dia em que ella morreu, eu que não fora ao seu quarto facilmente acreditei o que me disseram: que estava na mesma. Dizer-se que o coração adivinha! Pois a verdade é que perdi n'esse dia um grande amigo, — n'aquella mulher.

Tal é, em rapidos traços, a historia da primeira Joanna.

A segunda, essa sim, era uma formosissima rapariga. Typo de princesa allemã, de boneca de Nuremberg. Dezoito annos, apenas, enlaçando na mesma figurinha de mulher um raio de sol e uma rosa. Mas d'aqui por deante não é licito continuar empregando

tintas romanticas. Tropeço n'um grande barranco, — a realidade. Profissão: criada de servir. A princesa allemã, a boneca de Nuremberg, cosinhava e varria a casa, como a Cendrillon, antes de perder o chapim... Não sei se o perdeu, nem o mais que perderia.

Eu estudava inglez com o sr. Narciso de Moraes.

Joanninha servia no mesmo predio, e ás vezes encontravamol-a na escada. Ao vel-a perdiamos toda a memoria do nosso Byron e o proprio Byron, se a visse, de boa vontade se arriscaria a levar outra sova de pau...

Mas, para os rapazes, era agreste como um vespeiro. A sua honestidade mordia. Tão bonita como rispida.

Foi ella a inspiradora do meu primeiro poema, que por tal razão se chamou — *Joanninha*. Uma pieguice infantil, mas, apesar dos seus grandes defeitos, boa de mais para uma criada de servir. Ainda assim, os soldados da guarda municipal não fazem d'aquillo.

Felizmente para mim, o poema tornou-se raro, — como as obras primas! É que os extremos tocam-se. Ora eu, logo ás primeiras paginas do poema, encontro o retrato de Joanninha, a loira de olhos azues.

Mas vamos ao retrato, que já basta
De discorrer dos olhos sobre a côr.
Percebo que a leitora, emfim, se agasta
E que já se aborrece o meu leitor!
Tentemos o retrato de Joanninha
E deixemos os olhos que ella tinha.

Um circulo de roxas violetas
 Á volta de seus olhos sempre vi.
 (Não é minha esta phrase. É dos poetas
D'uma poesia loira, diz Vigni).
 Sua face serena como um lago
 Tinha (*em loira poesia*) um quê de vago!

O cabello era loiro e á ingleza:
 Um cabello de *mistress*, anelado.
 O seio um pouquinho alevantado
 De modo a ter em si a vista presa,
 Deixando adivinhar... Indiscrição!
 Deixemos os dois cysnes onde estão.

A sua mão tão alva como a neve
 Disputava o tamanho ao pé ligeiro!
 Depois a Joanninha era tão leve,
 Mesmo ainda ao passar um atoleiro!
 Póde ser que haja alguém que n'isto embique:
 Eu gostava d'ouvil-a : *tic, tic!*

E embicaram. Hoje tambem eu embico n'esta tola onomatopea. Mas aos dezoito annos escreve-se tudo.

O que eu disse em verso áquella *soubrette* arisca, é phantastico. Pois se até, por causa d'ella, puz os lirios a fallar!

Disse, á noite, um lirio roxo:
 « — Tu viste-a? Eu vi-a; era bella!
 » Nem o ceu tem uma estrella
 » Do brilho do seu olhar!
 » Quando ella passava alegre
 » A cantar, muito depressa
 » Prendi-lhe o veu da cabeça,
 » Pude-a sequer demorar!...

- » Quando sobre a minha haste
- » Poisou seus dedos de neve
- » Para soltar-se, quem teve
- » Mais ventura do que eu?!...
- » Suas mãos deram-me vida
- » E mais côr ás minhas folhas; —
- » Essa côr que dão as bollias
- » Do orvalho, que vem do ceu! »

E responde o lirio branco :

- « — Creio, irmão, que tu a visses.
- » Mas não creio que sentisses
- » O que eu senti e sonhei...
- » Ao vel-a passar, formosa,
- » Soltei da branca redoma
- » A nuvem do meu aroma
- » E sobre ella o derramei.

- » Agora sei que pendido,
- » Sem côr, sem vida, sem cheiro,
- » Morrerei muito primeiro,
- » Muito em antes do sol vir.
- » Embora, mulher formosa,
- » Foste tu que me mataste!... »

.
 Sentiu-se tremer a haste
 E ouviu-se o lirio cahir!

Nunca mais tornei a ver a Joanninha, nem sei o que foi feito d'ella. Por mais que pergunte agora aos lirios o que sabem a esse respeito, não dizem nada. É que os lirios chegaram a ter juizo, como eu : já nenhum de nós cae.

A terceira Joanna era uma camponeza de Sozello, concelho de Sinfães.

Alguns tempos da minha infancia derivaram ali, entre serras, no outomno de cada anno. Archivei memorias d'essas agrestes serras em tres ou quatro livros, principalmente no romance *O testamento de sangue* e nas *Peregrinações na aldeia*.

Em nenhum d'elles, porém, fallei da loira Joanna de Encolmias, branca, de uma brancura sem expressão, mas de um collo de garça que recordava a alcuinha cortezã de Ignez de Castro. Trazia sempre no pescoço um fio de contas de oiro, e ás vezes eu entretinha-me a contar as contas, fingindo que me enganava para recommençar...

Ella era uma creança; eu outra. E, infantilmente, acertavamos ficar juntos na igreja, nas *esfolhadas* e nos serões da lareira. Mas esta doce convivencia não aqueceu nunca; conservou-se equilibrada n'uma agradável temperatura de amizade discreta.

Passados uns dez annos, estive de passagem em Sozello. Mostraram-m'a. O casamento tinha-a fanado; pareceu-me feia e precocemente velha.

Mas no mesmo sitio em que m'a mostraram havia um portello enramado de madresilvas, das quaes algumas vezes eu havia cortado uma flôr para lhe dar.

A unica coisa que conservava dos tempos antigos era o fio de contas de oiro.

E eu, mais pratico do que poeta, disse com os meus botões:

— Ainda bem que não se tem empenhado tanto como tem envelhecido !

.
Eis aqui, recomposto pela memoria, o meu *bouquet* de tres Joannas.

E agora, que revivestes um momento, voltae de novo, sombras queridas, a esconder-vos na cidade longinqua das minhas saudades, illuminada pelos clarões escarlates de um bello sol que se apaga.

7 de novembro de 1877.

O MAESTRO SÁ NORONHA

Uma carta de Camillo Castello Branco, publicada esta semana, como prefacio a outra recebida do Rio de Janeiro em 1886, chamou a attenção publica para a memoria de um portuguez illustre, que pouco deveu á patria durante a vida e depois da morte.

Trata-se de Francisco de Sá Noronha, auctor de tres *partituras*, *Beatriz de Portugal*, *Arco de Sant'Anna* e *Tagir*.

O resto da sua bagagem musical não deixa de ser numeroso em composições avulsas e, digamos assim, volantes, mas aquellas tres *partituras* são a culminancia da obra artistica do *maestro* Sá Noronha.

Conheci-o muito bem no Porto, quando eu atravessava alegremente essa encantada ponte que liga os ultimos annos da infancia aos primeiros da mocidade.

Lembro-me de o ver sentado quasi todas as tardes á porta do botequim da *Agua d'Oiro*, o *Tortoni* d'aquelles tempos que já se me vão afigurando pre-historicos. Quando li a carta de Camillo quiz parecer-me que elle, ao cabo de aturadas investigações archeologicas, lograra desenterrar do seio da terra uma rebeça

de pedra [polida, e que todo o seu trabalho consistia em provar que essa rebeça de pedra polida havia pertencido ao violinista Sá Noronha.

Os mais notaveis homens d'essa epocha estão mortos. De modo que se a gente enfia o olhar por entre as extensas alas dos seus tumulos, cuida que o que está para além do limite do raio visual é o homem primitivo e a idade de pedra.

Sá Noronha, a despeito das privações que lhe atribularam quasi ininterruptamente a existencia, poude compôr e ensaiar nem menos de tres *operas*, porque a sua organização robustissima era de geito a resistir aos mais duros combates dos homens pouco melhores do que a sorte.

Estivera por varias vezes na America, onde tinha de acabar, deixando como espolio *um insignificantissimo numero de joias de nenhum valor, a rebeça de seu uso e as suas composições !*

Lembro-me de ter ouvido uma d'estas composições, cuja inspiração supponho haver sido recolhida no paiz que o seu titulo indica: *Os tristes do Perú*. N'aquelles tempos sentimentaes de romanticismo vibrante, e na vibrantissima idade em que eu me achava então, *Os tristes do Perú* produziram-me uma grande impressão de suave melancolia.

Sabe-se que os pastores peruvianos accordam os echos das montanhas do seu paiz tocando saudosissimas canções, chorosas e ululantes, na tibia descarnada dos seus mortos queridos, que lhes serve de flauta campestre.

Noronha imitava na composição a que me refiro essas elegias musicaes das montanhas do Perú, que os *tristes*, os pastores solitarios, sentados no pincaro das serras, enviam com os olhos postos no azul, como em extranha adoração extatica, para a região serena e lucida dos mortos.

Via-se isto atravez das lagrimas sonoras que o violino de Sá Noronha chorava, e a voz dos pastores peruvianos ouvia-se soluçar na toada dolente que as cordas do violino iam gemendo sob os dedos e o arco do violinista inspirado.

Nenhuma outra composição sua, das de secundaria importancia, me deixou maior nem mais perduravel impressão.

Quanto ás *operas* de Sá Noronha devo dizer que não ouvi cantar a *Beatriz de Portugal*, aliás posta em scena no theatro de S. João do Porto. N'esse tempo ainda eu não frequentava theatros. Mas calculo hoje os trabalhos, os desgostos, as angustias por que Sá Noronha passaria para fazer representar no Porto a sua primeira *opera*.

Qualquer que fosse o successo d'esta *partitura*, Noronha não desanimou.

Passados annos sahiu-se com uma nova *opera*, cujo *libretto* fôra extrahido do romance de Garrett *O Arco de Sant'Anna*.

Se havia *opera* que devesse inflammar o espirito dos portuenses, era aquella. Baseava-se no romance de um dos mais famosos filhos do Porto, o visconde de Almeida Garrett, que nasceu na rua do Calvario.

O assumpto do romance, e portanto da *opera*, é genuinamente portuense, diria mesmo *tripeiro* dos quatro costados, se a alcunha de *tripeiros* dada aos portuenses não derivasse de um facto posterior a D. Pedro I. Sá Noronha, que supponho ter sido natural de Guimarães, vivia no Porto desde muito tempo, era portuense pela naturalisação que deriva dos hábitos e da convivencia.

Pois, apesar de todas estas recommendações, os amigos mais intimos de Noronha tiveram de soprar á fornalha do enthusiasmo para que ella chamme-jasse tres ou quatro ovações seguidas. Não foi espontaneamente impulsivo o movimento dos portuenses favoravel áquella *opera* e ao seu auctor.

A *première* realisou-se n'um sabbado, creio eu. A segunda recita, se continuo a não estar em erro, effectou-se no domingo, em beneficio de Sá Noronha.

O illustre gravador Mollarinho, amigo dedicadissimo de Noronha, pediu-me que fosse n'essa noite ao theatro de S. João dizer uns versos em honra do *maestro*.

N'aquelle tempo, muito mais do que hoje em dia, era costume nas festas theatraes do Porto recitar de qualquer camarote estrophes laudatorias aos actores e aos auctores. Em Lisboa não se usa isto, mas no Porto raro espectaculo pomposo passava sem o admiculo dos versos que, no momento de acabar um acto, resoavam com emphase na bocca de um espectador, estando todos os outros de cara no ar para ouvir o homem.

Nada posso dizer hoje do merecimento artistico da *opera Arco de Sant' Anna*.

Eu ouvi-a uma só vez, n'aquella noite. A tarefa da recitação, a que me tinha compromettido, agitava-me os nervos; estava vivamente preocupado com o que tinha a fazer. Mas, ainda assim, por alguns annos me ficou na memoria a toada dos caldeireiros do Porto, um côro de effeito, que foi *bisado*, e em que Noronha me parecêra feliz na imitação da gritaria revolucionaria, que Almeida Garrett, com felicidade não menor, pôz na bocca dos caldeireiros :

Beo, beo, beo! tira o chapeo,
Que aqui vae dom Pero Cão!
Hãõ, hãõ. hãõ. sô canzarrão!
Tam ladrão é o bispo como o Pero Cão.

No fim do segundo acto, creio eu, pedi licença aos espectadores de um camarote de primeira ordem para recitar d'ali. A casa estava cheia, e, quando cheguei á bocca do camarote, estando em scena os cantores e Noronha, fez-se silencio.

Não posso reproduzir na integra os meus versos d'aquella noite, mas direi apenas as duas primeiras estrophes, que conservo de memoria :

Eu vim tambem, Noronha. Ao meu tugurio
Chegou ainda o festival murmurio
Da fêrvida ovação.
Do teu palacio achei a porta aberta.
Entrei. Venho trazer-te a minha offerta,
Saudar-te, meu irmão.

Chamei-te meu irmão! Quem negaria
Que a musica não passa de poesia!...

É o verbo dos Orpheus.

Subtil como um aroma que se expande,
Sem fórma como tudo quanto é grande,
Como a luz, como Deus.

Os amigos de Sá Noronha, no seu louvavel empenho de fazerem subir a temperatura do entusiasmo, pediram *bis*. Alguns d'elles, conhecendo as difficuldades em que Noronha vivia, rir-se-iam de certo, para dentro, da arrojada metaphora do *palacio*, coisa que o *maestro* nunca teve, e das outras liberdades poeticas do panegyrico.

Mas, á sombra de Noronha, recebi algumas palmas, que, passados poucos momentos, se converteram em verdadeiras palmas de martyrio.

Quando sahi do camarote, encontrei no corredor um esbirro da administração do bairro oriental, que me convidou a comparecer na frisa do respectivo administrador.

Não me disse qual fosse o crime que eu havia perpetrado.

De mim para comigo julguei que ia preso á ordem de Apollo por serem os versos maus e, no fundo da minha consciencia, dei razão a Apollo.

Quando descí ao atrio, sempre acompanhado pelo esbirro, em direcção ao camarote da auctoridade, o caso fez sensação, e muitos dos espectadores, que alli estavam fumando e conversando, seguiram-me.

Lembro-me que tomou a dianteira aos curiosos o meu amigo Eduardo Vianna, cuja lenda de *dilettantismo* chega até Lisboa.

Cahi sobre mim uma granizada de perguntas.

Por que ia eu preso? Era bom que o soubesse! A turba dos curiosos, engrossando cada vez mais, acompanhou-me até á porta do camarote da auctoridade.

Entrei. Apollo não estava. Achei-me na presença do sr. Amancio Pinheiro, que era então administrador substituto do bairro oriental e que, n'essa qualidade, estava presidindo ao espectáculo. A memoria d'este facto, que conto como futilidade curiosa, em nada desmerece a estima que tenho por aquelle cavalheiro.

O sr. Amancio Pinheiro perguntou-me severamente se eu desconhecia uma ordem da auctoridade, segundo a qual ninguem podia recitar versos no theatro sem primeiro os ter submettido á censura administrativa.

Esta ordem, visivelmente abusiva, havia tido origem no facto de, pouco tempo antes, o meu amigo Diogo Souto, então estudante do lyceu, haver recitado no theatro Baquet uma poesia que foi tida como satyrica para a realesa.

E creio que o governo civil, desde esse dia, estabeleceu por sua conta e risco a censura litteraria no Porto.

Respondi sinceramente ao sr. Amancio Pinheiro que não sabia de tal ordem, mas que se o meu crime era grave, posto que inconsciente, não tivesse a me-

nor consideração pela minha pessoa, porque eu teria muito gosto em jazer nos ferros d'el-rei por haver glorificado o talento do *maestro* portuguez Sá Noronha.

O sr. Amancio Pinheiro foi um pouco mais fino do que eu: percebeu que eu tinha realmente o desejo de me dar ares de poeta victima e de entrar estrondosamente no carcere acompanhado por uma numerosa *queue* de curiosos e defensores.

Não. O sr. Amancio Pinheiro, mais generoso de que Apollo o deveria ser para comigo, mandou-me embora.

E eu perdi n'aquella noite a unica occasião que tenho tido em toda a minha vida para me tornar celebre.

Ah! sr. Amancio Pinheiro, o que eu ainda lhe não perdôo hoje é o não ter completado a sua obra de austeridade administrativa!

Depois fui assistir ao resto do espectáculo e juntei as minhas palmas ás dos amigos de Sá Noronha, o infeliz *maestro*, cujo nome me suggeriu todas estas memorias antigas.

22 de novembro de 1887.

A BELLA CINTRA

N'este momento, a *great attraction* é Cintra.

A fresca Cintra!

A pittoresca Cintra!

A bella Cintra!

Todos os jornaes de Lisboa se occuparam, durante a semana, fallando de Cintra. Todo o *high life* lisboense ou já lá está ou vae partir para Cintra, onde a Familia Real faz a sua *villegiature*, tendo El-rei e a Rainha sido precedidos, alguns dias, pelo Principe D. Carlos e pela Princeza D. Amelia, dois noivos, e sabe-se bem a fascinadora attração que Cintra,—a bella,—exerce sobre todos os noivos.

Se ha na terra logar fadado para o amor, é aquelle, onde tudo é suave, harmonioso, feiticeiro,—até a tradição.

Saudades de coração amante, tristezas brandas de peitos namorados, memorias galantes de aventuras da côrte, idyllios apaixonados em que os noivos gorgeliam beijos e os rouxinoes descântam volatas, tudo isso se baralha e confunde n'aquella deliciosa estancia em que a luz se casa com a sombra n'um hymeneu

suavissimo, e tão intimo, que a luz só parece surgir para alegrar a sombra e a sombra só parece surgir para temperar a luz...

Desde Bernardim Ribeiro até nossos dias tem o amor pendurado o seu ninho, cheio de canticos e de idyllios,—porque a tristeza no amor é tambem um idyllio feito de lagrimas, e dá d'isso exemplo o proprio Bernardim,—nos troncos d'aquellas florestas verdejantes cuja ramaria parece encrustar-se no aro das serras como enorme esmeralda n'um anel de granito.

Ali Bernardim Ribeiro chorou, se é verdadeira a fama, as melhores perolas da sua saudade; e que não seja verdadeira, já agora ninguem deixará jámais de associar na imaginação Cintra e Bernardim Ribeiro.

Ao longo de uma ribeira
Que vae pelo pé da serra,
Aonde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr.

Se será Cintra esta serra? pergunta Garrett.

Se não é, quer a lenda que o seja, e a força das lendas é tamanha que até um homem da estatura de Alexandre Herculano, só porque tentou lutar com as lendas, foi perseguido com improperios.

Quando o nome de Garrett cae dos bicos da penna como agora me aconteceu, sendo Cintra o assumpto, não ha remedio senão parar alguns momentos, porque se houve poeta galante em Portugal capaz de

compreender Cintra, como homem e como poeta, esse poeta e esse homem foram com certeza... Garrett.

Elle viu tudo em Cintra, o passado e o presente, gosou, n'aquellas sombras sonoras e perfumadas pelo amor dos outros e pelo seu proprio amor; resuscitou os que lá tinham amado e amou a exemplo dos outros.

Assim foi que exhumou a lenda da pèga chocalheira,—o celebre caso galante de D. João I:

Era a mais formosa dama
Que andava n'aquelle bando:
No hombro de Dona Mécia
A pèga vinha poisando,

E zelosa parecia
Que os andava espreitando...
Colhera el-rei uma rosa,
A Dona Mécia a ia dando,

Com um requêbro nos olhos
Tão namorado e tão brando...
Inda bem, minha rainha,
Que adiante te vaes andando!

Pegou na rosa a donzella.
Disfarçada a está cheirando...
Senão quando a negra pèga
Que lh'a tira e vae voando.

Deu um grito Dona Mécia...
E a rainha voltando,
Deu com os olhos em ambos. . .
Ambos se estão delatando.

« Foi por bem! » lhe disse o rei...

Fosse uma rosa ou um beijo o que o rei dera a Dona Mécia, tudo isso, beijo ou rosa, é idyllio de Cintra e para Cintra, e assumpto que o olfacto elegante de Garrett farejou avidamente na poeira das chronicas, porque aquelle idyllio, se não fosse de D. João I, seria seu proprio.

Aquelle ou outro que tal... Nas linhas com que precede esta ballada galante, escreve Garrett :

« Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n'essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vae infastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos *dois sós*, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos ver o palacio: chegámos á sala das pègas. Pègas são chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho... e n'este tempo estava-lhe côm zanga de morte... »

Quem sabe se Garrett não teria da chocarrice da pèga a mesma rasão de queixa que D. João I!

Zanga de morte, diz elle...

Lord Byron, e mais não podia pôr os olhos em nada sem achar um defeito, não achou nenhum na formosura de Cintra.

Ou não fosse Byron tamanho poeta como era!

Viu Lisboa, sorriu-lhe a bellesa da cidade espelhada sobre as aguas do seu porto magnifico, mas lobrigou-lhe um senão.

Que os seus habitantes eram immundos, escreveu no *Childe Harold*.

E atravessou com a sua dupla vista de critico

azedo não só o casaco mas até a camisa dos lisboetas.

Achou tudo enxovalhado, o casaco e a camisa...

É verdade que n'esse tempo ainda o Alviella não corria nos predios de Lisboa; mas havia as Aguas-Livres, havia, quando mais não fosse. o Tejo, e para se desaceiado com tanta agua era preciso ter a falta de aceio na massa do sangue.

Pois atirou-nos á cara, quero dizer, á camisa, com esta accusação tremenda.

Mas viu Cintra e ficou de beijo caído; não teve mancha que pozesse á belleza do sitio.

Eu tenho aqui defronte de mim o *Childe Harold* em portuguez, vertido a primor pelo meu amigo Alberto Telles, e editado, n'uma edição que faria honra ao proprio Byron, pelo sr. Ferreira, da rua do Oiro.

Aproveito o que está feito, e bem feito, para recordar o que lord Byron escreveu a respeito de Cintra:

« Eis que em vario labyrintho de montes e valles surge o glorioso éden de Cintra. Ai de mim! Que penna ou que pincel logrará jámais dizer a metade sequer das bellas d'estas vistas mais deslumbrantes que ess'outras descriptas pelo poeta que abriu ao mundo, tomado de espanto, as portas do Elisio?

« Mosteiros suspensos de horridos penedos; sobros seculares em volta de precipicios vestidos de musgo, que o ardor do sol crestou; arbustos gotejando á sombra no valle profundo; o azul suave de um mar tranquillo; aureos pomos em viridentes ramos; torrentes que se despenham das cristas da serra: no alto

as vinhas, cá em baixo os ramos dos salgueiros... Fôrma tudo um quadro maravilhoso de variada belleza!

« Trepai então de vagar a senda tortuosa, e, voltando o rosto a miude, parai de quanto em quando. Cresce a altura da fraga e as graças crescem! Repousai depois no convento de Nossa Senhora da Pena, onde monges frugaes mostram aos estrangeiros as reliquias que possuem e narram lendas antigas. Homens impios foram castigados aqui... Mas, olhai! além, n'aquella cova, por largos annos viveu Honorio, fazendo da terra um inferno na esperança de ganhar o ceu! »

Da Cintra pittoresca disse isto lord Byron, e não se pôde dizer mais; da Cintra historica tirou argumento, a proposito da convenção de 1808, para lamentar que os generaes inglezes não tivessem sabido evitar que Napoleão, abatido ali na pessoa de Junot, pudesse reconquistar depois pela politica o que a espada perdera.

É um inglez que não duvida chamar tolos aos seus generaes, só para ter o gosto de amaldiçoar mais uma vez Napoleão.

Mas esta tirada politica, que lord Byron encabeça na descripção de Cintra, entra ali como Pilatos no *Credo*. A convenção não foi tal assignada no palacio dos Marialvas, em Seteais, como elle diz; e não foi porque Cintra ficava na rectaguarda das posições cuja posse foi alcançada pela convenção.

Rehabilitemos Cintra perante a memoria de By-

ron, e já agora reabilitemos, de passagem, Lisboa, a qual não é a mesma cidade fedorenta do *agua-vai*, que tão desagradavelmente impressionou o olfato de Ratton e do auctor do *Childe Harold*.

Ah! que se lord Byron, em vez de ter feito a sem-saboria de morrer como todos os lords, tivesse tido vida para voltar a Portugal, ahi por 1848, e visse a Pena convertida n'um dos mais bellos palacios que o mundo possui, então ainda mais captivado viria de Cintra, a tal ponto que não duvidaria propôr a el-rei D. Fernando o trocar toda a sua gloria de poeta por aquelle castello que um rei artista sonhou, e realison, sobre uma montanha mais formosa do que a de Zitza, segundo o proprio testemunho de Byron!

Inveja a gente a felicidade dos que podem ir passar a manhã no *Duche*, experimentando a doce sensação da queda da agua, que se despenha em espumas de prata, ou nos Pisões, nas frescas sombras da quinta da Regaleira, lendo um bom poeta sob o castanheiro da India, enquanto em baixo, na estrada, *touristes* da provincia vão passando em burricadas para a varzea de Collares e perguntando aos burriqueiros:

— Porque se chama Pisões este sitio?

— É nome que vem de uns moinhos antigos...

E foi. Moinhos de roda dentada, que serviam para alisar pannos, e se chamavam *pisões*, porque em verdade o pisavam com os seus fortes martellos.

Passar a manhã nos Pisões é bom, mas passar a

tarde em Seteais, jogando o *criket* ou o *lawtennis*, é talvez melhor.

O vasto campo de Seteais, com as suas tres ruas sombrias, e o palacio do marquez de Marialva (hoje do conde de Azambuja) ao fundo, é um sitio encantador para passear á tarde, no verão, entre ranchos de senhoras, cujas sonoras risadas o *ecco* vae repetindo, porque o *ecco* de Seteais, segundo a lenda, é dos mais palreiros do mundo, — capaz de repetir *sete ais*, para justificar o nome dado ao sitio...

E subir de madrugada á Cruz Alta, correr a vista pela belleza da terra, do ceu e do mar, e saudar do alto da montanha *da lua* a aurora de um bello dia de sol, para descer depois com o mais saudavel appetite que o ar vivificante da serra abre e aguça, é realmente melhor, quanto melhor, meu Deus! do que imaginal-o apenas, como eu estou fazendo, com o só proposito de dizer ao leitor que toda a semana que passou foi de emigração para Cintra.

II

Recebemos quarta feira uma carta relativa ao nosso folhetim do dia anterior.

Vinha assignada por *um constante leitor do Economista*.

S. ex.^a, seja quem fôr, teve a amabilidade de nos dar um pouco de mel pelos beiços, mas, no fundo do seu favo, havia o áspide de uma censura: que da Cintra historica tinhamos fallado a correr.

O *constante leitor do Economista* tomou um ponto de vista falso : imaginou talvez que pretendiamos fazer a historia completa de Cintra e que não pudemos encontrar senão o pouco que dissemos.

Então, s. ex.^a refere com grande prodigalidade de erudicção muitas lendas, muitas aneddotas, muitas tradições historicas de Cintra.

Agradecemos o seu auxilio, mas verá que não esgotou o assumpto, como talvez suppozesse.

Nunca nos passou pela cabeça, caro leitor, a ideia de metter a historia de Cintra n'um unico folhetim,—correndo.

Oh! como isso seria fatigante, visto que, por falta de espaço, pouco mais poderíamos citar do que nomes e datas!

Contámos apenas uma ou outra tradição local e, se fallámos da convenção de 1808, foi como ligeiro commentario ás referencias de Byron no *Childe Harold*.

Se ha alguma dificuldade embaraçosa n'este mundo, é por certo a de ter que escrever de muitos assumptos sem dar mais que meia duzia de palavras a cada um. Chama-se a isto, em calão lisbonense, metter o Rocio na Bitesga. Eis o que eu tenho de fazer algumas semanas. Mas d'esta vez não acontece isso, felizmente, e como não acontece, vamos lá, caro leitor constante do *Economista*, conversar um pouco sobre Cintra, que de mais a mais continua a ser a *estação elegante* d'este verão.

Gosto de dar o seu a seu dono, e reconheço por isso que não é v. ex.^a das pessoas que conhecem melhor

as queijadas do que as lendas de Cintra. Tem porém rasões para isso. É v. ex.^a mesmo que o confessa : « Desde pequeno que vou para Cintra e creio conhecê-la um pouco como os meus dedos. »

Sabe que mais? Tenho-lhe inveja. Desde pequeno que vae para Cintra! Ah! ditoso senhor! Eu não só não fui lá em pequeno, mas agora mesmo não vou lá todas as vezes que quero, — e tenho ido poucas.

Deve amar Cintra, por certo, como se ama uma recordação da infancia. Cintra é, para que assim o digamos, uma bonita menina que andou no seu collegio. Suppoz v. ex.^a, e com alguma rasão, que ella, graças á intimidade dos dois, lhe tivesse contado todos os segredos da sua historia, todos os 'mysterios do seu coração, porque Cintra, onde tanto amor tem pulsado, não póde deixar de ter coração.

Mas ah! caro leitor constante, quem se póde fiar em mulheres!

Já o dizia Francisco I : *Bien fol est qui s'y fie.*

A verdade é que Cintra fez alguma reserva nas confidencias com que honrou a sua antiga amisade.

Nem tudo se conta. Ha sempre, no fundo de uma biographia, alguma coisa que os outros não vêem, nem devem ver.

V. ex.^a foi-me indicando amavelmente as tradições galantes de Cintra, reinado a reinado, mas passou em claro o de D. Sebastião, vendo-se que não tinha encontrado qualquer tradição d'essa especie, qualquer lenda, por mais duvidosa que fosse, d'esse reinado.

Desculpou-se com frei Bernardo da Cruz, e a res-

peito de D. Sebastião fez esta observação cathegórica : « D'este não ha amores que referir ; só ia para Cintra pensar na Africa. »

A admittirmos as lendas, não posso deixar de lhe dizer que lhe escapou uma, e justamente relativa a D. Sebastião.

Duvida?!

Comprehendo a sua duvida, não só por se tratar de D. Sebastião, que a maior parte dos escriptores supõem invulneravel ao amor, mas porque lhe repugna acreditar que a sua querida Cintra podesse occultar-lhe um segredo.

Pois occultou, porque eu conheço uma lenda galante de D. Sebastião, que se refere a Cintra, a essa Cintra que v. ex.^a, aliás, conhece um pouco como os seus dedos. Note, porém, que digo lenda, — e só como tal a reproduzo.

No periodico *A Arte*, que se publicou em Lisboa, e de que era director o meu amigo Sousa e Vasconcellos. foi publicada uma relação anonyma, e talvez inedita, do reinado de D. Sebastião. Qualquer que possa ser o seu valor historico, o certo é que essa relação faz curiosissimas revelações n'um certo tom de authencidade, que pôde ser fingido, mas que pôde tambem não o ser.

Como o assumpto é interessante, eu vou transcrever da relação justamente o que se refere a D. Sebastião e a Cintra.

Diz o anonymo :

« O duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, teve

uma filha unica chamada D. Juliana, a quem creou no paço a rainha D. Catharina, sendo regente d'este reino. Era dama formosa, bem feita e muito esperta: ao menos, quando não tivesse estas qualidades, agradou-se d'ella el-rei D. Sebastião, sendo mancebo, e veio a declarar-se mais depois do anno 1568 em que tomou o governo. Semelhantes indicações, que não podem ser occultas muito tempo, principalmente entre pessoas taes, chegaram á noticia da rainha e do duque de Aveiro; porém com diferentes sentimentos, porque a rainha receiava a consequencia d'estes amores, de que era objecto uma bisneta de el-rei D. João o II, e o genio apaixonado de seu neto, que teria então 20 annos, e D. Juliana 16, com pouca differença, e o duque com uma vaidade disfarçada, e fingindo-se ignorante, do que todos sabiam, aspirava a altas ideias, lembrando-se que era neto de um rei, da sua grande representação, e casa, e tudo isto o persuadia, de que algum dia sua filha, a contariam no catalogo das rainhas de Portugal. Os politicos discorriam sobre o que observavam: os apaixonados defendiam o partido a que se inclinavam: o zelo e a inveja fallavam conforme o interesse publico ou particular, e a rainha n'este labyrintho, consultou com o cardeal infante D. Henrique, seu cunhado, a decisão que devia tomar-se a este respeito; e ouvidos alguns votos mais, em grande segredo, concordaram que se procurasse casamento a D. Juliana, obrigando o duque de Aveiro com honras e mercês. Approvada esta resolução, fallou a rainha ao duque, segurando-lhe quanto de-

sejava a continuação da sua casa, aggregando-lhe todas aquellas rasões de que a dextresa é inventora para os seus fins. O duque agradeceu sem mostrar que entendia a causa d'esta proposta; mas sobre ponderações, e a eleição do esposo, se foi passando tempo; e desde então principiou o pouco affecto que el-rei teve sempre ao cardeal seu tio, e tiveram origem algumas faltas de respeito para com a rainha sua avó, que antes tratava com mais veneração; tomando tambem em ponto de vista alguns fidalgos e ministros, que, com verdade, ou desconfiança entendeu haverem concorrido para a decisão que se havia tomado. D'estes foi passando o desagrado aos parentes e até aos amigos, de sorte que ninguem ignorava que el-rei não gostava da nobreza, e apenas se exceptuaram D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, que fôra vice-rei da India, e Christovão de Tavora, que tinha bastante ardileza para insinuar-se. Estimava el-rei por extremo o duque de Aveiro, e pouco tempo depois da pratica que a rainha tivera com elle, *determinou uma caçada á villa de Cintra, para a qual convidou as maiores pessoas que havia na côrte, sendo uma d'ellas o mesmo duque, que, acompanhado de sua filha, se achou n'esta occasião; e como tambem fosse um dos convidados o duque de Bragança D. João I, a rainha, sabendo a fórma porque ia o de Aveiro, ordenou á sra. D. Catharina, mulher do de Bragança, que acompanhasse seu marido, encarregando-a de observar opsassos de el-rei seu neto. Chegou o dia, e foi pomposa a funcção pela occorrença dos convidados,*

que se acompanhavam de numerosas comitivas ; pela ostentação e riqueza com que iam vestidos os monteiros e criados de el-rei, e finalmente quanto se via era grandeza. A duqueza de Bragança, que era dotada de altos espiritos, e de uma viva penetração, soube cumprir de maneira as ordens da rainha, que não houve da sua commissão a mais leve desconfiança, e só el-rei a presumiu, pelo encontro que ambos tiveram n'aquella occassião ; *porque desaparecendo elle no vigor da caçada, a duqueza o foi descobrir no alto da serra, junto onde está o convento dos frades Jeronymos, conversando com o duque de Aveiro e sua filha ;* e ainda que o duque não suspeitou nada, D. Juliana desconfiou que a vinda alli da duqueza não era casualidade, e do mesmo se capacitou el-rei : e indo todos juntos para onde andavam os monteiros, em breves instantes se acabou a caçada, cuidando cada um em recolher-se mais depressa do que esperava. Além d'este houveram outros ajuntamentos, que el-rei promovia para seu divertimento, ou como tambem se dizia era pretexto para avistar-se com D. Juliana ; porque o duque de Aveiro era sempre convidado, levando comsigo a filha. Ultimamente houve um que muito dissaboreou a rainha, e o cardeal infante, e foi uma mascarada de noute, em uma quinta no districto de Carnide, na qual se acharam grandes senhores, e o duque de Aveiro, com sua filha, vestida á turqueza, e muitas outras donas luzidamente ataviadas ; e do que alli se passou, teve a rainha circumstanciadas informações ; mas não se disse com certeza quem as

déra, supposto que se presumiu ser o prior do Crato, D. Antonio, filho do infante D. Luiz. Pelo que aconteceu n'este concurso, reprehendeu a rainha a el-rei, e lhe fez algumas advertencias o cardeal infante seu tio, de que não resultou outro effeito, que augmentar-se mais o seu aborrecimento contra aquelles de que já não gostava, e de se procurar por parte da rainha, com o maior empenho, o casamento de D. Juliana, para o que o duque prestava sempre a condescendencia, sem decidir na escolha de pessoa. El-rei que era constante em projectos e apezar da sua pouca idade, assentou descartar-se d'aquelles de que se receiava, retirando-os da côrte com honra, e entrou a divulgar que queria passar a Africa, acompanhando-se d'elles, para ver pessoalmente as suas praças, e poder melhor acudir á sua conservação e defesa. A isto se oppunha a rainha, o cardeal, Martim Gonçalves da Camara, seu primeiro ministro, Luiz Gonçalvez da Camara, seu irmão, que era confessor de el-rei, além de outros muitos; e entendeu-se que pela continuação de tantas instancias, mudara de accordo, ainda que alguns porfiavam no contrario. O primeiro que quiz fóra da côrte foi o sr. D. Antonio, prior do Crato, que nomeou capitão de Tanger, e acceleradamente o mandou embarcar em uma armada preparada com igual brevidade, que sahiu de Lisboa a 19 de julho de 1574. Partiu depois para Cintra, dando a entender que queria passar o estio n'aquella villa; e o intento era para se acabar, em quanto lá estivesse, uma galera, que mandara fazer no Terreiro do Paço, em que traba-

lhava muita gente sem attenção a domingos e dias santos; e concluida ella, veio a Belem, a 15 de agosto, para onde a tinha mandado ir, ordenando que embarcasse a gente. e a de outras duas, de que era capitão-mór D. Fernando Alvares de Noronha, a quem passou ordem promptificasse todas no porto de Cascaes, onde lhe daria as que havia a executar. A 17 foi a Cascaes com todos os que o acompanhavam, não descobrindo a nenhum o fim a que ia, e se embarcou na galera com elles, sem saberem para onde, sómente com o que cada um levava sobre si, e então lhes disse navegava para o Algarve, ficando todos confusos, porque não havia provimentos, ou apparatus anticipados para semelhante jornada, ainda que muitos a receiavam. Entre os que levou, foi o duque de Aveiro, que talvez fosse o unico a quem descobrisse a sua resolução, por todos os principios tão arrebatada, como imprudente e perigosa. No Cabo de S. Vicente escreveu aos fidalgos, cidades e villas, rogando-lhes, que, com a possivel brevidade o seguissem com a mais gente, e cavallos que podessem; e se disse, que estas cartas, ainda que com data de Lagos, levava feitas de Cintra, e chegaram a oito mil. »

Aqui tem, caro leitor constante do *Economista*, uma lenda que v. ex.^a não citou porque decerto não a conhecia — visto como não se poupou a citações.

E é interessante. não é?

Se será veridica? Isso agora é outro caso, e chamo para elle a attenção de v. ex.^a, como amador que é das tradições galantes de Cintra.

Se houver quem se interesse tanto pelas tradições galantes de Carnide como v. ex.^a pelas de Cintra, poderá encontrar prestante collaborador de suas investigações, por isso que o chronista anonymo falla da mascarada nocturna de Carnide, em que a filha do duque de Aveiro appareceu a enfeiticar o rei *vestida de turquesa*.

Veja o constante leitor se investiga este caso, se pode tirar a limpo mais aquella lenda de Cintra, e se n'la manda depois de bem apurada, dentro de uma bandeja, com uma duzia de queijadas da Sapa, á roda.

Acredite no que lhe digo: as lendas engolem-se melhor com queijadas.

V. ex.^a, graças ao principio da mutualidade de serviços, deve-me as queijadas, pelo menos, visto que terminava a sua longa carta pedindo-me uma informação, e eu posso dar-lh'a.

Referindo-se a alguns versos do *Childe Harold*:

There thou, too Valthek! England's Wealthiestson, etc.

diz v. ex.^a:

« O palacio do opulento inglez Valthek, a que Byron se referiu, deve ser o de Monserrate, que ainda hoje continua a pertencer a um inglez, tambem opulento. Mas a respeito de Valtheck estou pouco menos do que a ver navios. Veja v. se tem melhor vista do que eu: auxilie-me ».

Ora a verdade é que não sou eu precisamente que tenho melhor vista do que o constante leitor, mas sim

o meu amigo Alberto Telles, que é o unico commettador de Byron que temos em Portugal.

Citei outro dia a sua traducção do *Childe Harold*. Hoje vou citar o seu livro — *Lord Byron em Portugal* (Lisboa, 1879).

Alberto Telles liquida essa questão de *Valtheek* por modo satisfactorio, depois de confessar o trabalho que teve para isso.

Eu aproveito o fructo do trabalho de Alberto Telles para elucidar o constante leitor do *Economista*. Já vê v. ex.^a que não tem rasão para dizer mal dos Albertos.

O cavalheiro William Beckford (um inglez que se prese é sempre William) filho de um opulento alderman, cultivou a litteratura, publicou um romance com o titulo de *Valtheek*.

William Beckford, depois de haver tomado assento no parlamento inglez em varias legislaturas, enfatiou-se da politica, porque um inglez sempre que se prese tem obrigação de se enfastiar d'alguma cousa — e veio passeiar o seu aborrecimento (que não sei se chegaria a ser *spleen*) na nossa fresca Cintra, onde comprou a esplendida quinta que teve o seu nome, Beckford, e que é hoje a de Monserrate, fadada para ser possuida por inglezes ricos.

Aqui tem pois v. ex.^a, segundo a investigação de Alberto Telles, explicada a referencia de lord Byron no *Childe Harold*. Allude Byron ao romance de William Beckford, o qual Beckford, seja dito de passagem, é o protagonista do romance *Lagrimas e thesoiros*, de Rebello da Silva.

Fica contente? Deve ficar. E agora, mais de que nunca, caro constante-leitor do *Economista*, deve mandar-me a duzia de queijadas da Sapa. Eu repartirei lealmente com Alberto Telles, e olhe que elle merece-as.

PASSEIANDO

Para nós, os que não somos lavradores, em começando a chuva e abrindo S. Carlos, principia o inverno de Lisboa, embora o repertorio teime em dizer que estamos no outomno e os jornaes da provincia nos tragam ainda noticias das colheitas e das vindimas.

Mas se ha alguém que não possa duvidar de que o inverno começou, sou eu. E a rasão d'isto é muito simples. Apanhei, quarta feira, em pleno campo, toda a chuva que o ceu se dignou despejar sobre o caminho que vae da Cruz Quebrada a Linda-a-Pastora. Empreheendi fazer depois d'almoço esse pequeno passeio, embora o ceu estivesse brumoso, ameaçando chuva.

Quem me levou a tomar essa resolução quasi heroica foi um morto illustre, o visconde de Almeida Garrett, em cujo *Romanceiro*, terceiro volume, vem o romance de Linda-a-Pastora. Alli passou todo um verão esse notavel homem de letras, que mais me encanta quanto mais o leio. Desde então esse obscuro logarejo, que eu apenas tinha visto de longe, ao passar uma vez para Carnaxide, estava nobilitado a meus

olhos por amor de Garrett. Partindo da Cruz Quebrada, meia hora bastaria para fazer um passeio a Linda-a-Pastora. Portanto, não obstante o ceu estar brumoso, metti o *Romanceiro* debaixo do braço, e puz-me a caminho.

O proprio Garrett, com a sua fina intuição de artista, ia conversando commigo as bellezas do caminho e do horizonte.

Faço de conta que estou repetindo aquelle mesmo passeio atravez do *Economista*, e que é Garrett que vae fallando :

« Quem desce Tejo abaixo, por esta margem do norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belem, e a sua torre não menos bella, entra no fashionavel Pedroços e d'ahi segue ás praias do Dáfundo até á Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pôde dar nas visinhanças da capital, e visitado os sitios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de agosto a principios de novembro é que tudo alli corre, e que os banhos do mar povôam aquelles bellos ermos, nas outras estações desamparados. »

Que faria, ia eu dizendo com os meus botões, se Garrett pudesse ter visto a alameda de Algés e o aterro do Dáfundo, já hoje prolongado até á Cruz Quebrada!

Quando este aterro tiver chegado a Cascaes, que belleza de passeio para uma tarde de verão ou mesmo para uma das bonitas manhãs de inverno

que nós, os portuguezes, nos gabamos, e com rasão, de gozar!

Mas Garrett, sempre eloquente folhetinista, porque elle foi principalmente isso, e n'esse genero maior do que ninguem, apressava-se a cortar as minhas observações.

« Quem tiver porém o bom gosto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, dizia Garrett, e se abalancar em maio ou junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que ha de ser pago da sua nobre ousadia. Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceu, d'aquellas aguas. Á esquerda o Tejo, os navios que entram e sahem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva juncto á beira d'agua, e logo pegada á salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo á vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou á terra e cuja companhia pucha ao longo da praia pela rede que arrasta os innumeraveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. Á direita, nas eminencias, as ruinas picturescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto incastoadado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o sol do estio. No fim do verão quando vae todo o mundo, já não ha senão resteva nos campos, talos de hervas seccas nos montes, arvores sem folhas, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa. »

Eu quiz dizer-lhe quanto a sua *marinha* do Tejo

estava mudada hoje, notar-lhe todo o reviramento moderno da margem-direita, fallar-lhe da arcia alva que é hoje aterro ajardinado, dos conventos desertos que são hoje palacios habitados; mas Garrett, com toda a sua auctoridade indiscutivel, proseguiu:

« Já me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui um dia primeiro de maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira de Jamor, parei extasiado no meio da sua ponte, porque a varzea que d'ahi se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que o abrigam em deredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenaes de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancholicamente, no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodizio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbyterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreirões, jardinzitos quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de encontrar tam perto de uma grande capital. »

Aqui me collocará Garrett justamente no meu

ponto de partida, o bairro alto da Cruz Quebrada, que domina a ponte da ribeira de Jamor, e a estrada, e a veiga, e a praia, e a velha mansão de Rodizio, sombreada de grandes arvores, — uma quinta deliciosa para uns noivos quaesquer que se lá não estão, deviam estar.

Vejo tudo isto; menos os noivos e a perspectiva picturesca de Linda-a-Pastora, porque m'a furta á vista a ondulação do terreno por onde vae colleando a estrada da Graça.

Mas Almeida Garrett, como se conhecesse a minha situação, dá-me explicações sobre essa bonita aldeia da Suissa que eu não posso vêr.

« O logarejo, diz elle, é bem conhecido de nome e fama, e chama-se Linda-a-Pastora. Porque? Não sei. Teem-me jurado antiquarios de « meia tijella » que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas enquanto não achar alguém de « tijella inteira » que me saiba dar a rasão porque se havia de chamar assim, meio em portuguez meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa — hei de chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora. »

Para Linda-a-Pastora segui pela estrada fóra, — com o *Romanceiro* debaixo do braço e Garrett na imaginação. Passei a cruz, meio de pedra e meio de ferro, que dá nome ao sitio da Cruz Quebrada; deixei á esquerda o arvoredó e a casa da quinta da Graça e fui, guiado pelo proprio caminho, tomando a direcção de Linda-a-Pastora.

O ceu, que continuava a estar brumoso, começava

a peneirar do alto as primeiras gotas de um aguaceiro, que a breve trecho foi engrossando.

Mas eu não quiz retroceder. Tem sido sempre essa a philosophia de toda a minha vida: uma vez estreado um caminho, não o abandonar. Pouco me importa que seja frequentado ou deserto, porque eu vou sempre acompanhado da minha energia de vontade, unico favor, mas importante, que devo á natureza.

E Garrett, invisivel a meu lado, applaudia a resolução que eu tomara, fallando-me de Linda-a-Pastora:

« Namorei-me do sitio por modo, que alli passei o verão todo; e d'alli fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi n'este proprio e appropriado sitio que a sr.^a Francisca, lavadeira bem conhecida do logar, me deu a ultima e, ao parecer, mais correcta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz elle o titulo de « Pastorinha »; aqui era justo e natural que se lhe dêsse o de « Linda-a-Pastora », que assentei conservar-lhe. »

No pequeno logar da Costa, encontrei uma mulher e uma rapariguita que tambem iam seguindo para Linda-a-Pastora, e que eram ambas de lá. Como era natural, perguntei-lhes logo se teriam ouvido fallar da Francisca lavadeira, que contara a Garrett o romance da pastorinha, e que provavelmente teria já morrido. Que não sabiam. Nunca vi quem tão pouco soubesse da sua terra. Perguntei-lhes ainda se não haveria na terra quem, como a Francisca lavadeira

que Deus haja, se já houve, soubesse alguma historia, alguma cantiga do sitio. Que não sabia tambem, disse a mulher. Mas a rapariguita lembrou que podia ser que a tia Valverde soubesse alguma cousa a esse respeito.

Deixei-as ir, contente de ter surprehendido esta indicação, e parei a olhar já de perto para a graciosa perspectiva de Linda-a-Pastora, com as suas bastas casas e muros pintados de branco, de azul e de côr de roza.

Pareceu-me mais do que uma aldeia, — uma villa. Ha trinta annos estivera alli Garrett, dizia eu com os meus botões, e Linda-a-Pastora era então um logarejo, um aldeote, como elle lhe chamou. Mas a povoação fôra deitando os braços de fóra, alargando e crescendo. De frente estava Linda-a-Velha com meia duzia de casas apenas, — decadente como todas as velhas, tenham sido lindas ou não. Ao lado Carnaxide, mais do que bonito, guapo! E sabe-se porque. Mas Linda-a Pastora, reclinada na encosta da sua serra, encantoume... de fóra.

Dentro é outra cousa, — muito peor. Comtudo, tem seu commercio vivedouro, lá isso tem, e eu fui encontrar uma respeitavel matrona, muito bem sentada na sua loja de capella, a lêr o *Diario de Noticias* d'aquelle dia.

Abriguei-me da chuva dentro da loja, ou foi esse o pretexto para entrar, porque molhado já eu ia.

Trocadas algumas palavras, perguntei á matrona, que interrompera a leitura; porque se chamava ao

sítio Linda-a-Pastora. Também que não sabia. Da Francisca lavadeira não se lembrava, porque na terra sempre houve Franciscas que lavassem. A respeito da tia Valverde, que morrera, deu-me vagas informações, mas ainda assim pude, graças a ellas, saber que a tia Valverde se chamava Maria da Luz, e que tem uma filha, Bernarda se chama, moradora no logar da Costa, a qual conheceu o visconde de Almeida Garrett do tempo em que elle estivera em Linda-a-Pastora.

Um pouco desapontado pelo desengano de ser Linda-a-Pastora uma terra mais bonita por fóra que por dentro, abriguei-me sob uma arvore, já fóra da villa, e puz-me a ler o romance da pastorinha :

- Linda pastorinha, que fazeis aqui?
- Procuo o meu gado, que por ali perdi.
- Tao gentil senhora a guardar o gado!
- Senhor, já nascemos para esse fado.
- Por estas montanhas em tão grande p'rigo!
- Diga-me, ó menina, se quer vir commigo.
- Um senhor tão guapo dar-me tão mau conselho.
- Querer que se perca o gado alheio!
- Não tenha esse medo que o gado se perca
- Por aqui passarmos uma hora de sésta.
- Tal rasão como essa não n'a ouvirei:
- Já dirão meus amos que de mais tardei.
- Diga-lhes, menina, que se demorou
- Co'esta nuvem de agua que tudo molhou.
- Fallarei verdade, que mentir não sei:
- À volta do gado eu me descuidei.
- Pastorinha, escute, que oigo balar gado .
- Serão as ovelhas que me tem faltado.

— Eu ll'as vou buscar já muito depressa,
 Mas que me espedace por essa charneca.
 — Ai como vae grave de meias de seda!
 Olhe não as rompa por esta resteva.
 — Meias e sapatos, tudo romperei
 Só por lhe dar gosto, minha alma, meu bem.
 — Eil-o aqui vem; é todo o meu gado.
 — Meu destino foi ser vosso criado.
 — Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,
 Que ha de vir meu amo trazer-me a merenda.
 — Se vier seu amo, venha muito-embora;
 Diremos, menina, que cheguei agora.
 — Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:
 Já não quero vê-lo nem por pensamento.
 — Pois adeus, ingrata de Linda-a-Pastora!
 Fica-te, eu me vou pela serra fóra.
 — Venha cá, senhor, torne atraz correndo...
 Que o amor é cego, já me está rendendo.
 Sentaram-se á sombra, tudo estava ardendo...
 Quando ellas não querem, então 'stão querendo.

Em baixo, na pia de um quintal visinho, focinhavam tres porcos enlameados, e eu, dando tino de que elles estavam alli, fechei muito depressa o *Roman-ceiro* para não continuar atirando perolas a porcos.

A chuva tinha passado, e eu descí de Linda-a-Pastora para o valle, onde hervagens encharcadas pareciam fumegar ao tenue calor de um sol de trovoadas que vinha rompendo por entre nuvens...

Mas a estreia do inverno de 1886 estava feita, e eu apanhára-lhe em cheio as primicias.

Verdade seja que a ellas devo o folhetim d'esta semana, tão longo já e arrastado, que me não fica espaço

para fallar de mais uma revolução de Hespanha e do regresso de el-rei.

Outros o teem feito e farão. Pois que façam. Eu apanhei um aguaceiro, choveu-me no estylo, não tenho folego para mais.



A CAUDA DO ALASÃO

O conde estava arruinado, não se sabia bem como, mas o certo era que estava arruinado.

Dissipára em Lisboa, desde o *Marrare do Polimento* até Cintra, uma casa de trezentos contos. Estivera em Paris uma unica vez, aos vinte e cinco annos, e aborrecera-se. Sentia-se muito mais á vontade no seu mundo de marialvas e toureiros, de bailarinas de S. Carlos e fadistas de navalha. Paris seria o que quizessem, a capital famosa do mundo moderno; mas Paris era de toda a gente, era dos parisienses e dos estrangeiros, ao passo que o Chiado era seu. Desde o largo das Duas Igrejas até ao palacio do Barcellinhos ninguem ousava disputar-lhe um palmo de terreno. Dizia phrases picarescas ás mulheres que passavam, dava encontrões aos homens quando lhe apetecia, fazia parar os cavalleiros do *sport* para ter o prazer de poisar por momentos a mão na anca dos cavallos. O seu amigo marquez de Castello Melhor nunca fôra para uma tourada no Ribatejo, que o não levasse. As *cocottes* tinham-lhe medo, porque o conde, especialmente quando estava embriagado, não hesitava um momento entre uma phrase dura e uma bo-

fetada não menos dura, por certo. Só uma unica *horizontal*, sorvada e decadente, tivera de uma vez uma replica violenta para o conde. Elle estava nos seus momentos de lucida tranquillidade, e ella descia o Chiado arrastando pomposamente os ultimos vestigios de sua formosura quasi apagada.

O conde, talvez mais discretamente do que o seu costume, dissera para os amigos :

— Pobre mulher! Está um caco!

Ella voltára-se e, serenamente, com uma altivez dominadora, respondera :

— Um caco... mas de Sevres.

Esta réplica ficara notavel nos annaes do Chiado, e o conde era o primeiro a confessar a sua propria derrota, festejando-a á mesa do *Marrare* entre copos de cognac.

Apezar de vencido, sentia-se contente de haver sido elle que proporcionára a uma mundana portugueza a occasião de ter tido espirito, — uma vez na vida. Reputava a sua gloria tanto maior, quanto era certo que só uma outra replica se podia equiparar a esta. Outra mundana não menos celebre, cansada de perseguir a impecavel honestidade de um capitalista casado, dissera d'elle uma vez :

— É como os phosphoros amorphos, que só accendem na caixa...

Mas a replica que o conde provocára era inquestionavelmente mais fina; e sempre que o caso se contava, o nome d'elle tinha que ser lembrado. Isto lisonjeava-o.

Muitas vezes, havendo perdido ao jogo os ultimos rendimentos da sua casa dissipada, o conde lembrava-se de que o tio marquez era rico, e solteirão.

Mas o tio marquez, que fôra até aos quarenta annos um extravagante, fizera-se, depois de restauradas as finanças, um avaro. Ninguem tivera em Lisboa melhores cavallos e melhores trens do que elle, fôra um cavalleiro celebrado pela sua elegancia e pela sua destreza, mas agora, se queria ir a Cintra, mettia-se n'um omnibus, porque vendera os trens e os cavallos para aferrolhar o dinheiro. De vez em quando, nos serões da sr.^a Kruz, á rua Formosa, ainda recordava com certo desvanecimento as suas proezas de cavalleiro eximio. Gostava mesmo que lhe fallassem no passado, applaudia-se a si proprio, mas d'ahí a momentos tratava de perguntar ao ministro da fazenda, que acabava de entrar na sala, qual era a cotação dos fundos portuguezes em Londres, n'aquelle dia.

Contra esta muralha da China, contra este baluarte de avareza, iam quebrar-se todas as lamentações que o conde sobrescriptava para o tio marquez quando a sorte lhe havia sido adversa ao jogo.

Uma noite, porem, no serão da Rua Formosa, rememorara-se mais detidamente do que o costume a chronica elegante d'outros tempos. Citava-se a elegancia tradicional do marquez como cavalleiro.

Fôra, dizia-se, o melhor calcão da sua epocha. :

A embaixatriz de França dissera :

— Gostava de ver ainda o marquez a cavallo!

E a mulher do secretario de Italia accrescentara :

— Estou certa de que o marquez envergonharia os rapazes...

Elle, já muito desvanecido, respondera :

— Hoje não ha em Lisboa cavallos que prestem !

— O que?! exclamaram os *sportmen* ironicamente.

O marquez replicou :

— Tenham paciencia, mas é a verdade. Ha cavallos; não ha *estampas*. No meu tempo, a formosura do cavallo completava a elegancia do cavalleiro : era um axioma de equitação. Agora, aos senhores, tudo lhes serve; eu bem os vejo por ahi, a toda a hora, indecorosamente montados.

No fim de contas, os *sportmen* transigiram com a auctoridade do marquez : procurando bem não haveria em Lisboa dois cavallos que podessem ter as honras de *estampas*.

— E se apparecesse um cavallo n'essas condições, dissera o conde, teriamos ainda o prazer de vêr o tio marquez montal-o?

O marquez não esperava esta interpellação fulminante.

As senhoras applaudiram.

O marquez empertigou-se, estondeado de orgulho, e respondeu :

— Quem ousaria duvidar?!

Novos applausos ruidosos das senhoras e dos *sportmen*.

Mas o marquez accrescentara :

— Seria preciso procurar um cavallo n'essas condições fóra do paiz.

— Em Hespanha, alvitrára o conde.

— De certo, em Hespanha, concordára o marquez.

— N'esse caso, replicára o conde, tem v. ex.^a um criado ás suas ordens.

— Aceita? perguntou a embaixatriz de França.

— Recusa? interrogára a *secretaria* de Italia.

— Aceito, respondera orgulhosamente o marquez.

O conde partirá ámanhã para Hespanha.

E no dia seguinte, no seu palacio á Lapa, o marquez dera secretas instrucções ao sobrinho para lhe comprar um alasão que fosse uma estampa, e que tivesse uma bella cauda roçagante, porque sem isso, acrescentara o marquez, não havia estampa perfeita.

Quanto ao preço, carta branca.

O conde partira, e vinte dias depois voltava a Lisboa com o alasão que o marquez desejava : a cauda longa e farta, côr de café com leite, era d'uma belleza inexcedível.

O preço fóra um poucoquinho salgado, o marquez achára-o mesmo exorbitante, tanto mais que o conde metterá em conta as despesas da viagem, e toda a gente sabia como o conde gastava dinheiro.

Mas, de resto, o ideal do marquez estava prehençido; era aquelle o cavallo que elle desejava para a sua resurreição gloriosa de cavalleiro famoso.

Porem, no dia seguinte ao da chegada do conde, uma inesperada contrariedade surgira : quando o *curador* estava limpando o cavallo, no pateo do pala-

cio, a bella cauda, longa e farta, còr de café com leite, cahira ao chão. .

Era postica.

OS PARDAES

Quando em Portugal se principiou a *fazer nobresa* á quinta feira, dando-lhe por arvore genealogica o *Diario do Governo*, ser barão foi distincto, e hoje parece voltarmos a esse tempo, graças á torrente diluviosa dos viscondes e dos condes, em que os barões, *rari nantes*, emergem formando um pequeno grupo de doze... ou quando muito de treze, como a *duzia dos frades*.

O barão da Silveira foi dos primeiros que sahiram da chancella liberal, atrambolhados ao seu appellido de familia, porque, nos primeiros tempos, houve ao menos o pudor de procurar um bom appellido para colchete de um titulo. Agora, como se sabe, armam-se os titulos nas ruas, como os thronos de S. Antonio.

O barão da Silveira era um morgado da Beira Baixa, bem posto, alto, elegante, muito correcto de maneiras e de *toilette*, tendo uns bellos bigodes brancos encalamistrados, e uns olhos de uma expressão insinuante, que se ia apagando com a velhice como a luz de uma lampada longo tempo accesa.

O barão gastara-se, tivera a sua vida de aventuras, correrá mundo, viajára pela Europa, e fizera grandes

temporadas em Paris — essa grande fornalha de prazeres, que consome a vida como se a vida fosse um combustivel.

Quando elle voltara a Portugal, diziam as mulheres que Lisboa só tinha dois homens bonitos : o duque de Loulé e o barão da Silveira.

E comquanto seja muito difficil saber ao certo o que seja para as mulheres um homem bonito, elle e o duque eram realmente dois homens pelo menos distinctos.

Pela nossa parte pendemos a crer que a distincção é a formosura do homem.

N'aquelle tempo o duello era alguma coisa de serio ; por isso mesmo, não era vulgar. O barão batera-se duas vezes, e ambas á pistola, sempre por causa de mulheres.

Da primeira vez com o ministro de Inglaterra então residente em Lisboa. As balas perderam-se no ar e o ministro sahiu de Portugal logo depois do duello.

Da segunda vez, com um capitão de cavallaria, a quem metteria uma bala no braço esquerdo.

Dizia-se que tanto de uma como de outra vez, o barão quizera ser generoso na pontaria : da primeira, poupando a vida do ministro inglez ; da segunda, apontando ao braço do adversario quando poderia haver-lhe acertado no coração.

Mas o barão entendia que não era preciso muito sangue para lavar a honra de uma mulher, e que um duello fatal era de mais a mais um grande desastre amoroso para o vencedor.

— Sabendo que a gente lhe mata o pae de seus filhos, dizia o barão, uma mulher acautela-se para não passar pela semsaboria de ficar viuva.

E acrescentava :

— O sangue é como um acido que ataca uma nodoa, não tanto pela quantidade, como pela acção chimica que lhe é propria. Ora toda a força acidulante do duello está na coragem do offendido e do offensor. Queerer praticar um homicidio é o mesmo que pretender lavar uma renda de Malines n'uma barrella: a reputação da mulher é uma renda delicada, que o muito sabão estraga quasi tanto como a nodoa.

N'esta opinião excentrica do barão havia um certo fundo de bom senso.

A mulher que tivesse proporcionado a seu marido um duello de morte, lançaria sobre si mesma um labeu eterno.

— Mas por que se bate então á pistolla? perguntavam-lhe.

Elle respondia :

— Em primeiro logar, é o offendido que escolhe a arma. Em segundo logar, como eu sou solteiro, a minha morte, podendo servir de thema aos maridos ultrajados, pode tambem contribuir para a rehabilitação de uma mulher — em vez de servir apenas para perpetuar a sua deshonra com a viuvez.

Comquanto os olhos do barão fossem perdendo de anno para anno uma parcella do seu antigo brilho, elle continuava a ser para as mulheres um homem bonito. A brancura do bigode accentuava-se á medi-

da que o olhar empallidecia — produzindo até certo ponto, na sua physionomia, um effeito compensador.

Mas o porte fidalgo, a distincção de maneiras, a elegancia da *linha*, como hoje dizemos, zombava do tempo.

No exterior o barão poderia muito bem continuar a parecer novo, mas por dentro, elle bem o sabia, estava velho, exaustão.

Oh! estava muito velho, por dentro!

Isto entristecia-o. Pesava-lhe mortalmente o encargo de sobreviver a si mesmo.

— Viver de recordações, dizia elle, é para um homem do mundo o mesmo que para um glotão o viver apenas de vegetaes — como os grillos.

Mas, no amor, o barão estava condemnado a viver apenas de recordações.

— O que faz, barão?

— Ah o que faço?! Estrago a minha reputação.

E se lhe puxavam pela lingua:

— Ha duas coisas que as mulheres contam sempre umas ás outras: são as heroicidades e as fraquezas dos homens. Mas nas fraquezas não descontam nunca as heroicidades. Sublinham-n'as, em toda a parte onde nos encontram, com um risinho percuciente como um punhal de Toledo, e que se propaga, de confidencia em confidencia, como um rastilho inflamado. Só conheço uma coisa peor do que o sorriso despeitado das mulheres, — é a confiança absoluta dos maridos. Pois a verdade é esta, meus amigos, os maridos já principiam a confiar em mim.

O auditorio do barão ria, e elle replicava :

— Riam, riam, mas conservem-se.

A sua alimentação era forte, acirrante. Os mariscos predominavam. A sua hygiene era rigorosa: todas as manhãs tomava um banho de agua fria, que ficava durante a noite exposta ao ar, no deposito; — muito fria.

Mas apesar de todos estes cuidados, a velhice accentuava-se... por dentro, o barão reconhecia-se velho, o *cabide de uma sobrecasaca hypocrita*, dizia elle.

Na sua casa ao Salitre, as gravuras pornographicas eram estimulos perdidos — como para os pintores desastrados os quadros de Raphael.

Havia um quadro, *Cleopatra e Antonio*, de que elle dizia muitas vezes :

— Tenho aqui *este Raphael* que me faz chorar. É o unico prestimo que tem na minha casa.

E atirando ao ar uma nuvem de fumo do charuto, via-a rasgar-se em pequeninos flocos azues, que se dispersavam no ar como outras tantas recordações dos seus tempos ditosos.

Depois de almoço, olhando para os telhados visinhos, onde os passaros saltitavam por entre as hermagens que verdejavam sobre as telhas, dizia elle de si para comsigo :

— É singular ! Passa um dia e outro e outro !... Nem uma carta, nem ao menos uma balla !

Uma manhã — era no fim de março — o barão, bem posto na sua *robe de chambre*, de charuto ao canto da bocca, aproximára-se da janella.

Lá estavam nos telhados visinhos os passaros — mas d'esta vez mais alegres do que nunca. Eram pardaes febricitantes de pujança primaveril, gulosos de amor, insaciaveis de prazer. O barão, que na sua qualidade de caçador os conhecia muito bem, nunca comtudo reparára tanto n'elles, isto é, nunca, como agora, se havia encontrado em situação de impressionar-se, pelo confronto, com as nupcias serralthescas dos pardaes.

O barão abandonou-se a largas considerações mentaes sobre a physiologia do pardal.

— Anacreonte alado, pensava elle, Fausto do ar todos os annos rejuvenescido, tu és o mais ditoso dos seres creados, porque só tu possues o grande segredo de aproveitar o tempo no amor!

E, de repente, como se houvera sido tocado por uma scentelha electrica, agitou a campainha.

O criado appareceu.

— José Maria, disse o barão, fica entendendo bem uma cousa : de hoje em diante quero pardaes para o almoço e para o jantar.

O José Maria esbugalhou os olhos.

— O quê, patrão ?!

E o barão repetiu com firmeza :

— Pardaes para o almoço e para o jantar.

Mas o José Maria era um *intimo*, que conhecia a vida do patrão como os seus dedos, e que não attingiu facilmente a extravagancia d'este capricho.

Não estava isto nos seus habitos, nem nos do barão, que durante muitos annos confiára as suas confiden-

cias ao José Maria, — como se as atirasse para o fundo de um poço.

Se o José Maria quizesse fallar, quantas reputações de cabellos brancos desabariam do seu pedestal immaculado em sacrificio á gloria aventureira do amo!

O barão reconheceu que o José Maria não tinha percebido, e disse-lhe com bondade :

— Anda cá, meu velho, e olha para aquelle telhado. Repara nos pardaes.

O José Maria olhou, reparou e sorriu :

— Mas isto é muito velho, sr. barão.

— Estás enganado, muito novo é que é, e tão novo que eu só hoje me lembrei de me alimentar a pardaes!

— Continúo a não perceber! Para que quer v.^a comer pardaes ao almoço e ao jantar?!

— Para que quero, tonto?! Para que toma a gente remedios quando está doente?

— Para melhorar com elles.

— Exactamente. Para que os remedios transmittam ao nosso organismo as qualidades que lhes são proprias. É justamente por isso que eu quero comer pardaes.

— Ah! agora! agora! repetiu o José Maria percebendo e sorrindo.

E, como só procurava ser agradavel ao patrão, d'ahi por deante começou a servir-lhe pardaes ao almoço, pardaes ao jantar.

Dois passarinhos, nada menos, estavam encar-

regados de fornecer pardaes todos os dias para casa do barão da Silveira.

Fez-se uma hecatombe medonha nos pardaes dos arredores de Lisboa.

Mas o barão continuava a ser recebido nas salas com o mesmo sorriso sardonico que o desesperava. O que elle chamava o *seu bello Raphael*, o quadro de *Cleopatra e Antonio*, só conseguia entristecel-o se o contemplava, e todavia enxames de pardaes haviam passado através do seu organismo sem lhe haverem transmittido a menor parcella das suas qualidades vitaes.

E enquanto o barão lancava no ar o fumo do charuto, cujas nuvens via rasgarem-se em pequeninos flocos azues, e dispersarem-se como outras tantas recordações do seu passado feliz, os pardaes, alegres e fortes, continuavam a noivar incessantemente nos telhados visinhos.

Oh! decididamente, o morgado estava muito velho por dentro, e os pardaes, mais ditosos do que elle, continuavam a ser novos, muito novos!...

NO FUNDO DO POÇO

Foi o proprio conde que me contou isto.

Eu tinha sido no amor, disse-me elle, uma especie de *dilettante* sem compromissos e sem responsabilidades. Prezava, acima de tudo, a minha liberdade. Aceitava as boas fortunas que me cahiam do ceu, mas nunca me tinha sentido disposto a atrellar o futuro á equipagem triumphal de uma rainha absoluta do meu coração. Pendia até um pouco, a respeito de mulheres, para o scepticismo de Schopenhauer.

Não sei quem disse que as mulheres teem os cabellos compridos e as ideias curtas.

Pois bem! Eu aproveitava, para descansar um momento, a sombra dos cabellos compridos, como se fosse a de um oasis. Mas não queria que uma mulher estrangulasse toda a minha existencia no laço apertado de uma ideia curta, como se esse laço fosse de canhamo, ella o algoz, e eu a victima.

Dizia-se na sociedade que eu era gentil, insinuante para as mulheres. E eu acreditava, porque as mulheres o diziam e os homens o contestavam. Mas, sem nunca me desvanecer, aproveitava d'essa lenda o que ella podia ter de ephemeramente bom para mim. Go-

sava. É verdade que por vezes sahia ao meu encontro uma semsaboria occulta no véo romantico d'uma paixoneta : esta ou aquella mulher perseguia-me. Por amor, dizia ella. Por capricho, dizia eu. Mas, tratando de remover o obstaculo, passava adeante. E como é bom passar adeante quando a gente olha para o passado sem saudade!

Os invejosos propalavam que eu era um assassino, um selvagem. Por minha causa a viscondessa *Duas estrellas* retirara-se da sociedade, tendo deixado esbarrar no meu scepticismo as suas illusões; ainda por minha causa, a condessa *Tres estrellas* fizera-se doente e triste, desalentada pela minha theoria sobre a inconstancia no amor.

Santo Deus! Eu descontava n'estes boatos noventa e nove por cento e, no fundo do meu espirito, deixava-me ás vezes lisonjear, passageiramente, de que pudesse haver na minha lenda um por cento de verdade. Mas nem por isso acreditava que eu fosse um homem perigoso, e, muito menos, feliz.

Como acontece sempre, o imprevisto veio um dia surprehender-me, cravar-se no meu coração como uma setta perdida. Longe estava eu de pensar que o meu scepticismo, aparentemente tão solido, o pudesse ser tão pouco como um castello de cartas. Essa inesperada setta, que um arco invisivel despedira, ficou oscillando cravada no meu coração, como no tronco de uma arvore. E o meu scepticismo, a cortiça de Schopenhauer, rasgada pela setta, não preservára o tronco. Fez-se a ferida, que começou a sangrar pe-

queninas gottas de amor, alambreadas e resinosas. Toda a minha vida adherira a uma unica imagem de mulher e, Deus meu! essa mulher era uma creança.

Sentia-me castigado, vexado, mas amoroso. Não me reprehendia senão para reincidir. E os desoito annos de Valentina, frescos como um ramilhete de flores campestres, faziam no meu coração o effeito de um *bouquet* entalado na fita do chapéu de um velho patusco.

Porque a verdade é que eu era velho, não para os que tivessem cincoenta annos, mas para aquella que apenas tinha desoito.

Só, perante o espelho da minha consciencia, sentia-me ridiculo. Mas, quando via Valentina, quando me encontrava deante d'ella, sentia-me fascinado.

Um dia quiz o acaso que nos encontrassemos no campo, n'uma certa liberdade bucolica, dentro de um pomar florido. Ao fundo havia uma horta, e na horta um poço. Fomos andando, trocando galanteios, arrancando, ao passar, folhas verdes dos arbustos, inconscientemente.

Chegamos á horta. Estavamos sós, bem sós. Ouviam-se ao longe as risadas joviaes dos nossos compaheiros, que assim nos mandavam de longe, atravez do pomar, uma garantia da sua boa fé e da nossa impunidade.

O poço estava aberto, o balde, suspenso da corda, gotejava lentamente. Debruçamo-nos no parapeito, olhando para baixo. E calados, muito timidos, fica-

mos assim algum tempo, n'uma indecisão infantil.

Que diabo! Cheguei a envergonhar-me de mim mesmo, da minha pusilanimidade. Para que diabo era eu um homem e ella uma creança? Não era pois razoavel, nem logico, que ficassemos sendo duas creanças, quando em verdade eu o não era. De mais a mais, se ha alguma coisa discreta n'este mundo, é um poço. Confiar-lhe um segredo ou uma pedra, é tudo o mesmo. E ainda que nos vissemos retratados na agua, no momento de beijar-nos, como a verdade fica no fundo do poço, a confidencia do nosso beijo não sahiria de lá.

Passei o braço esquerdo á cintura de Valentina, e estremei como se tivesse tocado uma pilha electrica. A cintura das mulheres morde as pontas dos dedos como se fosse uma vibora enroscada: quer a gente retirar a mão, e não pôde. Está segura pelo áspide. Então, deixei pender a cabeça sobre o hombro direito de Valentina, e a agua do poço, espelhando-se no fundo, ia quasi a reproduzir um beijo, quando Valentina se retrahi, mostrando-se indignada.

— Que eu a compromettia, disse ella.

— Quem pôde receiar de um beijo que cae no fundo de um poço? perguntei eu.

E ella, soltando-se do meu braço, replicou sorrindo com uma adoravel malicia:

— Tenho medo de que o balde traga o beijo para cima, algum dia...

Verdadeiramente allucinado, nervoso, cheio de palpitações e de desejos, eu quiz subjugal-a amoro-

samente, mas Valentina deitou a correr pela horta em direcção ao pomar, a rir de um modo que tinha o que quer que fosse de matraca rodopiada por um collegial travesso.

Fiquei só; não pude arrancar-me d'ali. E, debruçado no parapeito do poço, olhei para baixo, envergonhado de ver a minha physionomia, perturbada, no espelho sombrio da agua. Tive vergonha, horror da minha situação, desespero de me ver ludibriado. E, fascinado pela attracção do abysmo, debrucei-me todo no parapeito, deixando pender a cabeça, fazendo esforços para cahir facilmente quando a primeira vertigem viesse.

N'isto ouvi um côro de gargalhadas que retiniam em direcção á horta. Eram os meus companheiros que me procuravam. E, envergonhado de que elles me viessem encontrar n'essa situação ridicula, apurmei-me rapidamente, passando a mão pelos olhos para sacudir uma visão sinistra.

Nunca mais na minha vida tornei a ser um homem tranquillo. Schopenhauer abandonou-me ou eu abandonei Schopenhauer. E Valentina, conversando indifferentemente quando me encontrava, parecia não ter ideia de haver estado comigo á beira do poço.

A sua indifferença desesperava-me. Acaso não conservaria ella a mais ligeira recordação d'esse idyllio fugaz, que me podia ter custado a vida, e que em todo caso me custara a tranquillidade do espirito?! Seria eu apenas uma sombra indifferente, um nome fugitivo?! Quiz desenganar-me, disse o conde, e fui de

novo visitar o pomar e a horta para consultar o poço.

— Pois não é verdade, perguntei eu ao poço, que estive para morrer por ella, e que ella, enleada pelo meu braço, parecia apenas luctar entre a sua honra e o seu amor?

E, para receber a resposta, puz-me a olhar attentamente para o fundo do poço.

Então, santo Deus! o que vi eu?!

Vi, no espelho sombrio da agua, um grupo hilariante de mulheres que gesticulavam galhofeira-mente como n'uma tela de Bamboccio, fazendo-me *pied-de-nez*, tregeitando comicamente gatimanhos e mogangas n'uma surriada de rapazes de escola a tra-vez de uma vidraça.

Reconheci-as. Eram a viscondessa *Duas estrellas*, a condessa *Tres estrellas*, era toda a constellação de mulheres que eu havia tratado desdenhosamente, e que se vingavam.

Desde esse dia, tão cruel para mim, nunca mais tornei a duvidar de que se a verdade está em alguma parte,—é no fundo de um poço.

Junho de 1887.

PREGUIÇOSA !

(IMITAÇÃO)

Venho de assistir, em Bemfica, aos funeraes da antiga morgada do Azural.

Esta drama, que se finou com perto de oitenta annos, foi uma das mais extraordinarias organisações do seu tempo.

Passou toda a sua longa existencia n'um *demi sommeil* aristocratico, sem nada fazer, sem nada pensar, sentando-se para abrir um romance que não chegára a lêr, deitando-se para não estar sentada, esperando que as criadas a vestissem e a despissem, abandonando o seu corpo de gata já indolencia habitual de uma ociosidade systematica, que os medicos tentaram em vão combater.

Nunca teve vinte annos senão para dizer que os tinha. Não amou. Encarava o amor pelo lado incommodo, unicamente como um sentimento impertinente, que obriga a dar conta de todos os nossos actos, fallandó ou escrevendo. Reduzido a estas proporções, o amor não passa, effectivamente, de uma tutella aborrecida. E comprehende-se que uma grande dama

d'esta especie repellisse o mais amavel dos tutores que o acaso lhe deparasse, não tanto por ter que o acceitar, como por ser obrigada a soffrel-o.

*
* *

Toda a sua familia pertenceu á *vieille roche* legitimista. Ella nunca pensou n'isso a serio : em primeiro logar, porque é incommodo ter um partido com a obrigação de acompanhal-o ; em segundo logar, porque o sr. D. Miguel de Bragança, se como rei representava a immobildade politica, como homem era um principe de *sport*, que fazia loucuras de equitação, rebentando os cavalloos que montava ; e a morgada do Azural, na qualidade de *belle nonchalante*, tinha um profundo desprezo ingenito por todas aquellas pessoas que não passassem a vida a dormir.

*
* *

Quando o regimen liberal foi definitivamente introduzido no nosso paiz, a morgada fechou as portas do seu palacio de Bemfica ás raras visitas que ainda se lembravam de a procurar uma vez por outra.

Á ultima d'essas visitas perguntou o que era a liberdade, de que tanto ouvia fallar.

O interrogado respondeu, com o seu grande desdem legitimista, que, segundo ouvia dizer, a liberdade era um movimento dos espiritos *para deante*.

A morgada horrorisou-se, e resolveu fechar a sua porta a pessoas que, vivendo n'uma sociedade liberal, poderiam acabar por defender na sua presença o *movimento dos espiritos*, sendo certo que ella não queria andar nem para deante nem para traz.

*
* *

Um dia, a sua *dame de compagnie* explicou-lhe o que eram os caminhos de ferro.

A velha morgada, reclinada no seu sophá escarlate, achou que essa apregoada invenção era uma monstruosidade.

Se andar era incommodo, andar de pressa era uma loucura.

Na sua linguagem pittoresca, chamou á marcha de um comboyo a *valsa do ferro*.

Esta pequena phrase dá uma idea exacta do seu horror pela valsa, que nunca dançára, e pela viação accelerada, que nunca vira.

* *
*

A *toilette* da morgada era extremamente simples : uma touca e uma *bate*. Simples como era, esperava sempre que lh'a fizessem todos os dias, que lh'a des-pissem todas as noites.

Quando ouvia fallar de vestidos de seda, incommodava-se. Achava a seda demasiadamente pesada, e a ideia do *frou-frou* punha em vibração os seus nervos,

como os de certas pessoas quando alguém raspa as unhas pela cal da parede. Quanto ao velludo, oh! isso então era muito mais serio, — o velludo asphyxiava-a.

Detestou sempre os brilhantes, porque eram pedras. E só o pensamento de trazer um collar de pedras, ainda que fossem preciosas, obrigava-a a levar immediatamente as mãos ao pescoço, para arrancar o imaginario collar, que parecia afogal-a.

*
* *

A unica das instituições modernas que ella aceitava sem repugnancia, eram os asylos. A palavra asylo dava-lhe uma ideia de descanso e de tranquillidade, que ella saboreava mentalmente, lembrando-se não só da sua doce e habitual indolencia, mas chegando mesmo a invejar a felicidade dos pobres, quando se mettessem dentro da cama e podessem estender-se á vontade.

Por isso, consentiu uma vez que a sua *dame de compagnie* assignasse por ella para um asylo.

*
* *

Ante-hontem, segunda feira, a *dame de compagnie* foi abrir, cerca do meio dia, o quarto da morgada.

Pareceu-lhe que ella dormia ou pelo menos que dormitava, como era seu costume. Estava immovel, as palpebras cerradas, n'uma *pose* consoladora.

À primeira vista, a *bonne* não reconheceu que a fidalga estava morta, pela simples razão de que a fidalga vivia como se morre.

Depositado o cadaver no salão verde, que não se abria ha cincoenta annos, foi franqueada a entrada ao publico.

Quasi toda a gente de Bemfica teve uma grande curiosidade de entrar n'esse velho palacio, onde o pó se accumulava sobre os altos espelhos das paredes, e sobre os moveis de pés torneados, de uma antiguidade classica.

A morgada, deitada no seu caixão esguio, parecia gosar deliciosamente a tranquillidade da morte.

Com o rosto um pouco inclinado para a esquerda, na direcção da porta, adivinhava-se-lhe a intenção de dizer, quando os *gatos pingados* chegassem :

— Façam favor de não ser apressados, porque eu quero ir muito de vagar.

O TALLIXTO

O caso passa-se, leitor amigo, na praia***, uma das mais concorridas do norte do paiz.

Tem estado, e está ainda, repleta de banhistas, uns que são *habitués* antigos, outros que são adventícios fluctuantes, d'estes que no mesmo anno correm todo o litoral do paiz á cata de aventuras.

O heroe do nosso conto pertence a esta ultima cathegoria de banhistas. É uma especie de cavalleiro andante das praias, que anda offerecendo de barraca em barraca uma cadeira e uma esteira a todas as senhoras que vem chegando para tomar banho; que falla a todos os maridos, sem lhes ser apresentado, e a todos os pais, sem os conhecer; que organisa *pic-nics* para que os outros contribuem; que inventa *sal-sifrés* na casa alheia, e que se torna dentro de poucos dias o *Deus-ex-machina* de uma praia, sem que ninguem possa dizer ao certo quem elle seja e d'onde elle veio.

As meninas morrem por elle, pela sua alegria e pela sua elegancia, todas o namoram mais ou menos. e elle, mais ou menos, namora a todas.

Às vezes, o cavalleiro andante dá preferencia a uma banhista, escolhe-a para Dulcinea, com grande desapontamento de todas as outras, e então expluem scenas de ciume raivoso, algumas valsistas teem cheliques no *club*, fingem tentar suicidar-se logo que chegam a casa, e choram de desespero, pela sua preterição, nos braços da mamã, que procura confortal-as dizendo: « Aquillo é um valdevinos, um aventureiro, filha! »

Mas a Dulcinea, orgulhosa do seu triumpho, vae facilitando a conquista.

A heroína do nosso conto pertence a esta classe de Dulcineas.

Temos pois heroe e heroína. Agora precisamos comparas. Ora um comparsa muito vulgar nas praias de Portugal é o idiota entaramelado, que substitue os *cc* pelos *tt*, que namora todas as senhoras, que toma banhos de mar todos os annos para ter juizo, e que morre sem o ter, n'uma infancia perpetua, sendo um velho e parecendo sempre um menino, de que os maridos não receiam, e que toda a gente disfructa perguntando-lhe quantos namoros tem, e qual d'elles prefere para casar.

Não podemos prescindir de um comparsa d'esta ordem, e aqui o temos á mão de semear. Chama-se Calixto, sendo para notar a circumstancia de que elle tenha justamente um nome que não póde pronunciar sem fazer rir os outros. Quando lhe perguntam como se chama, responde com a sua vizinha aflautada de tatibitati :

— Thamo-me Tallixto.

De modo que toda a gente lhe chama também o Tallixto, nome que estende genericamente a todos os idiotas namoradores que vão apparecendo aquelle anno na praia : são *Tallixtos*.

O Tallixto tem uma monomania conhecida e explorada : *tér tasar*. Faz declarações de amor á menina Gertrudes, á menina Carlota. Senta-se no meio de um grupo de senhoras, que troçam com elle dando grandes risadas, mettendo-o á bullia, mostrando-se resentidas por fingirem suppôr que elle dá a preferencia a outra que não está presente, — accusação de que elle pretende defender-se com toda a sua simplicidade idiota.

— Isso é uma talumnia. Tom a menina Tarlota não tenho nada. Eu tero tasar mas é tom outra...

— Bem sabemos, sr. Callixto, bem sabemos...

— Tom a Tarolina talvez?!

— Nada, não é com a Carolina.

— Pois tom a menina Tandida da Tunha também não é.

— É outra, que tem os olhos castanhos e os cabellos pretos. Toda a gente sabe...

— Foi o talumniador do Tarneiro que me anda a desatreditar.

— Não foi o Carneiro, não. Toda a gente diz...

— Foi o Tarneiro, foi. De quem eu tósto é da menina, ora ahi está, eu tá sou franto...

Gargalhada geral.

Então uma, duas, tres das senhoras presentes mostram-se aggravadas:

— Deixe estar, sr. Callixto, por essa não esperava eu !...

— Nem eu !

— Um desengano assim !

— Mas tambem tósto muito das meninas.

— Isso agora é para emendar a mão. Não acreditamos.

— Pois podem atreditar. Eu sou franto.

E do lado, um rapazito do collegio militar, irmão de uma das meninas presentes :

— Atredita. O Tallixto é franto.

Os outros pequenos riem muito.

O Callixto zanga-se :

— Tom treanças nem p'r'o téo.

— Tem rasão, sr. Callixto, dizem varias vozes femininas, são uns tolos, não faça caso. Ó Arthur, se não estás calado, olha que vamos dizer á mamã.

N'este momento chega á praia o cavalleiro andante do amor balnear. Aproxima-se do grupo das meninas, cumprimenta, mette o bedelho na conversa, faz troça ao Callixto.

— O sr. Tarneiro esteja talado.

As senhoras riem. O cavalleiro andante ri tambem, dando-se ares.

Muitas vozes :

— Diga, diga, sr. Callixto.

O Carneiro, morto porque elle falle :

— O Callixto não sabe nada. Está gracejando com vex.^{as}

E o Callixto, zangado por a presença d'aquelle homem que lhe tira clientella:

— O sr. Tarneiro esteja talado...

Nova gargallhada das senhoras.

— Diga, sr. Callixto, diga o que sabe. Olhe que o sr. Carneiro não o poupa...

— Isso tei eu. O sr. Tarneiro é talumniador.

Grande hilaridade no auditorio.

— Ó Callixto, que mal lhe fiz eu para me estar a chamar nomes feios?! Olhe que estas senhoras estão brincando.

— Estão brintando, estão! Então pensa o sr. Tarneiro te eu não o vi dar hontem um beijo na menina Tlementina á saída do club?

Gargalhada atroadora, porque a Clementina não está presente.

O Carneiro não cabe em si de contente, mas fingese indignado:

— Isso agora é de mais, Callixto! Olhe que está offendendo uma senhora! V.^{as} ex.^{as} não acreditem, pelo amor de Deus...

O Callixto insistindo:

— Não atreditem, não. Foi á sahida do club.

E o caso é que o Callixto tinha rasão. O Carneiro déra effectivamente um beijo á sahida do club na Clementina. Os paes d'ella vinham um pouco mais atraz. Elle trazia-a pelo braço, e esse beijo, furtado na treva

da noite, fôra o sello de um pacto que os dois haviam feito momentos antes.

Combinaram uma entrevista, que devia realisar-se na noite seguinte.

As senhoras acreditaram o Callixto, e aproveitaram a occasião de vingar-se da Clementina, a quem o Carneiro estava dando uma preferencia descarada, que as offendia a ellas.

Mas a revelação de Callixto, longe de prejudicar o Carneiro, aproveitara-lhe.

Logo que a Clementina chegou á praia, o Carneiro foi contar-lhe tudo:

— Sabes uma coisa? O Callixto viu o beijo de hontem á noite, disse-o agora ali n'um grupo. Aquelle diabo desacredita-te. É preciso aproveitarmos o tempo, porque se chega aos ouvidos de teu pae, é capaz de querer partir immediatamente. Portanto, não faltes hoje...

— Sim, respondeu Clementina muito afogueada do rosto.

— Ás duas horas em ponto...

— Sim.

— Espero á esquina.

— Sim.

Effectivamente, na noite d'esse dia realisou-se a entrevista ás duas horas, quando os paes de Clementina, tendo recolhido do club, dormiam já a somno solto.

O Carneiro, como homem prudente, pediu á Clementina que sahisse ella em vez de elle entrar, o que

seria arriscado, sobretudo n'uma casa pequena. Iriam para a praia, a coberto das dunas. Depois ella entraria em casa, com a mesma cautela com que houvesse sahido, e ninguem seria capaz de descobrir o segredo d'aquella noite de felicidade.

Às duas horas a praia estava deserta. O Callixto dormia, dormiam os paes de Clementina, toda a colonia dos banhistas dormia. A Clementina poudo sair facilmente pela janella do seu quarto, ao rés do chão. Encostou as portas da janella, e encontrou-se com o Carneiro, que a esperava á esquina.

Foram ambos sentar-se na praia, a coberto das dunas.

Ah! que noite de ventura aquella! Que noite de deliciosa arithmetica amorosa, porque elle contou as areias da praia e ella as estrellas do ceo...

E era-lhes isso tão doce! tão doce!

Depois, ás quatro horas da manhã, a Clementina entrou pela janella, os paes dormiam no seu quarto, o Callixto dormia em sua casa, ninguem tinha visto; tudo se passára na escuridão e no silencio...

A entrevista repetiu-se mais duas noites, sempre com o mesmo bom exito. D'ahi a vinte dias, o Carneiro partiu para o sul, radiante de felicidade; a Clementina partiu para o norte, triste, muito triste. Alguma coisa a inquietava. Mas, no meio da sua visivel preocupação, cultivava o Callixto, que disse um dia na praia:

— Parete-me te vou tasar.

— Com quem ?!

— Tom a Tlementina.

— Com a Clementina?! E a historia do beijo?

— Atillo era brintadeira...

A mãe do Callixto disse do lado :

— Não digas tolices, Callixto.

— Tero tasar, tero tasar. Ninguem tem nada tom isso.

Ed'ahi a quatro mezes *tasava tom a Tlementina*, que tinha assim encontrado, no mar procelloso do seu amor, uma agulha... de marear.

HISTORIA DE UMA IDEIA

I

O conde de Marcellus recolheu de 1816 a 1820 muitos dos cantos populares da Grecia, que traduziu para francez e foram publicados em 1860 pela casa editora Michel Levy Frères, de Paris.

A Grecia estava então n'um periodo de grande vitalidade politica, favoravel ás expansões do espirito nacional. Em 1820 rebentára a insurreição, que a principio fôra condemnada pela diplomacia, mas que depois encontrára protecção no tratado de Londres. A alma da Grecia moderna vibrava pois em sonhos de independencia, cantava hymnos de liberdade, floria em canções frementes que brotavam de uma primavera de sentimento nacional.

Toda a gente conhece a epopéa grandiosa da emancipação da Grecia. É, para assim dizer, um facto de nossos dias. Toda a gente sabe que a opinião publica da Europa se impressionára profundamente com essa guerra, em que lord Byron exposéra a vida heroicamente.

O conde de Marcellus teve como auxiliar, na sua colheita de cantos nacionaes hellenicos, o poeta Christophoulos, que lhe dizia, referindo-se á musa popular : « Foi ella que conservou as tradições da nossa resistencia a uma longa servidão. É ella que prepara a nossa independencia. É ella que alimenta o patriotismo e a coragem das nossas montanhas já meio independentes : é ella que envia um écco de si mesma até ás nossas ilhas mais escravizadas ; é ella, finalmente, que nos inicia na liberdade. »

O conde de Marcellus, depois de alludir aos cantos heroicos recolhidos junto ao Pindo e na visinhança de Suli, que traduziam as primeiras scentelhas do fogo sagrado da independencia, depois de se referir ás canções klephtas, que soavam a seus ouvidos como outros tantos éccos das florestas do Olympo e dos montes Geranios, falla dos cantos diversos que recolhera nas ilhas do Archipelago, ouvidos aos marinheiros, que chegavam de toda a parte, e ás raparigas gregas, cuja belleza recorda ainda hoje os primores da estatuaria antiga.

Entre os cantos e as serenatas do amor, recolhidos da tradição grega, o conde de Marcellus publica a traducção de uma graciosa canção popular, que reproduzimos na sua propria traducção :

L'AMOUR DÉCOUVERT

« O jeune fille! quand nous nous sommes embrassés, il était nuit ; qui nous a vus ? »

La nuit nous a vus, et l'aurore, l'étoile et la lune.
L'étoile s'est abaissée et l'a dit à la mer. La mer l'a
dit à la rame; la rame au matelot;

Et le matelot l'a chanté à la porte de sa belle. »

Quando lemos esta canção no livro do conde de Marcellus, já a conhecíamos. Mas estimamos saber que era uma canção popular da Grecia, porque erradamente a reputavamos composição original do poeta allemão Chamisso, de origem franceza, que viveu de 1781 a 1838.

José Gomes Monteiro, publicando em 1848 os *Eccos da lyra teutonica*, inseriu n'essa interessante collecção o *Segredo revelado*, de Chamisso. Ora a poesia de Chamisso é a canção grega que o conde de Marcellus intitula *L'amour découvert*.

A versão de Gomes Monteiro diz assim :

Nós de noite nos beijamos,
E ninguem nos espreitára;
Só no céu astros luziam,
Quem n'elles se não fiára?

Mas caliu formosa estrella
E ao mar nos accusou.
Foi dizel-o o mar ao leme,
Ao piloto este o contou.

O piloto logo em terra
Foi contal-o à sua amiga;
Já não ha rapaz da rua
Que não cante esta cantiga.

Parece-nos licito chegar á conclusão de que, á semelhança do que fizera entre nós Garrett, o poeta allemão Chamisso se inspirára da canção grega, que elle proprio recebera directamente ou que encontrou transmittida pela cadeia tradicional que liga entre si as canções populares.

Haviamos achado encantadora de simplicidade sentenciosa a poesia de Chamisso, que suppunhamos original, e por isso mesmo inviolavel.

Mas averiguado que a paternidade d'essa canção não pertence a um só homem, por isso que pertence á humanidade, todos teem o direito de glosal-a; e é na posse d'esse direito que nos permittimos o desfado de reproduzil-a :

Quando nós beijos trocamos,
Era de noite, meu bem.
E nem sequer suspeitamos
Que nos visse então alguém.

Mas o ceu, cheio d'estrellas,
Nossos beijos descobriu.
Quem não se fiára n'ellas!
Vai uma estrella e cahiu.

Essa estrella chocalheira
Quanto viu, quanto contou
Sem mais demora á primeira
Onda que, enfim, a apagou.

Mau fado que nos fadava
N'aquella noite de estio!
N'essa occasião passava
N'aquelle mar um navio.

A onda, como traidora
Que nenhum castigo teme,
D'este segredo senhora,
Quanto ouviu, contou ao leme.

O leme, de acostumado
A contar tudo ao piloto.
Contou-lhe o que foi passado,
Pois cahiu em cesto roto.

O piloto, vindo a terra,
Contou tudo á sua amada.
Quando uma pessoa erra,
Deve ser acautelada.

Que poeta se não honraria de poder subscrever esta canção, tão singela e tão sentenciosa, tão maliciosa e tão delicada!

É que não ha poeta, por maior que seja, que possa medir-se com o povo!

II

Poucos dias depois de termos publicado, n'uma folha da capital, esta rapida noticia a respeito da canção grega glosada por Chamisso, inserira o sr. Pinheiro Chagas, no *Correio da manhã*, um interessante artigo, provocado pelo nosso, sobre o mesmo assumpto.

Terminava o sr. Pinheiro Chagas o seu artigo dizendo a respeito do auctor d'este livro :

« Esperamos que nos desculpará a nossa intervenção, talvez indiscreta. »

Protestamos desde logo contra o adjectivo indiscreta. Não são nunca indiscretas as indicações de um tão erudito escriptor como o sr. Pinheiro Chagas. Pela nossa parte pedimos a s. ex.^a então e agora que nos auxilie sempre com o seu conselho e com a sua variadissima illustração.

Eis o artigo do sr. Pinheiro Chagas ;

« O nosso estimado collega, o sr. Alberto Pimentel, tem procurado no *Diario Illustrado* descobrir as origens de uma formosissima idéa poetica, de que já encontrou umas versões. Esta precipitação com que nós, jornalistas, lemos os jornaes, fez com que só hontem dêssemos com uma interessante investigação, que podiamos ter auxiliado ha mais tempo. Ainda assim damos ao sr. Alberto Pimentel os subsidios que possuímos.

Sabiamos ha muito que a poesia a que o sr. Alberto Pimentel se refere era hellenica, sabiam-o antes de a termos lido, como a lemos, na formosa collecção do conde de Marcellus *Os cantos populares da Grecia*. Fôra o caso que um dos modernos poetas francezes escrevera ha dez annos uma peça em verso que tinha por assumpto um episodio da independencia grega. Parece-nos que o poeta era Deroulède e que o drama se chamava *Livres!*

No drama figurava essa canção e o *Figaro* deu-a na sua *Soirée théâtrale*, como um dois mais formosos especimens da peça, e parece-nos que, n'uma das re-

vistas estrangeiras que por algum tempo escrevemos no proprio *Diario Illustrado*, transcrevemos essa canção que tambem nos impressionára tanto mais que Deroulède (ou Gondinet?) lhe déra uma forma graciosissima.

Tempo depois, assistindo lugubrememente a uma recitação de versos ao piano, uma das ultimas de que temos conhecimento, e n'uma terra da provincia, ouvimos um vate recitar as seguintes quadras, como o sr. Alberto Pimentel vae ver, e que não são muito más, em que se encontra pelo menos o tal pensamento formosissimo, que tão justamente enlevou o nosso talentoso collega. A poesia era a seguinte. Nunca a vimos impressa. Retivemol-a, porque a ouvimos mais de uma vez, e por um capricho de memoria. Agora que a começamos a escrever, não sabemos mesmo se irá até o fim :

— Adeus querido, que a manhã já vejo!
 Ultimo beijo nos meus labios dá;
 Posso na aldeia passeiar sem pejo,
 Minha fraqueza ninguem sabe lá.

— Cadente estrella, idolatrada minha,
 Á vaga foi nossa paixão contar;
 A vaga ao remo da veloz barquinha,
 O remo ao nauta que percorre o mar.

O nauta á noiva que de ha muito adora
 O foi sorrindo repetir então.
 Desde esse dia pela aldeia, agora
 Moços e moças murmurando vão.

Nunca soubemos onde esta poesia fôra impressa; o recitador não se lembrava. Não sabemos tambem por conseguinte se o poeta a apresentava como traducção do allemão, se como traducção do grego, se como traducção do francez ou como original. O recitador dizia que lhe parecia que os versos não tinham indicação de serem traduzidos.

Ahi tem em todo o caso o sr. Alberto Pimentel mais alguns subsidios para a sua interessante investigação litteraria. Esperamos que nos desculpará a nossa intervenção, talvez indiscreta. »

III

Algunos dias depois, o illustre escriptor o sr. Fernandes Costa, tambem no *Correio da manhã*, publicava um novo subsidio para a historia da ideia fundamental da canção grega.

Era nada mais e nada menos que um trecho do *Ashavero*, de Edgar Quinet, excellentemente traduzido, ha annos, pelo sr. Fernandes Costa e no qual se lhe deparou o « mesmo movimento poetico que se encontra na canção popular colhida pelo conde Marcellus. »

Extraímos apenas as quadras de Edgar Quinet, que conteem o mesmo pensamento da canção :

OUTRA ESTRELLA.

O destino, que as tribus vae guiando,
Irmãs, a mesma estrada nos ensina.
Com ellas eu tambem sou peregrina,
E quero ir só com ellas conversando.

Serei, nos céus azulados,
A que de noite as conduz,
Dando-lhes sonhos doirados
Nos raios da minha luz.

O mysterio, o pensamento
Do nosso fundo seismar,
Hei de confial-o ao vento
Que se levanta do mar.

E o vento correndo incerto
Nas solidões do Senhor,
Ha de, ao passar no deserto,
Segredal-o a uma flôr.

A flôr, aos beijos ardentes,
Candida, o seio ha de abrir,
Depois, ás aguas correntes.
O segredo repetir.

As aguas hão de, apressadas,
Pelas cidades correr,
E ás tribus n'estas sentadas
O meu segredo dizer.

TODAS AS ESTRELLAS.

Sim, confiemos ao vento,
Que se levanta do mar,
O mysterio, o pensamento
Que nos suspende no ar.

Procedendo a ultteriores investigações, encontrámos mais uma versão da canção grega. Deparou-se-nos no livro de J. Reinach, *La Serbie et le Monténégre* (Paris, 1885, Calman Lévy, éditeur) a pag. 266.

Diz assim :

« Deux amants dans la prairie s'embrassent, ils croient que personne ne les voit, mais la verte prairie les avait vus, et elle le dit au blanc troupeau, le troupeau le répète à son pasteur, le pasteur au voyageur du chemin, le voyageur le redit au marinier sur l'eau, le marinier à sa barque de noyer, la barque le raconte à la froide rivière, et la rivière à la mère de la fillette. »

IV

Podémos ler o drama de Gondinet, cuja acção se passa na Albania em 1810. e no terceiro acto encontramos a canção a que o sr. Pinheiro Chagas se referira e que em seguida transcrevemos :

Il était nuit, ô ma mignonne,
Quand j'ai baisé tes deux grands yeux.
Qui nous a vus, dis-moi? personne
Que les étoiles dans les cieux.

Mais une étoile tout émue,
Et qui nous enviait là-haut,
Sur la mer bleue est descendue
Pour le conter à chaque flot.

Les flots l'ont redit à la rame,
La rame au joyeux matelot,
Qui l'a chanté devant sa femme:
Mignonne, on le saura bientôt.

Fiquem pois archivados estes subsidios para a historia de uma ideia, das mais graciosas, por certo, que o primoroso joalheiro, chamado Poesia, tem facetado artisticamente em mais de uma lingua.

1887.

RECORDAÇÕES DE UMA MATINÉE INFANTIL

Ha sempre nas praias, durante a estação balnear, uma colonia muito numerosa : é a das creanças.

São ellas que de manhã saltitam sobre a areia, enquanto esperam umas pelas outras para irem tomar banho juntas, e não são ordinariamente poucas as que percorrem os arruamentos das barracas chamando, gritando:

- Estás prompta, Julietta?
- Já estás vestida, Beatriz?
- Avia-te, Leonor!
- Anda d'ahi, Magdalena.

De tarde, essas mesmas creanças, que de manhã animavam a praia com a nota da sua alegria infantil, correm as ruas da povoação fazendo girar os seus arcos de madeira, construindo castellos de areia ou jogando jogos de prendas sob as arvores da alameda, quando a praia, como a de Mattosinhos, possui uma alameda que por tal signal é formosissima.

Em geral, são as creanças que dão vida ás praias dos arrabaldes do Porto, porque sequer ao me-

nos as creanças convivem entre si, não se mostram tão reservadas como os papás, fallam, riem, conversam, o que nem sempre acontece nos circulos das pessoas adultas, que exigem uma apresentação em forma para que se julguem habilitadas a perguntar a qualquer outra pessoa quantos banhos já tem ou se passa melhor dos seus incommodos.

São realmente formosas as praias do norte, bello mar, bello ceu, bello panorama, mas... pouca animação, pouca convivencia, digamos tudo, poucas idéas, poucos pensam em divertir-se a si proprios e a pouquissimos occorre o pensamento de que, de vez em quando, convém tambem divertir os outros.

Obrigado, ha tres annos, a procurar assumpto por toda a parte durante a estação balnear de Mattosinhos, foi-me facil perceber que só nas creanças da praia-o podia encontrar á farta.

Puz mãos á obra e comecei a conversal-as, a fazer-lhes perguntas, a captar a sua estima.

A primeira creança que me inspirou interesse chamava-se Hermengarda. Soube-lhe o nome, porque um primo, que ella tem em Lisboa e que se achava alli a banhos, um traquinas, um trocista de seiscentos diabos, me disse como a priminha portuense se chamava.

A menina Hermengarda não era filha unica; havia um outro irmão, o menino Eurico.

O facto de encontrar reunidos na mesma familia os nomes dos dois personagens do romance de Alexandre Herculano intrigou-me, confesso. Suppuz ha-

ver encontrado um pae romantico, intransigentemente romantico, que baptisou os filhos na onda da poesia, no Jordão do romantismo, levantando por suas proprias mãos, no seio da sua familia, um duplo monumento em honra do fallecido solitario de Val de Lobos.

— Hermengarda de que? perguntei ao primo.

N'isto, a priminha portuense aproximára-se a tempo de ouvir a resposta do primo.

— Hermengarda da Costa, respondeu elle.

E ella mostrou-se contrariada, mordeu o beiço. O primo riu-se, e disse voltando-se para mim:

— A minha prima é como a sardinha.

Então a menina Hermengarda mostrou-se zangadissima, fez-se escarlate, bateu com o pé no chão. Quiz reprimir-se e não pode.

— Não faça caso, disse-me ella, este rapaz é tolo.

E elle, com modos petulantes, encolheu os hombros, replicou :

— É como a sardinha, sim senhor.

— Mas saibamos, perguntei, em que é que a sua linda priminha se parece com a sardinha? Em ser pequena, talvez?...

— Não, senhor, em ser *da Costa*.

A pequena Hermengarda deitou a fugir, a correr para longe de nós, e o primo sentou-se no banco de pedra, ao pé de mim, rindo a bandeiras despregadas, com um grande ar de triumpho.

Contou-me então o menino Luiz que a prima Hermengarda dava um grande cavaco quando elle lhe

dizia que ella era como a sardinha, por ser *da costa*. Ella zangava-se sempre, chorava, pedia pelo amor de Deus que a não apoquentasse mais, e de uma vez fizera queixa ao cardeal D. Americo, que tomava banhos n'aquella praia, de que tinha um primo muito ruim, que a fazia affligir todos os dias.

A desditosa Hermengarda aproximara-se outra vez de nós com um certo disfarce, para saber se ainda estavamos fallando d'ella. Mas o primo, que a não perdia de vista, gritou :

— Prima sardinha, anda cá.

E a pequenita deitou outra vez a fugir desesperada. A meio caminho voltou-se para traz, e batendo com o pé no chão gritou por sua vez :

— Tolo! Tolo! Seu tolo!

Fingi-me zangado com o menino Luiz.

— Porque faz assim soffrer sua prima? Será que em verdade a não estime?

— Não, respondeu elle com presteza, eu sou amigo d'ella, é boa rapariga, mas dá o cavaco e eu gosto de vê-la zangada.

Eu disse com os meus botões :

— É primo... gosta de a contrariar... não a acha má rapariga... bem?... d'aqui a seis annos estão casados! Tudo se conciliará, porque ella deixará de ser *da costa*, e elle já não terá occasião de lhe chamar prima sardinha.

Um domingo, no baile infantil da assembléa, fiquei ao pé da menina Laura: quatorze annos, bellamente pallida, sorriso melancolico. Dançavam uns

Lanceiros, a coisa mais estúpida d'este mundo, porque tem movimento de mais para dar tempo a que se converse e movimento de menos para que se esteja sempre dançando.

— Ainda a não vi dansar! disse-lhe eu para abrir conversação! Permite-me que lhe pergunte se realmente não gosta de dansar?

— Não gosto muito, respondeu ella sorrindo. O papá, ás vezes, zanga-se commigo, porque queria que eu ao menos dançasse quadrilhas.

— E o papá está aqui?

— O papá deve estar lá em baixo [a jogar o voltarete.

— Vi só uma meza de voltarete : dois sujeitos novos e um velho.

— Ah! o papá não é velho, acudiu ella com vivacidade.

— Peço perdão. Seu pae é de certo qualquer dos dois parceiros mais novos.

— Não, o papá é justamente o que tem os cabellos brancos, mas — insistiu com intenção — o papá não é velho. Tem trinta e cinco annos apenas.

— Trinta e cinco annos! Com effeito... eu pensei...

Confesso que me senti embaraçado, sem saber como tirar-me da difficuldade em que eu proprio me havia lançado.

— Sim, o papá tem envelhecido muito, e todavia é ainda um rapaz.

— É de certo doente?

— Não é doente, sofre...

Comecei a suspeitar que tinha encontrado um romance, um drama de familia, cheio do movimento e de sentimentalidade. O que porém me faltava ainda era encontrar o fio conductor da minha exploração. Ûm pouco ao acaso, lancei esta pergunta :

— E a mamá não está aqui ?

— Eu não tenho mamã.

— Morreu ?

— Morreu quando eu nasci.

— Foi então de certo que seu pae começou a envelhecer?... Ha de ter ouvido fallar n'isso...

— Conta o papá que dentro de tres dias depois da morte da mamá começou a ter cabellos brancos. Mas eu ainda o conheci com apparencia de rapaz, apesar de ter effectivamente alguns cabellos brancos. Ha dois annos é que elle está assim... a ponto de parecer um velho.

— Um outro desgosto talvez ? disse eu a medo, procurando arrancar-lhe mais algumas revelações.

— Foi a fallencia.

— Ah ! o papá era negociante ?

— Era negociante e trabalhava muito, mas os negocios principiaram a correr-lhe mal. O papá bem queria evitar a fallencia, não comia, não dormia, trabalhava sempre, de dia e de noite. Mas não pode. Falliu, entregando tudo aos credores. Ficamos sem nada, ficamos pobres. Foi então que o papá envelheceu completamente, vi branquear, dia a dia, os únicos cabellos pretos que lhe restavam, e a sua cabeça

tão linda ficou sendo a de um velho. — E com os olhos marejados de lagrimas disse : Quanto eu chorei então ! chorei muito, muito. Se a mamã fosse viva, como ella choraria tambem ! Fez-me muita falta, mas talvez fosse feliz em morrer !

Commoveu-me profundamente a singela expressão d'aquella dôr tão intima e tão sagrada. Hôuve um momento de silencio. Mas eu desejava vivamente conhecer mais alguma particularidade d'esse drama de familia.

— E agora, perguntei, o papá continua a negociar?

— Não, senhor. O papá agora é guarda-livros de uma casa ingleza (E nomeou a firma commercial). Tem muito trabalho, vem jantar muito tarde, e eu não queria sair do Porto para o não incomodar. Mas o papá disse que eu precisava de banhos do mar, que todos os medicos os aconselhavam, que não podia passar sem elles ; ainda assim puz uma condição, que viria se o papá me promettesse jogar todas as noites o voltarete, porque d'antes era o seu jogo favorito. Elle, por ora, tem cumprido, e eu tambem.

Aos *Lanceiros* ia succeder uma valsa, e eu vi o primo Luiz enfiar o braço á prima Hermengarda, arrasando-a na direcção da minha cadeira.

— Cá vou dançar com a prima sardinha, disse-me elle.

E, para não lhe dar tempo a zangar-se, largou a valsar pela sala adiante, cingindo com o braço a cintura da priminha.

Deixou uma dolorosa impressão no meu espirito a

historia que a menina Laura me contou, com os olhos emperlados de lagrimas, ao tempo que as jovens pessoas da sua idade, as pequenas valsistas da praia se lançavam alegremente no turbilhão da dança.

Por minha vez a contei a um cavalheiro de Braga, que chegára havia dias á praia, e que me disse :

— Tambem eu lhe vou contar uma commovente historia de creanças. Ha de vel-as d'aqui a pouco tempo, porque devem chegar a Mattosinhos depois de meiado setembro. Estão quasi senhoras, hoje, mas a historia passou-se justamente quando ellas eram creanças. Ora oiça. O pae d'essas meninas era um proprietario velho do Douro. Tinha cincoenta anno quando casou; a noiva, filha do juiz de direito da comarca, tinha vinte e tres. Foi, pois, um casamento de conveniencia arranjado pelo juiz. O morgado era o prototypo da bondade antiga; pertencia ainda a uma epocha em que o respeito por todas as instituições sociaes era enorme, e em que os vestigios do *culto domestico* não tendiam a apagar-se inteiramente. Estimava e respeitava a mulher, e quando ella lhe deu duas filhas, loiras como uma aurora, julgou-se o pae mais ditoso, o marido mais feliz d'este mundo. Adorava as duas creanças, que tinham as melhores bonecas de Nuremberg, e *cabriolets* almo-fadados de setim tirados por uma longa fila de carneiros. Por sua parte, as creanças idolatravam-n'o, e tinha o que quer que fosse de patriarchal, de mages-toso, de antigo vel-o na sua cadeira de braços e pregaria amarella com as filhas sentadas nos joelhos.

Mas o morgado era velho, caminhava rapidamente para o occaso, ao passo que as filhas eram a aurora... na idade e nos cabellos. Morreu. Uma viuva nova e rica, uma grande herdeira em disponibilidade é sempre requestada, e o coração feminino ainda não descobriu o segredo, apesar de muitos desenganos e desillusões, de se blindar contra os perigos do amor. A viuva apaixonou-se. Ella tinha casado com o morgado, mas não se havia apaixonado ainda, e isso viria a acontecer por força. Na escolha não fôra feliz. Apaixonou-se por um rapaz que tinha chegado um anno antes, despachado escrivão de direito. Filho de boa familia, mas pobre, encontrara facilmente altas protecções junto do governo, e como era preciso dar-lhe uma posição que o preservasse da miseria, fizeram-no escrivão de direito, como o poderiam ter feito qualquer outra cousa. Pois bem, esse rapaz *tinha maneiras*, como vulgarmente se diz, tinha o habito da sociedade; o que lhe faltava apenas era aptidão e paciencia para desempenhar as suas funcções de escrivão de direito. Pensou em casar bem, logo que chegou á provincia, para mandar o emprego ao diabo, e a fortuna deparou-lhe, ao sabor dos seus sonhos, a viuva do morgado, nova, rica e bonita.

Casaram. Na nossa provincia ninguem gostou do casamento, todos o censuraram, e com rasão. Foi tomado á conta de uma d'estas grandes tolices que as mulheres fazem sempre por mais juizo que tenham. Com effeito o tempo não tardou a dar-nos rasão.

Passada a lua de mel, o noivo, vendo-se com dinhei-

ro, começou a gastal-o com a mesma voracidade com que a rapoza da fabula comeria 'as uvas, se tivesse podido chegar-lhes. Caçadas, viagens ao Porto e a Lisboa, aventuras mais ou menos dispendiosas com actrizes e bailarinas, jogo, bebidas, — não queria outra vida.

A morgada, como continuou a chamar-se-lhe, reconheceu que se havia enganado, mas era já tarde, muito tarde. Vivia só, com as duas filhas, administrando a casa, e chegou o momento em que ella teve que negar uma forte remessa de dinheiro, que o marido lhe pedia, para ir a Madrid atraz d'uma bailarina de S. Carlos. A bailarina, visto não poder ir com elle, foi com outro. Á volta de Lisboa, o marido da morgada mostrou-se mal humorado, aborrecido e, sendo na sociedade um homem de maneiras, começou a ser mal creado para com a mulher acabando por ser brutal. Um dia ameaçou-a e d'ahi a pouco tempo converteu a ameaça em realidade, espancou-a. Desde esse dia a casa transformou-se n'um verdadeiro inferno, sobre o qual pairavam suspensos nas suas azas brancas dois anjos loiros. A consolação unica que restava á mãe era chorar no regaço das filhas. Por fóra sabia-se o que se passava entre marido e mulher, e toda a gente admirava que ella não tivesse tido a coragem de ir requerer o desquite aos tribunaes. Suppunha-se que soffria por orgulho, que não queria inclinar a cabeça como victima na presença do publico que tinha censurado o casamento. A vida de familia era cada vez peor, sabia-se que a morgada era espancada sem-

pre que o marido recolhia a casa embriagado, e isso acontecia quasi todas as noites. Todavia a pobre senhora, por orgulho ou fraqueza, continuava a soffrer as brutalidades do marido, e ainda as soffreria hoje, se não fosse a intervenção das duas creanças. Eu lhe conto. Uma noite, o marido recolheu tarde, e embriagado como costumava. As duas creanças tinham-se deitado havia muito tempo, e a mãe suppunha-as a dormir. Começou a scena do costume, a morgada fôra brutalmente espancada n'essa noite, e fugira do quarto para o interior da casa. Deixou-se ficar soluçante á porta da alcova das filhas, sem ter coragem para entrar. Mas pareceu-lhe ouvir murmúrio de vozes cautelosas, attentou o ouvido e pôde reconhecer que era uma oração o que ouvia. Entrou. As duas creanças, abraçadas uma á outra, de joelhos sobre um dos leitos, tremulas e pallidas, rezavam pela alma do pae para que, do ceu, onde ellas criam que estivesse, as chamasse todas tres para ao pé de si. A morgada ouviu tudo isto, a prece das filhas enter necera-a e alentará-a, dera-lhe coragem; a pobre senhora passara o resto da noite abraçada ás duas creanças, e no dia seguinte chamava o seu procurador para requerer desquite.

O processo correu rapidamente, e a morgada está ha cerca de dois annos separada do marido. Vive com as filhas, por quem é adorada, e a quem adora.

« Foram os anjos da minha redempção » diz ella. Ha de vel-as brevemente, e terá então occasião de conhecer essas duas formosas meninas.

O primo Luiz botou dançarino ; continuava a trazer a prima *sardinha* n'um rodopio e, de vez em quando, ao passar por mim, piscava-me o olho, como se dissesse :

— Cá anda ella... *a da costa*.

UMA DUPLA LIÇÃO

Paulina Sequeira amava fervorosamente o marido. Era ella, por uma inversão de papeis, o Othello da familia. Zelava-o com um requinte de selvageria amorosa, que o punha em embaraços constantes, vendo-se na necessidade de inventar uma desculpa até para os casos menos maliciosos da vida. Elle, o Julio Sequeira, era um pacato, um bom, um fiel observador dos deveres canonicos e civis do matrimonio. Raras vezes cravava os dentes, de fugida, na maçã do peccado, e não o fazia movido de um impulso interior, senão que por distracção, por um tenue sentimento de variedade, que nem o deleitava nem lhe aborrecia.

Paulina não era materialmente tão exigente como á primeira vista poderia suppôr-se. Zelava apenas a integridade dos seus direitos, tinha mais ciumes dos pensamentos que dos actos de seu marido. Era uma boa dona de casa, que se levantava quando vinha o leiteiro, e que mandava os filhos pontualmente para o collegio quando no relógio da Estrella soavam nove horas. Levava ao marido, que ficava na cama, um

copo de leite, conchegava-lhe a roupa aos sovacos, e dizia : « Dorme, filho, que ainda é muito cedo. »

O que ella queria era que elle se levantasse contente e forte, para ir fazer a escripturação no banco da rua dos Capellistas, mas se suspeitava que a sua alegria e a sua força podessem ser esbanjadas n'outra applicação menos honesta, tinha furias de leão ferida no coração, aguçava as garras e erriçava a juba dos seus bellos cabellos negros, cahidos sobre a *bate*.

— Eu sou d'elle como elle é meu! dizia ella, e entrincheirada n'esta logica matrimonial febricitava-se de suspeitas cruéis quando as faces do marido, ao recolher a casa, cheiravam a agua de Colonia ou accusavam a existencia de leves granulações de pó de arroz.

— É do barbeiro, filha, respondia elle defendendo-se com uma sinceridade encantadora.

Mas Paulina não acreditava, amuava-se, não queria jantar, chorava, e ralhava com a criada, que era sempre a victima innocente da agua de Colonia e do pó de arroz.

Depois, á noite, quando o marido sahia para ir conversar no Silva do Rocio, Paulina ficava ruminando os seus ciumes á luz do candieiro de petroleo, enquanto o filho mais velho estudava a lição do La Place e o filho mais novo brincava com um regimento de soldados de chumbo sobre a mesa do jantar.

— Lá foi agora, pensava ella, continuar o seu idyllio interrompido pela sopa e pelo cosido do hymeneu. Está a esta hora abraçando outra mulher, a mesma

de pela manhã, ao passo que eu, a quem elle pertence, só tenho a defender os meus direitos de esposa estas duas frageis creanças e este regimento de soldados de chumbo. Oh! é horrivel! Preciso experimental-o de uma vez para sempre, conhecer até que ponto as minhas lagrimas pôdem ter justificação. N'esse dia serei por certo a mais infeliz das mulheres, porque o sr. meu marido engana-me cruelmente, com uma hypocrisia revoltante. Mas ao menos ficarei satisfeita por saber a verdade, poderei lèr o livro da sua alma, que se conserva sempre fechado para mim, — que sou a sua legítima mulher.

Andou a abeberar no cerebro esta ideia durante duas ou tres semanas, até que finalmente resolveu proceder á experiencia tremenda: experimentar a lealdade do marido.

Pediú á sua costureira que lhe escrevesse uma carta convidando-o a um *rendez-vous* no passeio da Estrella. Era uma supposta Amelia a signataria que lhe pedia, com muita instancia e pouca orthographia, a esmola amorosa d'aquella entrevista, no proximo domingo, ás onze horas da manhã, por ser justamente essa a hora em que o passeio estava ainda menos concorrido.

Julio Sequeira recebeu a carta e extranhou-a. Não estava habituado ás aventuras mysteriosas que as arvores protegem. Não conhecia nenhuma Amelia capaz de estar apaixonada por elle. De mais a mais notou na mulher certa preocupação mal disfarçada. E fez reparo na hora indicada, que era aquella em

que Paulina ia á missa com os filhos. De mais a mais ella dissera-lhe n'esse domingo que os filhos ficariam em casa, porque um tinha passado mal a noite, e o outro devia fazer companhia ao irmão.

Julio Sequeira offereceu-se para a acompanhar. Paulina recusou : que ia á missa, e que voltava, porque a creada lhe não inspirava confiança.

Deixou-a sahir e ficou pensando no que devia fazer.

Paulina, tendo-se convencido de que não era seguida, estugou o passo, e subiu rapidamente a calçada da Estrella.

Chegou ao passeio, entrou, e começou a passeiar, agitada e nervosa, em frente da jaula do leão, que era o lugar indicado para o *rendez-vous*.

Deram onze horas.

Então os seus olhos penetrantes e avidos pareciam perfurar a folhagem do arvoredado, procurando o vulto de uma pessoa conhecida. O leão dava saltos dentro da jaula e rugia. O coração de Paulina estava tão inquieto como o leão, e ella, que sempre tivera um grande mêdo de feras, ella que não quizera ir ver a colleccção do Bernabó á rua Nova da Palma, nem sequer se lembrava de que o leão, terror dos bosques, estava alli a dois passos, pulando e rugindo, como se ameaçasse dilaceral-a.

Por mais que Paulina espreitasse, por mais que suppozesse reconhecer o marido n'um ou n'outro solitario que se aproximava, não via chegar o monstro que lhe torturava o coração, — o seu Julio não apparecia!

Esperou meia hora, sem saber o que fizesse, ficar ou sair.

Seria realmente seu marido um ingrato que se demorasse dando a ultima de mão á *toilette*, atando a gravata e perfumando o lenço, ou seria—o pobre Julio!— uma victima innocente das suas suspeitas, um poço de virtude, o mais casto dos Julios e o melhor dos maridos?

Esta incerteza esmagava-lhe o coração, quando um moço de recados se aproximou d'ella entregando-lhe uma carta e desaparecendo.

—Já sei!— disse Paulina— o monstro desculpa-se commigo, mostra-se receioso talvez da minha vigilancia para adiar a entrevista. Indica por certo um sitio mais escuso, e um dia menos perigoso! Ah! o ingrato! o ingrato!

E, com o coração aos saltos dentro do peito, abriu a carta.

Era lettra d'elle.

— O descarado! que nem sequer disfarça a lettra! Leu.

« Não sei a quem escrevo, dizia o Sequeira, nem desejo saber, porque uma mulher, que ousa escrever ao mais leal dos maridos affrontando a sua honestidade conjugal, não merece que se lhe saiba o nome. »

— O que?! perguntou Paulina a si mesma, e passou a mão pelos olhos como para sacudir uma nuvem.

« Seja quem fôr, proseguia o Sequeira, o seu procedimento só me inspira aborrecimento e desdem. Lamento-a, e repillo-a. Mas quero prevenil-a de que a

policia não costuma negar-se a acompanhar a Rilha-folles as pessoas que perderam o siso. Em ultimo caso terei que recorrer á policia. »

— Ah! meu querido Julio! exclamou Paulina beijando soffregamente a carta uma e muitas vezes.

Um soldado da municipal, que esperava a sopeira dos domingos, disse com os seus botões de metal : « Aquillo nunca eu fiz senão ao milagroso pé do Senhor dos Passos da Graça. »

E o leão, já menos inquieto, parecia encantado com aquella scena de ternura edificante.

O moço veio dizer a Julio Sequeira que a carta ficára entregue.

— Uma senhora de vestido cinzento?

— Sim, senhor.

— Chapeu preto com plumas còr de rosa?

— Tal qual.

— Estatura regular?

— Isso mesmo.

— Morena?

— Morena.

— Está bem : pega lá cinco tostões e vae-te embora.

E, contente do bom resultado da sua previdencia, o Sequeira correu para casa a esperar a mulher.

Ella chegou alegre como um passarinho.

Tinha ido á missa, dizia, mas o padre era massador. Pegava-se no latim.

— De que còr era a vestimenta? perguntou o marido.

— Branca.

Ao jantar, depois de servida a sopa, Paulina não poudo conter por mais tempo o explosão da sua alegria.

Começou a chorar de repente e a sorrir. Levantando-se da cadeira, cahiu sobre o marido aos beijos e aos abraços, estreitando-o com phrenesi.

Depois, encarando muito n'elle. com os olhos brilhantes de lagrimas e os labios entre-abertos n'um sorriso carinhoso, exclamou :

— Perdoa, Julio, que eu tenho sido muito injusta para contigo !

SONHANDO...

O Eusebio Soares era despachante da alfandega grande. Adoptára esse modo de vida, quando o pae morreu, para sustentar a familia, — duas irmãs e a mãe.

Emquanto o pae foi vivo frequentou o lyceu, ver-sejhou, namorou e fez algumas tolices. Uma d'ellas não tinha remedio, e todavia atormentava-lhe o espirito n'um grande desespero de proletario insubmisso. Apaixonára-se um verão, na Ericeira, por uma mulher rica e nobre, a mais formosa, a mais loura e a mais pallida condessa que n'esse tempo havia em Lisboa. Ella não o sabia, ella não reparára sequer em Eusebio Soares, e ignorava mesmo talvez que existissem n'este mundo despachantes da alfandega.

O que a condessinha conhecia muito bem era a côrte, os rapazes do *high-life*, os marialvas, os ricos, os nobres, os felizes.

No mar social, Eusebio Soares podia ser uma perola, e talvez fosse a perola dos despachantes, mas a perola estava na ostra e a ostra no fundo do mar.

Os verificadores conheciam-n'o, mas d'ahi para ci-

ma, na escala do funcionalismo, não o conhecia ninguém.

Na imprensa, Eusebio Soares tinha algumas relações. Mettia-se nos jornaes, offerecia noticias da alfandega, e de vez em quando pedia que lhe publicassem uns versos, que não eram bons nem maus. Tudo isto a troco de bilhetes de theatro. O que elle queria, depois que recolhêra a Lisboa, era poder ver atravez de binoculo a mulher amada, que continuava a não o ver a elle: — a mulher por quem alimentava uma paixão absorvente, devoradora, invencivel.

Vel-a, era para elle uma delicia e um tormento. Os seus olhos apascentavam-se na pallida belleza da condessinha como duas abelhas famintas nas pétalas de uma rosa fresca.

Mas vel-a era ao mesmo tempo recordar o impossivel, medir, palmo a palmo, pollegada a pollegada, a enorme distancia que os separava.

Quando a via atravessar o salão dos theatros, envolta na sua capa branca, pelo braço d'este ou d'aquelle fidalgo, d'este ou d'aquelle marialva, quando a via poisar o pé no estribo da carruagem e desaparecer depois, o que elle sentia era a triplice loucura do amor, da saudade e do ciume.

Ficava amando cada vez mais essa mulher encantadora, cuja recordação, ao mesmo passo consoladora e dilacerante, o perseguia por toda a parte, até na alfandega das sete casas.

E ficava odiando o homem que lhe dera o braço, por ser mais feliz e menos despachante do que elle,

porque em geral esse homem, sempre bem nascido, só despachava para consumo particular a propria fortuna.

Nas festas da cõrte, nas recepcões e nos bailes, o Eusebio Soares postava-se junto ás portas dos palacios.

Queria vel-a saltar do trem, sobraçando o vestido roçagante, branco umas vezes, outras vezes cõr de rosa.

Depois, quando parado na rua ouvia, n'um tenue espreguicamento sonoro. as notas longinquas d'uma walsa, Eusebio Soares enlouquecia de desespêro, pensava na alfandega e no suicidio, na condessinha e na sua triste vida amargurada, no supplicio de Sisypho a que estava condemnado. rolando eternamente o rochedo do seu destino.

Uma vez, n'uma noite de baile do marquez de Penafiel, elle resolvêra, encostado á esquina de um predio da rua Nova de S. Mamede, declarar-se á condessinha, escrever-lhe uma carta, mandar-lhe uns versos.

Era uma loucura, de que receiava não tirar resultado, como já uma vez acontecêra quando pedira uma audiencia ao ministro da fazenda para representar contra a dureza com que o tratara um reverificador. Não tivera então resposta e não a teria agora. Mas acabou-se! Estava resolvido a aventurar-se, a dar o segundo passo temerario da sua vida.

A condessinha devia ser romantica. Talvez gostasse

dos versos, talvez tivesse o capricho de querer conhecer o poeta mysterioso.

Na idade media não se apaixonavam as castellãs pelos trovadores e pelos pagens?

Pois bem, elle tambem podia considerar-se um pagem aduaneiro, um trovador escravizado pelo jugo da pauta, tyrannizado pelos verificadores. Era uma victima, e as victimas são sempre sympathicas. De mais a mais, não enganaria a condessinha : dir-lhe-ia em prosa e em verso que era pobre e obscuro. Que ella fizesse o que quizesse.

A carta e os versos partiram para o seu destino, garantidos por uma estampilha de 25 réis. Deviam ser entregues, e talvez que fossem lidos. Elle pedia-lhe que na primeira noite de S. Carlos apparecesse vestida de branco, se a carta lograsse inspirar-lhe um sentimento de sympathia.

Imagine-se a commoção, a anciedade com que Eusebio Soares esperou essa noite!

Nas redacções não lhe deram bilhete; comprou-o.

Mas a condessinha não foi.

O que teria acontecido? Receberia a carta? Tel-a-ia lido? Não quizera ou não pudera ir? Que noite! Que noite aquella, Santo Deus!

D'ahi a tres ou quatro dias ouvia dizer na alfandega que a condessinha estava doente.

Ter-se-ia apaixonado pelo seu ignoto trovador?

Elle não o sabia, não o podia saber.

Mas a condessinha não voltára aos theatros, não ia aos bailes. Continuava doente.

A verdade, que elle ignorava, era que a condessinha, depois de uma walsa vertiginosa dansada em casa dos marquezes de Vianna, se sentira indisposta. No dia seguinte manifestára-se-lhe uma extrema fraqueza. Era o que nós chamamos hoje uma phytisica galopante.

Passaram vinte dias de excruciante incerteza para Eusebio Soares.

Ao cabo d'esse tempo annunciavam os jornaes que a condessinha partia para a ilha de Madeira.

Então elle convenceu-se de que era amado, e que essa doença terrivel, que minava aquelle corpo formoso e franzino, era a repercussão do seu amor no coração d'uma mulher que sabia que era doidamente amada por um homem obscuro e pobre.

Essa doença era o impossivel, segundo a pathologia de Eusebio. Era a consumpção da castellã pelo pagem que não a podia desposar, e cujo bandolim ella escutára uma só vez, em segredo...

Desde essa hora Eusebio cantou a epopèa da sua dôr, fazia despachos e estrophes sempre com a mesma preocupação deliciosamente dilacerante. Tinha pelos verificadores o mais completo desprezo. Se elles podessem conhecer o poema do seu coração! Desgraçados! O que elles conheciam apenas era a pauta.

O clima da ilha de Madeira não pudera demorar a marcha da doença. A vida da condessinha apagava-se n'um declinar tão vertiginoso como a ultima walsa dançada no palacio do Rato.

Vieram más noticias, que os jornaes espalharam.

E Eusebio Soares, que lia as noticias em primeira mão nas redacções dos jornaes, enviava a sua alma, atravez do azul, ao encontro d'essa outra alma que pensaria n'elle ao desprender-se do corpo que animára.

A condessinha morrerá.

Eusebio Soares não foi dois dias á alfandega, não podia despachar: queria morrer tambem.

A mãe, afflictissima por não saber o que o filho tinha, dava-lhe gemmadas pela manhã, e um caldo de carne á noite. Eusebio cedia ás instancias da mãe, e pedia-lhe depois que o deixasse só, a scismar, a scismar...

Um mez depois, chegou um paquete de Madeira.

Quando Eusebio, pallido e triste, entrou pela manhã na alfandega, viu suspenso no guindaste, sobre o caes, um caixão de mogno con argolas douradas.

Dois carregadores arrumavam algumas barricadas de assucar para poderem descer o caixão.

Eusebio fez perguntas a uns e a outros, aos carregadores e aos guardas.

Soube então que aquelle caixão de mogno encerrava os restos mortaes da condessinha.

E, levantando os olhos rasos de lagrimas á altura do guindaste, ficou uma hora contemplando, com pasmo dos carregadores, aquelle caixão de mogno que se desenhava immovel no azul do ceu, suspendendo no espaço, como n'um leito aéreo, a bella condessa morta.

E, na morte como na vida, aquella mulher aristocrata parecia dizer ao obscuro despachante da alfandega :

— Sobe, Eusebio, se queres aproximar-te de mim...

FAZER FIGAS

Fazer figas, para livrar do mau olhado, é um costume portuguez muito enraizado nas tradições populares.

Quando se procura a origem d'estas tradições é indispensavel olhar para o Oriente, porque de lá vieram, como julgamos, ou pelo menos já lá eram conhecidas em tempos remotos.

Assim, no *Rig-Veda*, a esposa é exhortada a ser *aghoracakshus*, isto é, sem olhar malfazejo para seu esposo.

Em Roma havia, como um legado árya, a superstição do *oculus fascinus*, espalhada hoje em toda a Italia com o nome de *jettatura*. Os romanos tinham, para conjurar o mau olhado, não só a phrase *Ne me fascines* (Não me tolhas), mas tambem uzavam pôr ao pescoço das creanças o symbolo a que vulgarmente damos o nome de *figa*.

Nós, os portuguezes, encontramos nos escriptores antigos numerosas allusões ao costume de fazer ou

trazer figas. Gil Vicente, precioso repositório de tradições populares, diz por exemplo :

Qualquer que disser que é resuscitado
Dar-lhe-hei uá *figa* debaixo do manto.

Embarcade lá esta *figa*.

Em Rodrigues Lobo encontra-se esta referenci

Olhou-te Lucindo,
O dos olhos brancos,
Que são peçonhentos,
Como cão damnado.

Não lhe deste *figas*,
Deram-te cuidados,
A todos suspeitas,
E a muitos aggravos.

Qual seja a origem provavel d'este costume popular assumpto é muito de geito para convidar a investigações que, á luz da sciencia moderna, não deverão deixar-se ir ao sabor da imaginação de quem se propozer tratá-lo. Escrevendo estas palavras, fazemos allusão ao licenciado Domingos Pereira Bracamonte, que em 1642 imprimiu em castelhano (Lisboa, imprensa de Lourenço de Anvers) o *Banquete que Apolo hizo a los embaixadores d'el-rey de Portugal Don Juan Quarto*.

O erudito licenciado inventou imaginosamente uma origem, que chega a ser graciosa, á força de ser um jogo de alliteração pueril.

« Tenho duvida, diz elle, se a figa, que umas vezes representa a forma da mão feita de crystal, outras vezes de polido azeviche, traz o nome e a origem dos figos? Obrigam-me a opinar pela affirmativa os que dizem que d'elles sahiu aquelle infausto pomo, que a enganada Eva colheu para perdição de Adão e condemnação nossa. Porque se a mandragora, que Rachel comeu, só porque de esteril a tornou fecunda, ficou com benção de virtuosa, e ainda hoje, a quem o é, dizemos, *corrupta voce*, que tem *mandracola*, tambem por contraposição o figo ou figa, que se forma com os dedos, pode servir de vituperio e opprobrio em memoria d'aquelle, que foi occasião do primeiro peccado ¹.

« Assim como para chamar a um homem filho de enforcado basta mostrar-lhe uma corda, tambem para chamar ao filho de Adão peccador o desobediente a Deus, bastará dar-lhe um figo, ou uma figa formada com os dedos.

« E se não quizermos fazer a figa tão antiga (ainda que em ser figa o pareça) digamos que teve pela mesma rasão seu principio n'aquelles figos, que Catão levou mui frescos e sazoados ao Senado, com os quaes demonstrou aos Padres Conscriptos quão proximos tinham os muros de Roma dos seus inimigos,

1. Mandragora (*Atropa Mandragora*). « A sua virtude nos philtros amorosos foi proclamada com enthusiasmo, e quem não queria morrer sem posteridade devia recorrer ao uso externo da raiz da mandragora. » (*Panorama*, vol. III, p. 68.)

pois não havia tres dias que os figos tinham sido colhidos em Carthago, com o que animou a todos para que fizessem a terceira guerra punica, em que foi assolada aquella famosa cidade, fabrica da rainha Dido, metropole da Africa e terror de toda a Italia. De sorte que para os carthagineses o figo ou sua figura servirá de opprobrio trazendo-lhe á memoria aquelles figos que foram occasião e motivo de sua destruição e captivoiro.

« O certo é que a figa se denomina assim do verbo *figar*, que quer dizer cravar ou fugar, o qual nos tempos antigos, e ainda agora em muitas provincias do mundo corresponde ao hespanhol *enforcar*; de sorte que *higa* ou *figa* (como melhor que todas pronuncia a lingua portugueza) vale o mesmo que forca, e uma e outra se forma com os dedos em signal de despreso ou vituperio de alguém. Comquanto sua propria significação seja negar alguma cousa com despreso, quando um galan pede favores a alguma dama, se ella responde com uma figa, faça de conta que l'os nega, e lhe diz que, desesperado d'elles, se enforque, alludindo talvez com a figa ou forca á outra em que Judas se enforcou desesperado.

« Do que tenho dito se collige a razão por que as amas, quando levam as creanças a publico, as armam de figas de azeviche, porque, como esta pedra tem grande virtude contra o halito e olhos das feiticeiras, e homens veneficos, parece que as figas de azeviche lhes estão dizendo que se enforcuem e desesperem de

exercer n'aquellas creanças a sua malignidade, em quanto ellas as amparam e defendem. »

Muitos escriptores antigos enlabyrinthavam-se em camisas de onze varas para sustentar certar filiações historicas, que não tinham em seu favor senão um capricho de imaginação. Assim, para o licenciado Bracamonte, *figa* vem de *figo*.

Que a memoria do licenciado nos perdõe, mas supomos que se enganou redondamente.

Para nós, a *figa* denuncia o naturalismo aryano : é uma degeneração do culto phallico, que exprime a potencia productora e creadora da natureza em opposição á consumpção por maleficio.

Vem em nosso auxilio, para sustentarmos a origem phallica da *figa*, a ethnographia romana, quando disse pela bocca de um dos annotadores da versão dos *Fastos* por Castilho :

« Usavam tambem (os romanos) trazer ao pescoço das creanças alguma cousa torpe e vergonhosa, para affastar d'ellas os maus olhos, como conta Varrão, d'onde veiu o uso dos *dixes*, ou *digites*, como v. g. a figura da mão com os dedos contrahidos; que de alguma forma traz ao sentido a forma do priapo, ou genital humano, que é cousa bem vergonhosa e torpe, como nota D. Ramires del Prado, explicando a Marcial :

Et tu digitum porrigito medium.

Com o andar dos tempos, estes *dixes* ou *digites*, fo-

ram tomando formas menos deshonestas, que são as que ainda hoje vulgarmente chamam *figas*. »

O culto do phallus, segundo todas as suas formas symbolicas, era commum aos povos do Oriente, desde os tempos mais antigos.

No Egypto celebravam-se as phallophorias em honra de Kbem ou Ammon, considerado como principio gerador.

Os israelistas celebravam no paiz de Chanaan o culto phallico.

Lenormant, nas *Origens da historia*, nota que ao lado dos cylindros babilonios e assyrios havia dois emblemas religiosos de uma forma muito comprehensiva para que se duvide de que fossem o symbolo da suprema potencia divina (o Phallus) e a imagem do *mipléceth* da Biblia, o pubis feminino.

A forma mais solemne de juramento, entre os hebreus, consistia em pôr a mão sobre os orgãos genitales d'aquelle a quem se jurava.

« Se tu me amas, diz Jacob, moribundo, a seu filho José, põe a tua mão sobre a minha coxa, e promette-me proceder para commigo com amor e fidelidade : não me enterres no Egypto. » *Genesis*, XLVII, 29.

Sobre a coxa é um euphemismo para designar os orgãos sexuaes.

A medicina, como observa Emilio Ferrière¹, ainda hoje dá o nome de sagrada á região inferior do corpo ;

1. *Paganisme des Hébreux jusqu'à la captivité de Babylone*, pag. 172 e seg.

o *plexus* sagrado é o entrelaçamento que fornece as suas ramificações aos órgãos da geração.

O juramento solemne dos hebreus, consistindo em pousar a mão sobre a coxa da pessoa a quem se jurava, estabelece a relação symbolica existente entre a mão humana, pelo contacto com os órgãos da geração, e o culto phallico.

Absalão, não deixando successão que lhe perpetuasse o nome, erigiu-se um monumento no valle do Rei. (*Samuel*, XVIII, 18).

A esse monumento tem-se chamado sempre a *mão de Absalão*.

Os monumentos phallicos dos hebreus eram, por via de regra, pedras verticaes isoladas, que, não podendo servir de base a qualquer objecto, não podiam deixar de ter um sentido réligioso e symbolico¹.

O Oriente conserva ainda hoje o culto phallico em toda a sua intensidade tradicional, como se pode ver em Bombaim, na aldea sagrada dos brahmanes, *Wal-keschwar*².

Achada a relação symbolica entre a mão humana e o phallus, isto é, considerada a mão como uma forte expressão do symbolismo phallico, é facil comprehender que a *figa* fosse primitivamente uma arma sagrada contra o maleficio pelo mau olhado.

1. Reuss, *Historia dos israelitas*, 440, nota 3.^a

2. *Lettres d'un voyageur dans l'Inde*, por Ernesto Kaeckel, p. 75.)

Mas depois que os symbolos phallicos se tornaram obscenos, como hoje são, é facil comprehender tambem o sentido injurioso que se liga ao acto de fazer figas a alguem.



A VIAGEM DOS MORTOS

Nos velhos livros da India encontra-se menção de um rio, *Vaitarani*, que os mortos teem de atravessar para chegarem ao seu destino eterno.

Deprehende-se de uma passagem do *Samaveda* que atravessavam o rio por uma ponte, sendo a alma do morto acompanhada pelo demonio Vizaresho, que a interrogava sobre quanto fizera na terra. Se a alma era pura, atravessava a ponte; se não era, cahia ao inferno.

A tradição do rio dos mortos reproduziu-se na Grecia e em Roma. Virgilio, na *Eneida*, livro VI, falla do Acheronte, um dos rios do inferno, e do barqueiro Charonte, que passava os mortos. Dante foi impressionado por Virgilio na descripção do inferno. Toda a Idade-Media conservou nas suas tradições a lenda do rio dos mortos, transmittindo-a á Renascença e até aos ultimos poetas da Arcadia.

Em Gil Vicente encontramos os autos da *Barca do inferno* da *Barca do purgatorio* e da *Barca da gloria*.

Sá de Menezes, na *Malaca conquistada*, refere-se ao terrivel rio da velha tradição indiana quando, no

livro VI, descreve o inferno. Garção, na *Cantata de Dido*, diz-nos que

Dido infelice
Assaz viveu ;
D'alta Carthago
O muro ergueu ;
Agora nua,
Ja de Charonte
A sombra sua
Na barca feia
De Phlegetonte¹
A negra veia
Surcando vai ;

A tradição da passagem dos mortos n'um rio, seja n'uma ponte ou n'uma barca, pertence tanto á poesia culta como aos costumes populares. Em muitas communas do Jura era costume pôr sob a cabeça do cadaver um cruz de madeira com uma pequena moeda. Em Morvan mette-se na mão do morto dinheiro para pagar a passagem. E em muitas povoações de Portugal, Cimbres, Sinfães, Ruivães. etc., subsiste ainda a crença de depositar no caixão do cadaver uma moeda de cinco ou dez réis para pagar a portagem da ponte ou a passagem na barca.

O padre Manuel Bernardes, na *Nova floresta*, traz uma interessante noticia d'esta tradição, e do seu desdobramento catholico, no ariguiinho que se inti-

1. Nome de um dos rios do inferno.

tula — *O que se leva d'este mundo.* Por curiosa, transcrevemos na integra a noticia de Bernardes :

O QUE SE LEVA D'ESTE MUNDO.

« Um sultão do Egypto, mui rico, e poderoso, ordenou que na sua pompa funeral fosse diante arvorada uma lança com a sua mortalha, e um pregoeiro clamando : O grão sultão não tira, para si, de todos os seus thesouros, mais que este lençol. Mas se olharmos mais de pertq para a verdade, nem esse lençol tirou, nem o podia tirar : senão que lh'ò deram, e lh'ò podiam negar ; e só serviu de cubrir o corpo, que-cá ficava, em quanto um, ou outro se não corrompiam. Que pode levar a alma d'este mundo, se nem o corpo leva ? Não sendo as cousas do mundo mais que umas como vestiduras do corpo, como disse S. Gregorio. Por isso comicamente Ausonio introduz a alma de Diogenes Cynico rindo-se lá no inferno da de Creso (aquelle ricaço, que podia contar milhões, como outros contam crusados) e dizendo-lhe : Quanto agora tão só estais vós, como eu, e muito mais pobre ainda ; porque eu trouxe o que era meu, e vós tudo o que era vosso lá deixastes.

« Á vista d'isto apparece mais ridicula a vaidade, e ignorancia de muitos gentios, que sepultavam na mesma cova, com os mortos, as suas riquezas e moveis, estando na falsa crença de que ainda na outra vida prestavam para seu uso e logro, como se pela bôcca d'aquella cova houvesse alguma occulta reco-

vagem, ou remessa d'este para o outro seculo. Dos Albavos escreveu Strábão, que toda a vida passavam mui parcos, e poupados para ter na outra com que regalar-se em abundancia, enterrando consigo o que amealharam. Aristofanes faz menção da moeda de quatro réis, que costumavam metter na bocca do defuncto, para ter a alma com que pagar o frete da barca de Acheronte. Por onde Juvenal chamou miseravel a um, que nem para este frete tinha :

Non habet infelix quem porrigat ore trientem.

« Para apagar esta superstição, que ficára depois entre os christãos, (e ainda hoje dizem haver d'ella vestigios em algumas terras d'este reino) se introduziu o estylo de dar a sagrada communhão aos mortos; como que a formula eucharistica era a verdadeira moeda do porte para o outro mundo; o que depois abrogaram severamente muitos concilios. Varias nações barbaras da America Septentrional costumam metter na cova, junctamente com o cadaver, as panellas, ferramentas e pelles, de que o vivo usou, para que tenha na outra vida o prestimo d'estas cousas. Pela mesma rasão os cares enterram os soldados com todas suas armas, como refere Thucydides. Outros povos em Grecia, ao queimar o defuncto, lançavam tambem na fogueira os seus bois, cavallo e cães, como dizem Homero, e Virgilio. Os tartaros mettem tambem na cova um cavallo sellado, e um jumento com o seu poldro, para que o defuncto tenha em que ande, conforme o seu gosto. Das riquezas que

os chinas põem com os corpos reaes, vejam-se as relações do nosso Fernão Mendes Pinto, que não merecem tão pouco credito, como alguns lhe dão. O P. Alvaro Semedo, nosso portuguez, que n'aquellas partes andou em missão vinte e dois annos, conta de uma rainha da China, que morreu por aquelle tempo, em cujo esquife, ou caixão, el-rei seu filho lançou por sua mão mais de septenta mil crusados em perolas, e pedras preciosas; e a um lado, e outro do corpo distribuiu cincoenta pães de ouro, e cincoenta de prata, que não são as folhinhas tenuissimas, que nós chamamos pães; senão pastas massiças. Contra a cega vaidade, e barbara ignorancia de todos estes povos se oppõe o claro desengano do oraculo divino, quando diz: Quando morrer o homem, nada do que tem levará comsigo; nem irá com elle fazendo-lhe companhia a gloria, que n'este mundo teve.»

Falla, como vimos, o padre Manuel Bernardes do costume que teem muitos gentios de sepultarem com os mortos as suas riquezas.

Um escriptor contemporaneo, o sr. Andrade Corvo, confirma esta noticia de Bernardes no tomo II dos seus *Estudos sobre as provincias ultramarinas*:

« As tribus da costa do Oiro crêem, que ha uma região das trevas, debaixo do chão, para onde as almas emigram, e aqui retomam a posição que no mundo tiveram. Por isso, quando morrem os reis lhes sacrificam escravos e mulheres, para os acompanharem no outro mundo; e na sepultura se deposita ouro em pó e roupa. É crença que todas as coisas, de que o

homem usa em vida, resuscitam no outro mundo para lhe servirem; porque tudo tem alma, os seres humanos e as cousas inanimadas. O povo crê no mundo inferior como crê n'um paiz visinho; a fé torna-se n'elles parte integrante da sua propria natureza. »

Segundo a theoria de Lubbock, o estado dos povos mais atrazados em civilização pode servir-nos como indicador da vida social dos nossos antepassados, n'uma epocha muito remota. Applicando esta doutrina aos povos africanos, applicando-a mesmo aos costumes das nossas provincias em relação aos grandes centros de civilização do paiz, achamos plenamente confirmada a antiguidade remotissima da superstição que considera a morte como uma viagem para outro mundo, viagem que a imaginação do povo inculto adaptou por um *simile* primitivo os processos de transporte fluvial, seus conhecidos, por meio de uma ponte ou de uma barca.

Na America meridional, entre os abipons, vamos encontrar tambem a crença de que os mortos tinham de atravessar um rio perigoso sobre uma ponte que o deus Patuliso guardava noite e dia

A immigração da raça aryana reforçaria porventura na America esta superstição. Assim, no poeta Gonzaga, que, tendo nascido no Porto, fez vibrar no Brazil a sua lyra amorosa em honra de Marilia, encontramos referencias aos rios e barqueiro do inferno :

Cheio de esforço
Vai ao Coeyto

Buscar afflicto
Seu doce bem.

.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.

Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mette horror, etc.

Bernardes mostra como a Igreja, querendo apagar a superstição de pôr dinheiro no caixão dos mortos, recorrera á formula eucharistica, *verdadeira moeda de porte para o outro mundo*.

A palavra *viatico*, que muitas pessoas empregam indevidamente, não tem realmente outra significação : *viatico*, — o que se leva para o caminho, para a viagem.

O CARNAVAL

Dom carnaval, meu velho folião meio gentil-homem e meio *salsa*, meio cavalleiro e meio *sans-culotte*, mais uma vez te saúdo!

De novo nos appareces com o teu exercito de bisnagas e caraças n'um *pê-le-mê-le* phantastico de *costumes* fidalgos e de trapos velhos, de sedas e de farrapos, de velludos e de rodilhas, sempre velho e sempre novo, derreado e resistente.

Todos os annos pareces moribundo e todos os annos resuscitas com o mesmo guarda-roupa e com o mesmo espirito, hontem como hoje, fallando-nos da mocidade de nossos avós para desculpares a mocidade de nossos netos...

Todos os annos a tua chronica faz a volta da imprensa com o costumado apparatus de historia romana. A bacchanal tua mãe é recordada com a fidelidade de um *cliché*, que o prelo tem reproduzido milhares de vezes. Baccho, teu pae, figura na primeira linha da tua biographia annual como uma justificação historica das tendencias que ainda conservas, como bom filho, para a decilitração alcoolica.

É difficil, muito difficil, dizer alguma cousa que pareça nova a proposito de um costume popular tão antigo.

Sem embargo, este anno resolvemos, aconteça o que acontecer, deixar as bacchanaes romanas em paz. Roma fica muito longe para que tenhamos tempo de lá ir. Não sahiremos da península hispanica. Em tres dias não ha tempo para mais.

As folias carnavalescas tiveram na Hespanha primitivamente o nome de *Carnestolendas*. Foi o celebre poeta cordovez Luiz de Gongora que pela primeira vez empregou no seculo XVII a palavra *Carnaval*, a qual todavia só entrou definitivamente em circulação no seculo XVIII.

As tardes de *Carnestolendas* eram para a Hespanha cavalheirosa do seculo XVI um pretexto de galanteios em que o amor se permittia liberdades e ousadias. As damas arremessavam dos balcões sobre os transeuntes uma polvilhação continua de farinha, semelhante a uma chuva de neve cahindo em flocos do tamanho de missangas.

Este era o costume da Andaluzia, conservando o polvilho o nome de *afrecho*, posto que em Cadiz a farinha fosse algumas vezes substituida por flôres que se cruzavam n'um fogo vivo, n'um tiroteio bellissimo, como ainda agora se usa em França, como a esta hora estará acontecendo em Cannes, por exemplo.

No seculo XVII o carnaval hespanhol tornou-se brutalmente diluvioso, a agua monopolisou os combates das ruas para as janellas e das janellas para as

ruas, se bem que das janellas viesse agua commum edas ruas fosse repuxada para as janellas agua de cheiro.

Os moços hespanhoes bandeavam-se em *cuadrillas*, que percorriam as cidades e villas, em disfarces mais ou menos pittorescos, muitas vezes com pelles de animaes, fazendo o que então se chamava *mojiganga*, dança de mascarados.

À noite havia saraus, e os *caballeretes* antes de entrar na sala escolhiam uma còr. Logo que entravam a porta, de *mascarilla* no rosto, davam duas voltas com a dama que acertasse de ter um laço da còr escolhida. Era dever, durante todo o triduo carnavalesco *festejar*, como se dizia no seculo XVI, *galantear*, como se dizia no seculo XVII, essa dama que o acaso caprichoso ou a industria amorosa havia aconselhado a escolher a mesma còr.

O povo divertia-se a seu modo n'uma selvageria hilariante com jogos que ninguem poderá dizer inoffensivos, com graças a que ninguem poderá deixar de chamar pesadas.

D. Francisco Santos, na sua obra intitulada *La tarasca de parto en el mesón del infierno*, deixou menção de alguns d'esses jogos e brincadeiras pouco menos de barbaros.

Fazia-se uma roda de homens e mulheres.

Combinava-se mistificar uma pessoa qualquer. Elegia-se o juiz, o qual sentenciava que o supposto réo pegasse n'uma caldeira cheia de agua, que devia suspender do pescoço por uma aza. Deitava-se dentro

da agua um pomo, e o condemnado devia apanhal-o com os dentes. Collocava-se o réo em posição de fazel-o, enfiado o pescoço na aza da caldeira. E, quando, Tantaló do carnaval, procurava abocar o pomo, algum dos circumstantes cravava-lhe um alfinete nas costas. A victima, mordida pela dôr, procurava virar o pescoço de repente, e n'esse momento entornava-se-lhe pelo corpo toda a agua que a caldeira continha.

Uma patuscada brutal, em que os ingenuos iam cahindo sem saber uns dos outros.

Algumas vezes constituia-se um tribunal, em que todos os officiaes de justiça occupavam os respectivos logares.

Os reus vinham entrando na sala um a um e paravam diante da cadeira do magistrado superior. Ahi deviam ajoelhar sobre uma esteira ou alcatifa para esse fim disposta. Mas, quando o reu estava de joelhos, dizendo da sua justiça levantavam-lhe de repente o tapete, e elle ia de ventas ao chão com grande chacota do tribunal e do publico.

Uma das burlas mais crueis do antigo carnaval hespanhol eram os *manteamientos*, assim a cães como a pessoas.

Nós podemos chamar-lhe *tourinhas*.

Cervantes descreve este costume na primeira parte do seu famoso *Dom Quixote*:

« Quiso la mala suerte del desdichado Sancho, que entre la gente que estaba en la venta se hallasen quatro pelaires de Segovia, tres agujeros del Potro de Córdoba, y dos vecinos de la feria de Sevilla,

gente alegre, bien intencionada, maleante y juguetona, los cuales casi como instigados y movidos de un mismo espíritu se llegaron á Sancho, y apeándole del asno, uno de ellos entró por la manta de la cama del huésped, y echándole en ella, alzaron los ojos, y vieron que el techo era algo más baxo de lo que habían menester para su obra, y determinaron salirse al corral, que tenía por limite el cielo, y allí, *puesto Sancho en mitad de la manta, comenzaron á levantarle en alto, y á holgarse con él, como con perro por carnestolendas.* »

Ao contrario do que esperavamos, não temos remedio senão ir n'um pulo a Roma por causa dos *manteamientos*, que já lá se usavam. É ida por volta, unicamente para recordar que de Othon diz Suetonio que, rondando de noite pelas ruas da cidade imperial, capeava os borrachos com o seu manto ceza-reo.

Outra das burlas asselvajadas do antigo carnaval hespanhol era a *gatada*.

Não ousarei explicar em prosa o que fosse a *gatada*, nem ousaria explical-o se não estivessemos em terça feira gorda.

Mas como seja este um dia de gorduras carnavalescas, e como eu tenha aqui á mão uma comedia de Calderon — *De una causa dos efectos* — ahi vae a coisa :

FEDERICO.

Qué es *gatada* ?

PERNIA.

Escucha.

Dirételo en breve rato.
Atase á una sogá un gato
y cuélgase á una garrucha :
éste se ha de recibir,
aporreado, en tal lugar,
que por ser particular
no te lo puedo decir.
De suerte que, quando baja
con su cólera rabiosa,
como la parte es ventosa,
como ventosa la saja.
Tiran del gato después
que muy bien la presa ha hecho ;
y llévase un hombre al techo.
Esto la *gatada* es.

Do antigo carnaval portuguez escuso fallar-lhes, porque todos conhecem mais ou menos a sua historia.

Ainda hoje se conservam vestigios da sua grossa metralha de ovos de cheiro, que estalavam espapaçados na cara dos transeuntes, e de cartuchos de pós, que chofravam no alvo brutalmente.

A policia das cidades vae cortando pela tradição com editaes prohibitivos, mas ainda tolera, porque se não vai a Roma n'um dia, o tiroteio dos tremoços e dos esguichos.

Nas aldeias, porém, onde a falta de policia alimenta a tradição, ainda se fazem peças de carnaval

pyramidaes, apenas um pouquinho menos selvagens de que os mantêamentos de *carnestolendas* na Hespanha antiga.

1886.

SEXTA FEIRA DE PASSOS

Lembro-me muito bem do modo como se fazia d'antes a procissão de Passos no Porto.

Quando na quinta feira á noite a imagem do Senhor dos Passos era conduzida em camarim da igreja de S. João Novo para a Sé, os rapazes da rua costumavam acompanhal-a cantando, segundo ouvi dizer em pequeno :

Ó que bella quinta feira!
Ó que bello ramalhete!
Que entra o Senhor dos Passos
Pela porta da Sé dentro!

No meu tempo já não havia a cantilena dos rapazes, — mas havia, oh! se havia ainda! na procissão da sexta feira, o *fagote*.

Direi de passagem o que fosse o *fagote*.

Era um judeu, de capa escarlata e capacete romano, que de vez em quando ia tocando buzina.

O povo apupava-o, dizia-lhe chascos, cantava-lhe satyras, por suppôr que aquelle judeu ia tocando na buzina a fim de chamar os da sua grey para virem crucificar Jesus Christo.

Pagava-se por bom dinheiro o *fagote*, porque era raro encontrar pessoa que quizesse encarregar-se d'esse papel desprezível.

Era quasi sempre um gallego, um moço de esquina, que se prestava a transportar esse fardo de humilhação desde a Sê até S. João Novo.

A remuneração era em dinheiro e comida. O *fagote* tinha lauto jantar de polvo e feijão fradinho. Por isso o povo, entre outros chascos, costumava cantar-lhe :

Vomita o polvo,
Feijão fradinho.
Ahí vai o *fagote*
Com o c. rachadinho.

Eu não sei como o *fagote* podia resistir áquella inferneira do rapazio durante duas ou tres horas, imperturbavel debaixo da sua capa vermelha, do seu capacete romano e da sua mascara ! Mas não me consta que *fagote* nenhum morresse de vergonha ou de desespero durante o transitio da procissão.

De mais a mais, o rapazio do Porto apanhava dois *fagotes*, apenas com o intervallo de quarenta e oito horas : na sexta feira o da cidade ; no domingo seguinte, o de Paranhos.

Os Passos de Paranhos tiveram sempre grande fama. Foi por muitos annos o abbade de Gondolães o pregador certo do sermão do *encontro*. Eu explicarei tambem ao leitor o que é o *encontro*. N'um determinado sitio da aldeia, o melhor largo de Paranhos, arma-se um pulpito ao ar livre. As coisas estão dispos-

tas de modo que quando o andor do Senhor dos Passos chega, por um lado, ao pé do pulpito, chega, por outro lado, o andor de Nossa Senhora das Dôres. É n'esse momento que o prégador principia o sermão. Findo elle, os dois andores seguem juntos para a igreja.

Os *anjos* da procissão de Paranhos têm muito que vêr. Vão cobertos de ouro. ouro em grillhões, ouro em pulseiras, ouro em aneis e ouro em brincos. Os lavradores do sitio fazem um grande *filé* em que os seus filhos sejam de todos os *anjos* os que exhibam mais ouro. D'esta porfia resulta que as pobres creanças vão affogadas em ouro, faltando-lhes pouco para succumbirem ao peso. Mas os paes animam-n'as de quando em quando dando-lhes a comer *cavacas*, as celebres *cavacas* de Paranhos!

E com o engodo das *cavacas* as pobres creanças lá se vão arrastando debaixo d'uma montanha de ouro.

Uma das imagens que maior devoção inspiram em Lisboa é o Senhor dos Passos da Graça.

Ah! que se o Senhor dos Passos da Graça fallasse!

Que de segredos que Elle ouve, doces segredos do coração, murmurados na melodia de um beijo!

No Porto, tambem ha o Senhor dos Passos de S. João Novo, que tem ás sextas feiras uma clientella fidalga, de damas patricias e formosas, as quaes poisam a sua cabeça, ondulante de cabellos negros, sobre o pé onde milhões de beijos teem deixado impresso o sêllo da devoção.

Quando eu tinha dezoito annos não faltava ás sex-

tas feiras de S. João Novo, e resignava-me a ouvir um sermão do abbade de Gondolães para poder ver á entrada e sahida do templo as gentis damas que concorriam ao *miserere*.

E enquanto os bons devotos do Senhor dos Passos, como o Assis, da Praça de Carlos Alberto, o João Pacheco, de Villar, e outros, de ópa ròxa, empunhavam devotamente a sua véla de cêra, eu acompanhava com o olhar as damas que subiam os degraus do altar do Senhor dos Passos para beijarem o pé milagroso da imagem.

E muitas vezes, muitissimas foram ellas, dil-o-hei por confessar a minha culpa, eu desejei ser aquelle pé sagrado!

Mas o Senhor dos Passos de S. João Novo não era comtudo a imagem de maior devoção para os negocios de amor; — para as angustias domesticas, para as grandes tribulações de familia, sim.

Os amorosos affligidos preferiam n'aquelle tempo ao Senhor dos Passos de S. João Novo o S. Francisco de pedra que se encontra na egreja do extincto convento da sua invocação.

É uma bella egreja a dos frades de S. Francisco no Porto, mas o santo, — que elle me perdoe — tem o que quer que seja de idolo pagão, de manipanso, de sphynge, se quizerem.

Pois a esse santo, de uma esculptura disforme, se dirigiam de preferencia os amorosos affligidos, dizendo-lhe segredos ao ouvido, mettendo-lhe memoriaes na mão.

Eu nunca tive occasião de verificar se o S. Francisco do Porto era realmente bom intercessor em negocios do coração.

Não tinha fé com elle, por ser feio. Era uma tolice como qualquer outra, mas, diga-se a verdade, eu, n'aquelle tempo, gostava de que tanto os santos como as peccadoras fossem bonitos.

Hoje comprehendo bem que a verdadeira devoção deve fechar os olhos e abrir o coração.

E se voltasse a ter dezoito annos, retrocedendo outros dezoito, era capaz de apegar-me com o S. Francisco de pedra, porque, se fossem mais os descontentes do que os attendidos, aquelle santo não teria a numerosa clientella de fieis que solicitavam a sua intercessão.

O Senhor dos Passos da Graça é uma imagem attraente.

Mas que não fosse, e eu aconselharia a leitora, do mesmo modo, a que se mettesse n'um carrão do Rocio para ir beijar-lhe o pé ás sextas feiras.

A oração é um dos grandes lenitivos da vida. Se não existisse, teria sido preciso invental-a em certas occasiões. E se não existisse a fé, não se podia viver.

SERRAÇÃO DA VELHA

(MI-CARÊME.)

O anno de 1887 viu ainda subsistir não só em Lisboa, mas em todo o paiz, a antiga, a tradicional, a indigena *Serração da Velha*.

À noite encontravam-se pelas ruas da cidade alguns individuos que passavam carregados com bancos, escadas e cadeiras, como ha vinte annos.

Isto foi o que nos deu o berço das nossas tradições, e isto é o que a tumba ha de levar.

Uma das *pulhas* de quarta feira da *Velha* é effectivamente essa, — a de enganar os simplorios aconselhando-os a levarem para alguma parte bancos e escadas para verem melhor a cerimonia da *Serração*.

Depois os disfructadores vão na pista dos simplorios, e fazem-lhes grande surriada, até que elles, desilludidos, largam as escadas e os bancos e deitam a fugir.

O sr. Adolpho Coelho, na *Revista de Ethnologia*, dá já como extincto o costume da *Serração da Velha*, mas verdade é que se enganou.

« *Havia ainda ha trinta annos o costume de represen-*

tar a Serração da Velha. O ceremonial era complicado. Um sujeito que tivesse veia comica era escolhido para fazer o papel de velha ; nomeava seus testamentarios e mencionava os seus legados ; recebia dôces e vinho e mettia-se ou era mettido por fim n'um cylindro de cortiça que era serrado no meio dos gritos dolorosos da velha e da gargalhada dos circunstantes ; a velha evadia-se antes da serra lhe tocar e o cortiço era queimado. »

Ora a prova de que o costume não está extincto encontra-se na seguinte noticia publicada pelo *Jornal da Manhã*, do Porto :

« Ante-hontem á noite houve grande motim na rua Nove de Julho entre os soldados da estação da guarda municipal n'aquelle local e um grupo de mais de quatrocentas pessoas que seguiam n'aquella rua em grande gritaria, festejando a Serração da Velha.

» Sobre um andôr, conduzido por varios individuos, iam uns sujeitos quaesquer, vestidos de velhos. Aos lados uns outros com archotes accesos. Rompiam o prestito uns seis musicos.

» Os soldados, visto que os homens não apresentaram licença, intimaram-os a dispersar, e como não obedecessem, o commandante da estação mandou formar a guarda e pretendia fazer respeitar a sua ordem, quando os homens se amotinaram e começaram de atirar pedras sobre os soldados. Um d'elles ficou ferido por uma pedra.

« Não foi preso nenhum dos amotinadores. »

Ainda hoje, em Lisboa e no Porto, com serem as

duas principaes cidades do reino, se ouve gritar n'essa noite:

— Quem vem á *Velha*? Quem vem á *Velha*?

O costume da *Serração da Velha* parece conservar a tradição mythica da expulsão do inverno pela sua personificação n'uma *Velha*, como se pode verificar em Gil Vicente. Theophilo Braga explicou esta correlação em dois dos seus livros¹.

O costume não está ainda extinto, como vimos, mas é certo, porém, que se encontra um pouco decadente tanto em Lisboa como nas provincias.

O mesmo sr. Adolpho Coelho dá noticia de alguns folhetos do seculo passado allusivos á *serração da Velha*, e pelo titulo de um se vê que a tradição estava então muito generalisada entre o povo: *Relação curiosa da fugida que fez huma velha para o deserto, com temor de ser serrada na presente quaresma*, « pelo grande e justo medo dos rapazes e mais plebe », etc., Lisboa, 1785.

N'outro folheto, tambem do seculo passado, a velha exclamava:

Num cortiço! e quem faz tal injustiça?
So barbaros, crueis e deshumanos:
Eu, que tenho pouco mais de oitenta annos,
E metto ainda a muitos sua cubiça?

.....
Eu que nas sortes fui admittida
Este anno das Comadres tanto em paz,

1. *Origens poeticas do christianismo*, p. 266: *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, vol. II, p. 269.

Ficando-me compadre um bom rapaz,
Hei de assim n'um cortiço ser mettida?

Verdade verdade, os versos precisavam tambem ser serrados — como a *Velha*.

Possuimos um folheto d'este seculo (1806) que se intitula *Aviso a pastranos e pastranas, a caloiras e caloiros pela historia da serração da velha, Quaresma Clemente, neta de Carnaval Leilão e visavó de Paschoa Cordeira, escripta por Francisco Marianno do Advento*. Lisboa (1.^a e 2.^a parte). Na Impressão Regia.

Principia assim :

Tinha-se o sol escondido,
Na tumba do mar salgado,
N'esse dia suspirado,
Por *papa-assorda* illudido,
E à *Serração* convidado.

Quando na rua os *vadios*,
Correndo em varios magotes,
Á luz d'accessos archotes,
Davão gritos, e assobios
Aos engodados *pixotes*.

Acompanhavam *chocathos*
As pulhas da gente solta,
Que hia servindo d'escolta
Aos que dispunhão trabalhos,
Na costumada revolta.

Hum caminhava ajoujado
Com grossa *escada* comprida,

Que pelos outros pedida,
A defende denudado,
Thé dar os fios da vida.

E continuía fazendo a descripção curiosa do brodio popular na noite da *serração da Velha*.

Isto pelo que se refere a Lisboa.

Quanto ás provincias, fallaremos apenas de Aveiro, graças ás informações que nos ministrou o *Campeão das Provincias*, folha da localidade.

Conta este jornal que por diversas vezes se realisou em Aveiro a *serração da Velha*, sendo porém as mais notaveis uma que teve logar em 1825, realisada pelos officiaes inferiores de caçadores n.º 10 que alli tinha o seu quartel, e outra em 182... em que desempenhou o papel de *Maria Quaresma* o sr. Antonio Joaquim de Moraes Sarmiento, mais conhecido pelo *Rato Secco*, alcunha que trouxe da emigração liberal, de que foi um dos mais salientes vultos.

A cerimonia, que era apparatusa, chamava grande concorrência a presenceal-a.

Formado o prestito, que era sempre muito numeroso e selecto, abria com uma especie de charola, onde ia um grande cortiço ou barrica e uma enorme serra, que era o instrumento do supplicio.

Uma guarda enorme, armada de lanças e alabardas, rodeava a *velha*, que ia dictando o seu testamento, enfiada de disparates postos em verso de pé quebrado, e após seguia o esposo todo lavado em lagrimas.

Fechava o cortejo o juiz, com as suas respectivas

insignias, e o escrivão, que de quando em quando lia a sentença, que era repetida pelo pregoeiro que levava ao lado.

O carrasco seguia tambem a curta distancia, devidamente algemado, até que na praça do Commercio, que era onde ordinariamente se levantava o cadafalso, dava inteiro cumprimento á sentença, serrando o cortiço, dentro do qual haviam introduzido a *Maria Quaresma*.

Uma philarmonica seguia sempre no couce do presbitio tocando marchas funebres.

Para mim estas informações do *Campeão das Provincias* teem um duplo interesse, porque eu conheci muito bem o *Rato Secco*, que morreu escrivão do tribunal da Relação do Porto.

Era tio do sr. José Estevão de Moraes Sarmiento, official do exercito, e do sr. Anselmo de Moraes, director da *Actualidade* do Porto.

Poucas vezes uma alcunha terá sido mais feliz. Antonio Joaquim de Moraes Sarmiento era pequenissimo e magrissimo. Ouvi dizer muitas vezes que esta alcunha tinha-lhe sido posta pelo imperador durante a emigração. O *Rato Secco* desembarcára com D. Pedro no Mindello, e batera-se valorosamente pela liberdade.

A sua lenda diz que elle era tão ousado nas batalhas como nas aventuras; contam-se proezas galantes da sua mocidade revolta, e eu proprio algumas vezes lh'as ouvi referir, historias de conventos sobre tudo, tendo ainda uma grande vivacidade nos olhos, que

pareciam dois carbunculos cravados n'uma castanha pilada.

Estava sempre a fumar cigarro, o celebre cigarro *bregeiro* d'aquelle tempo, e o fumo tinha dado ás suas pequenas barbas brancas um tom amarellado como o das folhas das arvores no inverno.

Quando eu o conheci estava longe de suppôr que algum dia tivesse de fallar d'elle. Se a mocidade soubesse! Que interessantes aneddotas, que curiosissimos episodios das luctas e dos homens de ha meio seculo eu não poderia ter recolhido da sua chronica oral! Ouvi-lhe muitas vezes contar graciosamente factos da vida de rapaz de José Estevão e de Mendes Leite, seus patricios; mas não posso hoje recordal-os, e hoje justamente é que me fazem falta!

Eu, que conheci o *Rato Secco*, calculo o que elle seria capaz de fazer, aos vinte annos, mettido dentro do cortiço — em que por signal devia estar muito á vontade — vestido de *Maria Quaresma*, e as gaiatices que elle diria dictando em alta voz o seu testamento, sobre a charola, pelas ruas de Aveiro!

Mal diria o *Rato Secco*, ao caminhar para o supplicio imaginario da *serração*, que tempo depois teria de caminhar para um outro supplicio bem menos risivel, porque, se nos não falha a memoria, elle foi condemnado, no tempo de D. Miguel, a dar uma volta á forca da Praça Nova, no Porto.

DOMINGO DE RAMOS

Duas informações curiosas, colhidas na imprensa, e ambas referentes ao anno de 1887.

Do *Dez de março*, folha portuense, de 4 de abril :

« Fez-se hontem na Sé Cathedral com toda a solemnidade o officio de Ramos, presidindo o vigario capitular do bispado, por estar ausente em Lisboa o senhor Cardeal D. Americo que deve cá estar amanhã.

« Grande numero de fieis assistiu a esta solemnidade. Os membros do cabido e ecclesiasticos do còro tinham cada um o seu ramo de flores artificiaes que a praxe lithurgica ordena.

« O rapazio, com enormes ramalhoças espetadas em paus, de quando em quando sahia da egreja a gritar :

Quem vem à procissão
Que já são horas?
Já deu me'dia,
Já vae p'ra um' hora.

« Esta especie de jaculatoria que é todos os annos obrigada, era repetida innumeradas vezes, n'um her-

reiro ensurdecedor, pois não sahia de menos de cem bocas esganiçadas, a qual mais podia gritar. »

Da correspondencia de Braga para o *Commercio do Porto* :

« Desejando o parochó de uma freguezia visinha d'esta cidade dar uma feição mais carateristica ao acto religioso que a Igreja commemora em domingo de Ramos, mandou procurar um jumento, sobre cujo dorso poudé segurar a imagem do Senhor dos Passos, fazendo em seguida com tal apparatus a procissão propria d'aquelle dia. O pobre quadrupede (o jumento, entenda-se bem) andou sempre muito contente e satisfeito em volta da egreja, enquanto o zeloso parochó entoava, obrigados a cantochão, os versiculos *Pueri Hebraeorum, tollentes ramos olivarum obciacirunt Domino clamantes et dicentes : Hosanna Filio David*, etc. Quando porem, teve a ditosa honra de dar ingresso no templo, o bom do animalejo, talvez por aborrecido de tantas *Hosannas* e de tanta festa, que em nada lhe alliviava o fardo pesado que tinha sobre o lombo, entendeu que depois de cumpridos os seus deveres devia atirar com a carga ao chão, visto que tanto se demoravam em tirar-lh'a aquelles que o obrigavam a representar tão triste papel!

« Escusado será dizer que semelhante acontecimento despertou a maxima hilaridade entre os fieis, que aliás nunca tinham presenciado, tanto ao vivo, a entrada triumphante do Salvador em Jerusalem.

« Não presenciámos esse facto, diz o correspondente; mas, sendo-nos relatado por pessoas de toda a

probidade e dignas do todo credito, quasi que o acreditamos como inteiramente verdadeiro não obstante parecer elle de todo incrivel pela exquisitez que o inspirou. »

PASCHOA

No sabbado da alleluia, quando os sinos repicam, é costume queimarem os rapazes da rua um manequim empalhado, que representa Judas, o apostolo traidor, e que para esse fim está pendente de um poste.

Vai decahindo o costume, mas subsiste ainda em algumas provincias, como se pôde vêr da seguinte informação do *Noticioso*, de Valença do Minho, de 15 de abril de 1887 :

« Quando no sabbado, á missa do dia, rompeu a Alleluia, os sinos repicaram festivalmente e a musica do regimento de caçadores 7 percorreu, tocando, as ruas da praça. Seguidamente foi mostrada a effigie de *Judas Iscariote*, que o rapazio não poupou á sua sanha, queimando-o no meio de vaias e de grita ensurdecidôra, no Largo Municipal. »

Em Elvas a alleluia é acompanhada da *chocalhada*. O *Elvense* explicou, n'aquelle mesmo anno, esta tradição :

« No sabbado de alleluia ha aqui uma usança ridicula, que chama a attenção dos forasteiros.

« É a chocalhada. Logo que apparece a alleluia, formam-se varios bandos de rapazes, entre 10 e 15 annos, que percorrem as ruas com enormes chocalhos pendentes do pescoço (que *precocidade!*) fazendo uma bulha infernal, que redobram defronte das mercearias e outras lojas d'onde lhes atiram amendoas. »

No Porto, logo depois do toque da alleluia e da queima do Judas, é costume mandarem os padrinhos e as madrinhas aos seus afilhados de baptismo uma grande broa de pão de ló coberto de assucar, — a que se chama *folar*.

Tambem os parochianos costumam dar o *folar* ao seu respectivo abbade, que para esse fim corre todas as casas da freguesia no sabbado e no domingo de Paschoa. Capricha-se em ter uma mesa bem posta para o receber, e o parochou ou leva as vitualhas ou leva dinheiro.

O bando que acompanha o parochou vai tocando a campainha e dizendo : *Folar para o snr. abbade*.

Chama-se a este bando o *compasso*.

O *Jornal da manhã*, do Porto, sob a epigraphie *Um compasso desarranjado*, escrevia em 12 de abril de 1887 :

« No Minho, e não sabemos se em mais em alguma provincia, chama-se « compasso » ao grupo de individuos que, revestidos d'opas e com o cura ou abbade á frente, vae acompassadamente fazer, por este tempo, a visita paschoal pelas casas dos fieis.

« Um leva um crucifixo, engrinaldado de flôres e plantas odoríferas; outro a caldeirinha com agua

benta; outro, a campainha, que repica incessantemente, annunciando a boa nova; outro a bandeja para recolher as esmolas que os devotos queiram dar ao Sacramento; e ainda outro com outra bandeja para receber o foliar para o snr. abbade; e ás vezes ainda dois moços com sacos e cestos para levarem cereaes com que os lavradores costumam pagar esta contribuição.

« Em todas as casas, ricas e pobres, se espera no domingo de Paschoa com jubilo e alvoroço, a chegada triumphal d'este bando que enche de alegria todos os lares, ao dirigir o cumprimento :

« *Surrexit Dominus, alleluia, alleluia! Boas festas, alleluia, alleluia!* » que é como que o abraço que reconcilia todos os homens.

« Deve ser, mas ás vezes não é. Na nossa correspondencia de Famalicão diz-se hoje o modo como um « compasso » foi recebido... a tiro.

« Na Lixa aconteceu tambem um desastre : o abbade que andava dando boas festas aos seus parochianos, caiu do varandim d'uma casa, ficando bastante contuso. »

A correspondencia de Famalicão explicava que, no sitio da Bandeirinha, quando o abbade andava em visita paschal, foi disparado um tiro que feriu o sacristão e mais dois individuos da comitiva e cortou a toalha, presumindo-se tambem que alguns chumbos tocaram na cruz.

Foi auctor do attentado um pedreiro de nome Do-

mingos Gomes da Costa, muito mal visto de todos e amestrado em proezas quejandas.

Affirmava-se que o tiro era destinado ao parcho por não ter querido no anno anterior visitar, na occasião da Paschoa, o assassino, que vivia separado da mulher e dos filhos.

Quando o pedreiro era conduzido para a cadeia, quiz o povo assassinal-o, levantando machados e differentes armas e dando *morras*.

Pôde felizmente ser contido, devendo-se isso em grande parte ao administrador do concelho, que se houve com denodada coragem.

Ainda assim, desde o local do crime até á prisão, foi o réo apedrejado chegando algumas pessoas a ser feridas.

O sacristão e os outros em quem o tiro acertara ficaram pouco feridos, por ter a carga batido primeiro n'uma arvore.

Em Setubal, no sabbado da alleluia, todos os pescadores pintam de novo os seus barcos para que estejam garridos no domingo de Paschoa.

Em algumas outras povoações piscatorias é costume o parcho, n'esse domingo, benzer o mar a fim de que seja abundante e sereno durante o anno.

Na *Estrella de Caminha*, de 19 de abril de 1887, encontramos a seguinte referencia a este costume :

BENÇÃO DO MAR.

« No domingo passado o encommendado d'estavilla sahiu da capella d'Agonia com a irmandade dos Ma-

riantes em direcção á praia do mar para fazer a benção, que é costume fazer-se todos os annos. A irmandade ia muito concorrida de irmãos e seguida de muito povo, que na melhor ordem se conduziu áquelle local cantando a ladainha de todos os Santos. Actos d'esta ordem são sempre edificativos, quando se fazem com a decencia e respeito, que taes solemnidades requerem e que o parochó d'esta villa sabe dirigir. »

1° DE ABRIL

Ainda não está de todo apagado entre nós o antigo costume de fazer logros e armar caçadas no 1° de abril. Mas a phrase *peixe de abril* acha-se agora mais em voga do que nunca, e é bom que os leitores saibam a origem d'essa phrase, comquanto sejam varias as hypotheses que a explicam.

Conta-se que o rei Luiz XIII tinha no castello de Nancy, guardado á vista, um principe de Lorena.

O prisioneiro encontrou meio de fugir no dia 1° de abril, atravessando o Meuse a nado, o que fez dizer aos lorenos que o principe « era um peixe dado a guardar aos francezes. »

Dizem outros que o *peixe de abril* deriva por corrupção de Paixão de abril. A sexta feira santa cae muitas vezes n'este mez e a maneira irrisoria por que Christo foi enviado de Annaz a Caiphaz, de Caiphaz a Pilatos, de Pilatos a Herodes, de Herodes a Pilatos, parece uma mistificação semelhante áquella que nós hoje chamamos *peixe de abril*.

Ha ainda uma outra versão.

É em abril que a cavala abunda mais. A pesca d'ella

começa nos primeiros dias do mez; ora, é de uso em algumas localidades da beira-mar, quando os pescadores voltam com pouca pesca, enviar-lhes como graço peixes de madeira e cartão. Muitas vezes os pescadores, para não confessarem que os seus trabalhos foram baldados, pretendiam que os barcos se haviam submergido na volta. Eram recebidos então aos gritos de : « Ah! Ah, é *peixe de abril*. »

Emfim, ha ainda uma ultima etymologia que talvez não seja a peor, comquanto não explique a origem das mistificações do 1º de abril : Em abril, o sol entra na constellação zodiacal a que se chama — os peixes.

Já agora, visto que deixamos archivadas n'este livro muitas tradições populares, mencionaremos o modo como este anno o bom humor popular se divertiu no Porto fazendo o seu *peixe de abril*.

São da folha portuense *Des de Março* as seguintes informações curiosas :

« Passou o primeiro d'abril. O povo espera sempre por este dia para pregar a sua partidinha. Assim mandaram-se cartas em branco, cartas sem estampilha, ratos dentro de caixas, deram-se recados trocados, fizeram-se chamadas falsas e um sem numero de brincadeiras inoffensivas com que em tal dia todos querem vender o seu peixe... de abril. O rapazio pregou rabos e fez assuada a varios papalvos.

« Na rua dos Caldeireiros havia uma moeda de cobre, cahida como ao acaso na rua, mas de proposito bem presa por um espigão na junta das pedras. Muita

gente cahiu em querer apanhar a moeda e ficou corrida, em meio da surriada dos que espreitavam a inoffensiva cilada. Uma pandega! »

Abril de 1887.

1º DE MAIO

Ovidio, nos *Fastos*, celebra os prazeres a que os romanos se entregavam por occasião das festas em honra de Flora, que começavam a 28 de abril :

Madre das flôres, vem: deidade amiga,
tu a quem festas voluptuosas prazem!

.....

Sim, mas o circo alegre aos nús folguedos
é Maio que o franqueia, e que entre applausos
dá no theatro ao vencedor a palma.

Um pouco se desrugue austera fronte...

Uma dama illustre (D. Mathilde J. de Sant'Anna e Vasconcellos) annotando a traducção dos *Fastos* primorosamente trabalhada pelo visconde de Castiño, escrevera com referencia ao mez de maio :

« Os indios celebravam o primeiro dia d'este mez, plantando uma arvore symbolica, em signal de seu contentamento pela volta da Primavera. Os gregos festejavam o principio de Maio juncando de flôres o limiar de suas portas — usança que hoje conservam os seus descendentes. Os antigos romanos consa-

graram os primeiros dias d'este mez aos jogos que faziam em honra de Flora. Estes costumes, trazidos pelos gregos e romanos á Hespanha e á França, arraigaram-se n'estes paizes... »

Outra illustre escriptora portugueza (D. Maria Peregrina de Sousa), tambem annotando a traducção dos *Fastos*, memora as tradições populares do 1º de maio:

« Dizem, e assim parece, que das floraes nos ficou o costume de engrinaldar as portas e as janellas no 1º de Maio. Vae isso caindo em desuso, mas não de todo. Nas aldeias (e na classe humilde do Porto) faziam grinaldas e ramilhetes de flôres diversas, em que predominavam *infallivelmente as maias* (flôr da giesta) e as punham nas portas e janellas. Os menos primorsos mettiam apenas um ramo de giesta florida nas portas. Em pequena perguntava eu o que isto significava, e me diziam as velhas: É para não entrar o Maio em casa. Hoje só dizem os que ainda conservam essa usança: é costume¹. »

As floraes, celebrando o advento do equinoxio da Primavera, são na sua remota origem uma das festas que chamaremos *do sol*, do astro rei que, independentemente da vontade dos homens, enche de esplendores o céu e de flôres a terra.

Quando a terra floresce, graças á acção vivificante do sol, nada do que vive á sua superficie fica indifferente á exuberancia palpitante da luz que desce torrencialmente do céu. Maio é um mez predestinado para todos os amores, e os seus dias chegam a pare-

1. Veja-se *Ovidio e Castilho* — *Os Fastos*, tom. III, parte I.

cer breves para os enleivos amorosos, o que explica perfeitamente a conhecida locução popular : « *Dias de maio, dias de amargura...* »

Conta-se a este respeito uma anedota :

Eram dois namorados. Ella vinha da fonte com a bilha á cabeça, e elle ia para o trabalho com a grade de gradar trigo, ao hombro. Pararam a conversar, e tal conversa foi que conversando levaram todo o santo dia. Anoiteceu, por fim, e elle exclama :

Dias de maio,
Dias de amargura :
Inda bem não é manhã,
Já é noute escura!

Na Allemanha, o paiz dos symbolos, o *feudo do sol* pertencia ao senhorio que não pagava imposto, fôro ou tributo, nem ao rei nem a qualquer principe, e que sómente se reputava dependente de Deus, do *sol*, e de si mesmo. Por isso o sr. de Kreuchinger recusou um dia tirar o chapéu, em Tonques, a Frederico Barba Roxa. Era que o sr. de Kreuchinger possuia o *feudo do sol*, e perante este feudo não havia grandeza terrena que se impozesse.

Um tal symbolo deixa ver perfeitamente o respeito tradicional que o sol, o mais bello e o mais poderoso dos astros, inspirava na antiguidade.

Em Portugal, segundo refere o cavalleiro de Oliveira, os moradores de certa villa pagavam um carneiro todos os sabbados em que se não se via o sol. Cumpre recordar a co-relação mythica existente entre

o cordeiro, Christo e o fogo solar (o *Agni* dos *Vé-das*).

De feito, o culto do sol é primitivo, encontra-se tanto nas religiões do Oriente como nas tradições populares, mais ou menos vivas, do Occidente.

No fundo, a festa *das maias* é, como a do S. João e S. Pedro, um culto solar. Festeja-se o sol nas primicias da vegetação annual, porque é elle que vem arrancar-as ao coração da terra com os seus beijos ardentes e fecundos.

Todavia ha costumes locais, tradicionalmente incorporados no culto astrolático da primavera, cuja adaptação historica pertence ao numero dos muitos segredos populares, que o *Folk-lore* não poude ainda destringar completamente.

Alguns d'esses costumes são similares, o que se explica facilmente sempre que se derem as mesmas origens ethnicas e as mesmas condições geographicas e sociaes.

N'este caso estão muitas tradições hespanholas em relação a tradições portuguezas, e *vice-versa*.

Assim, encontramos n'um livro hespanhol a seguinte descripção das festas da *Maia*; conservamos o texto original para que não possamos ser accusado de menos exactidão.

« Hacer el juego de la *Maya* fué antiquísima costumbre que tuvieron las mujeres españolas en las tardes de los festivos días del apacible mayo.

« Plantaban en los portales ó zaguanes de sus casas una alfombra matizada de vivísimos y muy lin-

dos colores, y encima de esta alfombra un dorado taburete para asiento de la que hiciese el papel de *Maya*. Vestidas de un muy rico guardapiés de brocado de oro ó plata, y adornados los cabellos con frescas y delicadas flores, representaban por lo común el papel de *Maya* en el siglo XVII muchachas de agradables rostros, ó mujeres solteras de buena edad y rostros agradables, aunque en el siglo XVI también lo representaban casadas.

« *Dos ó tres muchachas, armadas de salvillas ó platos llevaban á los que tenían la desventura de pasar por sus calles, á ver la Maya, y á pedirles en su nombre dinero para meriendas ó refrescos, con esta copla:*

*Para la Maya, para la Maya,
para la Maya, que es linda y galana 1. »*

O mesmo costume vamos encontrar na cidade de Beja.

No excellente *Diccionario abreviado* de J. A. de Almeida depara-se-nos a seguinte noticia :

« Também é curiosa a relação que faz Luiz Emygdio Cardoso Guedes, das *maias* em Beja; diz assim : « Não sei em que tempo teve principio, nem qual a origem da festa a que dão o nome de *Maias*; o que sei é que este brinquedo no mez de maio impede a muitas pessoas de sair ao domingo ou ao dia santo, de tarde, em algumas partes. Aqui juntam-se as

1. *El conde-duque de Olivares y el rey Felipe IV*, por Adolfo de Castro, pag. 21.

creanças de ambos os sexos, *especialmente do feminino*, enfeitam uma rapariguinha mais pequena, vestida de branco, contorneam-lhe de flôres a cabeça e o peito, assentam-n'a em uma unica cadeirinha que collocam sobre uma meza igualmente ornada, e deixam estar essa pobre pequena toda a tarde, ali, em quanto que outras, sentadas em redor da meza, cantam tocando em adufes; *logo que alguém passa, levanta-se aquella chusma de rapazes e raparigas, agarrando-se onde melhor podem deitar as mãos, fazem tal gralhada que quem se quizer vêr livre d'ella tem de ir prevenido com alguns cobres para lh'os distribuir*; muitas vezes ainda se não está livre de um grupo, já dous e tres andam pedindo para a *maia*, e não desistem da perseguição em quanto os não satisfazem com alguma cousa; tambem com pouco se contentam, que é o que vale. »

O costume do peditorio é, pois, commum a ambos os paizes da peninsula hispanica.

Entre os escriptores do reino visinho, que a elle se referem, citaremos Luiz Quiñones de Benavente, n'um dos seus entremezes :

« ¿ Cual de vosotras quiere hacerse *Maya*?

Callais? ; Qué linda cosa!

Yo lo seré; que no soy melindrosa.

Poned mesa, tomad tohalla y plato,

y á los que pasan dadles un mal rato.

Ceced al más amigo;

decid que entre al portal á ser testigo;

y entrando, con grita, risa y vaga

pedid para la *Maya*;

que, viéndose de damas rodeado,
de verguenza os dará, si no de grato. »

Entre nós, o costume não se limita apenas ao sul do reino. Ainda o anno passado uma folha do norte do paiz, a *Voz do Douro*, periodico que se publica na Regoa, escrevia ácerca do 1º de maio :

«... O *maio-moço* todo vestido de heras e coroado de flores, não deixou de percorrer as ruas da villa acompanhado d'um grupo de rapazes que, segundo as velhas usanças, cantavam :

« O meu maio-moço
elle além vem,
vestido de verde,
que parece bem.

. »

Isto, já se sabe, *munidos do competente sacco em que recolhiam as castanhas, as nozes, figos, dinheiro, etc.*

Bluteau, no *Vocabulario*, fallando das *Mayas* diz que «... se usam *em Portugal* nos domingos e dias santos do mez de maio, pondo-se em algumas ruas umas mezas, cobertas com alcatifas, ou outros pannos, e se assenta em cada uma d'ellas uma menina ou moça bem vestida e adornada com flôres, *que pede dinheiro ás pessoas que passam.* »

Ainda com referencia á Hespanha, diz Adolfo de Castro, no livro já por nós citado :

« Otras Mayas se ponían en salas bajas, y las muchachas que pedían, llamaban por las ventanas á los que iban á dejar en pago de ver una buena cara, cuanto llevaban en los bolsillos. »

A festa das Mayas é, já o dissémos, uma das festas celebradas pela antiguidade em honra do sol. « O nosso Maio menino é um symbolo do sol que principia a crescer, que vae subindo para Cancer ¹. »

« A festa do maio, diz, mademoiselle Amory de Laugerack², nunca foi nova nas nossas instituições, e, para lhe rastear a origem, seria preciso percorrer toda a escala da chronologia antiga. Devemos crêr que desde que o mundo existe, depois que este grande poema da criação, em que Deus, na sua bondade, quiz destinar ao homem uma pagina da sua propria eternidade, foi perturbado em suas harmonias pelo advento do peccado original, isto é, depois que houve luz e trevas, frio e calor, dias bons e dias maus, estio e inverno, devemos crêr, diziamos, que depois das neves e das nuvens do inverno, a humanidade deverá sempre ter saudado com demonstrações de alegria a volta da primavera, o primeiro sorriso do sol. O sol! a luz visivel e creada, segura manifestação d'essa luz invisivel e increada, cuja existencia todo o nosso ser presente e proclama. »

1. *Jornada dos seculos*, p. 251.

2. *Histoire anecdotique des fêtes et jeux populaires au moyen âge*, pag. 106.

Mas, quanto á tradição do peditorio, qual será a origem da adaptação historica d'esta tradição da festa solar da primavera?

Não temos a louca pretensão de haver encontrado a chave do enigma. Todavia aventuramos apenas uma hypothese.

Preller, fallando do culto da *Dea Syria*, em Hieropolis ou Bambyke, perto do Euphrates, diz que no templo da deusa se faziam dois sacrificios por dia, e todos os annos duas grandes festas, uma em memoria do diluvio, a outra na primavera, para celebrar a reaparição do sol. Estas festas, accrescenta, *eram acompanhadas de danças, de musica, de mutilações, e reuniam sempre infinita quantidade de peregrinos. Numerosas troupes ambulantes de fanaticos e de eunuchos percorriam a Asia e chegavam até á Grecia, excitando a piedade publica, recolhendo piedosos dons para o culto da sua deusa; Luciano e Apuleio pintam-nos com vivas côres a licença e a hypocrisia d'estes sacerdotes vagabundos. Chegada a procissão a uma aldeia, prendia-se o jumento que levava a deusa, e os eunuchos começavam a dançar, a saracotear e a invocar a caridade publica*¹.

Póde ter sido esta a origem da tradição popular do peditorio na festa da *Maya* e ainda do peditorio nas festas populares de junho. Tambem o cortejo processional em honra da *Dea Syria* (a que os gregos

1. *Les dieux de l'ancienne Rome*, trad. franceza, 2.^a edição, pag. 488.

chamavam *Derketo*), pôde igualmente ter sido origem da *Basoche* franceza, bem como da *procissão negra*, que no 1.º de maio se celebrava em Evreux e que, sendo já uma evolução christã do culto do sol, conservava porem todo o character carnavalesco que tinham as festas de maio na antiguidade, a *Maiuma*, por exemplo.

A *procissão negra* era constituida pelo cabido, maceiros e meninos do côro, que, de cruz e pendão alçados, sahiam de Evreux, no 1.º de maio, para Bois-l'Evêque, afim de cortar os ramos com que viriam adornar a imagem da Virgem e dos santos existentes nas capellas da cathedral. Ai dos pobres transeuntes que se encontrassem com a *procissão*! Meninos do côro, maceiros e conegos atiravam-lhes punhadas de farélo aos olhos ou obrigavam-n'os a dar saltos por cima de grandes ramos. Não se podia imaginar mais desenfreada patuscada. D'uma vez, á volta da *procissão*, foram tantos os patuscos que se agarraram á corda do sino da cathedral, que deram cabo do sino.

O bispo quiz pôr termo a estes abusos; mas o cabido defendeu-se com a tradição. De modo que o prelado teve que submeter-se, e para evitar a destruição da floresta da mitra — o que lhe deu por certo mais cuidado do que a inconveniencia d'este carnaval christão — mandava cortar, de vespera, todos os annos, pelos seus guardas, o numero de ramos que seriam precisos para a *procissão* do dia seguinte.

Esta desenvoltura de costumes aprenderam-n'a por

certo dos romanos os neo-latinos, como os romanos a aprenderam dos gregos, como os gregos a tinham aprendido dos eunuchos que da Asia chegavam até á Grecia, pedindo e folgando.

A QUINTA FEIRA DA ESPIGA

É assim que se denomina em Lisboa a festa popular da Ascensão.

Dizemos popular, para que se não confunda a festa do povo com a da igreja.

No Porto, a solemnidade d'este dia é exclusivamente religiosa, se bem que essa mesma denuncie o que quer que seja do fundo naturalista da commemoração popular de Lisboa.

Os templos d'aquella cidade são ornados com gaiolas de aves canoras, que suplantam com os seus trilos vibrantes as vozes dos cantos lithurgicos. E do alto da igreja desprende-se sobre a multidão uma chuva, irisada e perfumada, de petalas de rosas.

As aves e as flores são a expressão mais delicada e graciosa da quadra primaveral, a synthese da belleza da terra na epocha em que annualmente as suas forças se renovam.

Em Lisboa, o culto naturalista de outros tempos subsiste menos apagado na superstição da *espiga verde* que n'esse dia se vae buscar aos campos.

Para os leitores que são da provincia, cumpre explicar o que seja a superstição da espiga.

É crendice antiga em Lisboa que a todo aquelle que em quinta feira da Ascensão, entre o meio dia e a uma hora, colhêr uma espiga de trigo, arrancar um ramo de oliveira florida e os pregar na parede juntamente com uma moeda de cobre, não faltará em casa, durante o anno, pão, azeite e dinheiro.

As superstições são as ruínas dos cultos, como as lendas são os destroços dos mythos.

Do culto antigo da terra subsiste como vestigio, como escombro historico, entre outras muitas, a superstição da *espiga*.

A humanidade começou por adorar a terra nos seus aspectos e nas suas forças creadoras. Ella era um thesouro de abundancia, a grande Mãe, *Alma Mater*, a Tellus latina, a Demeter grega. Ceres denuncia a sua funcção mythologica pela propria etymologia, seja *creare*, da mesma familia de *cerus* ou *kerus*, seja *gerere*, como quer Varrão.

Os povos da Asia Menor dividiam o anno em tres estações : inverno, primavera e estio. As tres grandes festas dos hebreus correspondiam ás tres estações, revestiam um caracter puramente agricola.

A *Paschoa* era a festa da primavera, durava dois dias : celebrava-se o advento do calor solar, que faz germinar o trigo.

A *festa das semanas* ou Pentecostes, sete semanas depois da Paschoa. Durava um dia. Offereciam-se as primicias da ceara ao Deus nacional.

A *festa das tendas* (Souccôth) no principio de outu-

bro. Durava oito dias. As colheitas e as vindimas estavam concluídas.

Mais tarde estas tres grandes festas perderam o seu primitivo caracter agricola, tornaram-se theocraticas e foram historicamente relacionadas com os acontecimentos do Egypto.

Na Grecia, as duas grandes festas populares eram tambem agricolas: as *Dyonisias*, em honra de Baccho, celebravam as phases da vinha, como as *Demetrias*, em honra de Demeter (Ceres), celebravam as phases da ceara.

Todos os aspectos que a terra ia successivamente apresentando no decurso do anno eram em Roma santificados pelo povo, *popularia sacra*.

Na epocha das sementeiras, *Feriv sementinæ*, os deuses e os genios beneficos da terra eram invocados por um flamine. Recebidas pelo humus as sementes, celebravam-se as *Consualia* e as *Saturnales*, e ao encerrar-se o trabalho agricola da sementeira realisavam-se as *Paganalia*, a que Ovidio se refere n'esta passagem dos *Fastos*:

Agora, que jaz finda a sementeira,
lavradores, dae folga ao solo, aos braços:
lustrem colonos sua aldeia em festa;
dêem a seu fogos a annual fogaça.
Tellus e Ceres, madres das searas,
já com seus mesmos grãos se propiciem,
já co' as entranhas da suina femea:
d'entre ambas nasce o grão que nos sustenta:
Ceres, nol-o produz; mantem-n'o a terra.

Chega a primavera, a onda da abundancia invade os campos, rendilhando-os com a espuma cambiante das boninas, e Tellus, a terra fecunda, onde as espigas verdejam com uma promessa de farta colheita, é saudada na festa das *Hordicilia*, a que se seguem as procissões expiatorias das *Ambarvalia*.

Foi Ceres, que do sangue abrindo o exemplo
folgou, que a morte de nociva porca
pagasse estragos que lhe fez nas messes.
Da primavera ao bafo inda nos sulcos
mal começava a inchar o grão latente,
quando a immunda cerdosa fossadora
co' a voraz tromba a sementeira investe;
mas co' a vida o pagou.

Eis aqui a rasão por que o porco, outr'ora sacrificado nas festas da abundancia e da fecundidade da terra, subsiste ainda algumas vezes como um symbolo phallico. E não é difficil achar a relação historica que prende a *porca praecidanea*, sacrificada a Ceres, com a montaria ao porco preto, que os habitantes de Braga faziam na vespera de S. João, e com a corrida ao *montujo*, que na quinta feira da Ascensão, depois do sol posto, se faz ainda em Vieira.

As estações do anno, que determinavam as grandes festas da antiguidade, são por sua vez determinadas pelo movimento do sol na ecliptica.

O estio, em que o S. João se festeja, não é mais do que o desdobramento da primavera, a continuação do periodo annual da fecundidade da terra, que o sol avi-

venta, descrevendo o quadrante da ecliptica desde o tropico de Cancer até ao equador.

Por isso, atravez do culto da terra, encontra-se, nas tradições consecutivas d'estas duas estações do anno, o culto solar sobrevivente em tantas superstições populares.

É o sol, que na primavera vae subindo na esphera celeste do equador para Cancer, que aquece a terra para que ella floresça e produza; é finalmente o sol que, na epocha do seu grande esplendor, pelo S. João, vae amadurecendo as cearas, preparando, pelo calor dos seus raios de ouro, a riqueza da colheita.

A egreja romana procurou n'estas superstições naturalistas da antiguidade outros tantos pontos de apoio para a substituição catholica dos mythos pelos santos. Maria, o ventre fecundo da mulher, apossou-se dos santuarios outr'ora consagrados a Ceres, a personificação divina da fecundidade da terra. A Demeter grega succedeu etymologicamente, no florilegio dos santos, S. Demetrio, e a *Helios*, o sol, Santo Elias. O santo Antonio, o S. João e o S. Pedro, as tres grandes festas populares do mez de junho, são uma adopção catholica dos cultos naturalistas da antiguidade.

Mas atravez das apropriações da egreja romana, os vestigios do culto da terra, *chthonismo*, e do culto do ceu, *syderismo*, fundidos pela sua relação natural, descobrem-se facilmente.

Em Lisboa, pelo que respeita á festa da Ascensão, esses vestigios são palpaveis, conservam-se vivos na tradição popular.

Procuraremos no *Diario de Noticias* a chronica local da quinta feira da Ascensão de 1885, como elemento constitutivo do *folk-lore* portuguez.

O *Diario de Noticias*, de 14 de maio d'aquelle anno, dizia :

« Para a egreja este dia é do mais expansivo jubilo, o quadragesimo depois do domingo da Ressurreição, e em que o Divino Mestre, havendo findado os trabalhos d'este mundo, e soffrido os tormentos da Paixão, encaminhou os seus discipulos até á Bethania, estendeu sobre elles a mão, dando-lhes a benção, indicando-lhes as suas ultimas vontades, subindo ao ceu sobre o monte das Oliveiras, em quanto elles prostrados e maravilhados o adoravam.

« Para o povo é um dos mais santificados e bem-fadados dias do anno. Como a primavera está no seu auge, os campos e os jardins no maior vigor da sua florescencia; as cearas viçosissimas; as flores formando os mais bem matisados e caprichosos tapetes; as aves na mais apaixonada animação das suas melodiosas orquestras de variados gorgeios; saem as familias ao passeio campestre, á romaria da natureza, a pedir um tronco florido á primavera, e á mythologica Ceres uma espiga de trigo, que, na sua poetica e ingenua crença, não pagã, entendem ser facto de bom agouro, que lhes attrahirá a casa o pão em todo o anno, e será como que uma garantia de abundancia no lar.

« Esta tradição poetica, esta credice, veneranda na sua propria ingenuidade, chegou em tempo passa-

do a traduzir-se na devastação das cearas alheias, mas agora, e depois dos correctivos e precauções necessarias, já se entende que *a espiga*, para ter virtude multiplicadora, para ser *talisman* de fecundidade, não deve ser furtada, mas sim adquirida por meio mais honesto, ou comprada, ou fructo de generosa dadiva do ceareiro fecundador. »

O mesmo jornal, no dia seguinte, sexta feira, 15 de maio, escrevia :

« Hontem fez-se um grande negocio em raminhos de espigas de trigo e flores campestres. Não só no Rocio e Praça da Figueira, quasi todos os vendedores os offereciam ao publico pelo modico preço de dez réis e vintem ; mas os vendedores ambulantes traziam-os nas suas cestas, canastras e cangalhas, e por toda a parte bandos de rapazes e raparigas, offerecendo-os a quem passava, como fazem os vendedores de flores em muitas outras cidades europeas. O dia estava formosissimo ; a temperatura não era muito elevada, e por isso foram milhares de pessoas para fóra da cidade gosar os prazeres do campo, e colhêr ou comprar o indispensavel raminho, que em muitas quintas, hortas e cearas se vendiam. Agora n'este tempo, e mais para o verão, vê-se em vasta escala, em todos os arrededores de Paris, a grande colheita, que o povo da cidade, que para ali sae a passeiar, em omnibus, vagon, barcos e trens de todos os feitios, faz das flores campestres, ainda as mais somenos, para cada qual regressar á cidade com o seu raminho, que fica exposto na casa, ou no estabelecimento, em quan-

to as flores conservam algum resto de viço, e muito cuidado, estimado e commentado, como se fosse um *bouquet* das mais custosas flores do mercado da Magdalena, ou de outro, aonde uma simples rosinha custa um franco e mais. »

Descobertas, como se acham, as analogias que se dão entre a vida de Christo e os mythos solares, encontra-se o sentido da tradição biblica da ascensão de Christo, coincidente com a epocha em que o sol vae subindo, *ascendendo* do equador para Cancer.

Como se vê, conservamos ainda na tradição popular claros vestigios das festas primaveraes de outro tempo : provam-n'ò as superstições do 1.º de maio e de quinta feira da Ascensão.

É tudo o que nos resta do tempo em que a humanidade adorava a terra, nas manifestações da sua fertilidade, influenciada pela acção benefica do sol.

Na poesia popular alguns vestigios do culto chtoniano subsistem tambem, como por exemplo na canção da *Engeitada* do Algarve, que se refere á terra como a grande mãe, a *Alma Mater*, de quem não conhece outra :

Eu não tenho pae nem mãe,
Nem n'este mundo parentes :
Sou filha das tristes heras,
Neta das aguas correntes.

SANTO ANTONIO DE LISBOA

O *Economista* enfadou-se um pouco, o anno passado, com o peditorio dos rapazes da rua para o Santo Antonio! Ah! meu caro Carrilho, como isso me custou! Depois, o *Economista* folgou de que a policia houvesse tomado providencias repressivas. Ah! meu caro Carrilhe, isso ainda me custou muito mais!

Se os rapazes não pedirem, se não se armarem na rua os pequenos thronos enflorados de cravos e illuminados a rolinhos, o que ficará da tradição popular do Santo Antonio, perguntava eu a mim mesmo, além do manjarico da Praça da Figueira?

Sei muito bem que o peditorio dos rapazes sempre tem tido adversarios. Um d'elles foi Alexandre Herculano. Disse-me um dia Caldas Aulete, o *pae das creanças*, que o grande historiador portuguez embirrava furiosamente com a *quête* do Santo Antonio, e que chegara a escrever um artigo a esse respeito molhando a penna n'um tinteiro de bilis.

Eu, que não partilhava da opinião de Herculano, não podia deixar de contorcer-me com a *local* do *Economista*. Imaginei que, uma vez posta em campo

a policia, não escaparia meio rapaz nem meio throno. E doeu-me isso, doeu-me que os rapazes da rua não podessem fazer a sua *Kermesse* annual, justamente n'uma epocha em que as *Kermesses* parece quererem durar todo o anno. Mas, ó deuses immortaes! por muita policia que possa haver, ha sempre menos policia do que rapazes. De mais a mais, Santo Antonio é tão popular em Lisboa, que não ha beco onde o não festejem. A policia, felizmente, não chegou para tudo, e eu, meu caro Carrilho, tive o prazer de ser perseguido em menos de meia hora por quatro assaltadas de rapazes,—de prato em punho.

Se o *Economista* soubesse! dizia com os meus botões.

Se Alexandre Herculano resuscitasse!

Por fim de contas fiz a festa com um pataco, a dez réis por assalto. D'ahi por momentos o meu dinheiro devia estar a arder, mas não é essa por acaso a sorte de todo o dinheiro? Arder, brilhar por momentos na palma da mão, como uma faisca de ouro, relampaguear sonhos de felicidade e grandeza, e esvair-se depois como o fumo! Onde está hoje o dinheiro que tínhamos hontem? Onde estará amanhã o dinheiro que tivermos hoje? As casas mais poderosas arruinam-se, os proprios bancos estremecem! Hoje uma necessidade, amanhã um capricho, depois de amanhã uma ostentação... Hontem, o conde de Farrobo e as noites das Laranjeiras. Hoje... fumo. Queimar... o dinheiro!... Pois se se não faz outra cousa! Uma vez aquelle famoso Bettencourt que se apaixonou pela

Sicart... Lembra-se, Carrilho, lembra-se do Bettencourt que se apaixonou pela Sicart? Quando ella apparecia no palco de S. Carlos, elle erguia-se no meio da plateia, palmejava delirante de enthusiasmo, e gritava :

— Bravo... anjo!

Uma vez, esse famoso Bettencourt pediu á Sicart que lhe desse o lenço de *batiste* em que ella havia chorado uma das suas melodiosas lagrimas de *prima-donna*. Poderia haver custado vinte mil réis talvez esse bello lenço de finas rendas, que a Sicart promptamente lhe deu. Em compensação, Bettencourt enviou-lhe no dia seguinte uma joia que valeria duzentas libras. Para que quiz elle o lenço? Para o queimar, doido de amor. Queimou-o, é certo, lançou as cinzas dentro de um copo de champagne, e bebeu. Depois do celebre caso da perola de Cleopatra nunca se tinha feito uma loucura mais dispendiosa. N'essa taça de champagne arderam, ao mesmo tempo, um coração e duzentas libras. Mas ficára ao menos, de tudo isso, uma recordação saudosa para o apaixonado Bettencourt, como do pataco com que eu me esportulei ha de ficar, para os rapazes que o apanharam, uma memoria não menos saudosa, por certo...

De mais, Santo Antonio não póde ser para mim um santo inteiramente indifferente.

Ha onze annos, o sr. Tavares, o Tavares tio, socio da casa Mattos Moreira,—hoje ha um Tavares sobrinho que continúa honradamente as tradições editoriaes do tio—encarregou-me de escrever um

livro a respeito de Santo Antonio de Lisboa. Não se tratava precisamente de fazer um livro no genero do *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol*, de Braz Luiz de Abreu; nem um poema como o de Francisco Lopes; nem propriamente uma biographia como a que frei Fortunato de S. Boaventura traduziu do latim. Tratava-se apenas de dar uma fórma romantica, quanto possivel popular, ás tradições milagrosas que circumdam Santo Antonio de uma aureola de gloria eterna.

O livro ia-se imprimindo á proporção que eu o escrevia. Todas as noites, na loja do Mattos Moreira, uma pequena concha cheia de livros e de litteratos que hoje se converteu n'um *mare magnum* de *bijouteries* e *bibelots*, havia cavaqueira animada e alegre. Ia ali Julio Cesar Machado quasi todas as noites; Pinheiro Chagas, algumas; de longe a longe, Andrade Ferreira. Bento Moreno (Teixeira de Queiroz) era certo. Eu ia todas as noites levar a contribuição do meu trabalho quotidiano, um capitulo d'esta obra, um capitulo d'aquell'outra, mais uma pagina ao divino, mais uma pagina ao profano, isto só para a casa Mattos Moreira, porque eu estava ao mesmo tempo trabalhando para o Chardron do Porto, para o Tavares sobrinho do Pará, e para o Tavares tio de Lisboa.

Uma faina, em que um corpo fraco triumphava cada dia de uma forte labutação.

No tempo em que eu escrevia o *Livro das flores* e depois o *Livro das lagrimas*, Pinho Leal publicava o *Portugal antigo e moderno*, e não faltava ás noites no

Mattos Moreira. Homem original, illustrado e rauto, Pinho Leal discutia, ralhava, cantava, dava volumes ao publico, e vivas ao sr. D. Miguel. Muitas vezes zangava-se. Fel-o desesperar de uma vez o dr. Ribeiro Guimarães, do *Jornal do Commercio*, por causa da *feira da ladra*, e eu fui involuntariamente o pomo da discordia. Tratava-se de saber a origem da designação *ladra*. Pinho Leal tinha a esse respeito una opinião, nem boa nem má, que eu citei n'um folhetim, nem mau nem bom, publicado no *Diario Illustrado*. O dr. Ribeiro Guimarães advertiu-me no *Jornal do Commercio* de que a opinião não era boa, mas fel-o, pelo que me respeitava, com uma amabilidade que não estendeu até ao Pinho Leal. D'ahi a dias desancavam-se ambos, á mão tente, em epistolas a respeito da *feira da ladra*, e Pinho Leal, nas cavaqueiras da noite, pedia aos deuses a cabeça do dr. Ribeiro Guimarães para a refogar n'uma sarrabulhada tremenda de libralões.

Já lá estão, congraçados na paz do tumulo, os dois contendores, que reviveram agora na minha memoria por causa do Santo Antonio de Lisboa.

O dr. Ribeiro Guimarães estudára muito a vida do santo, n'um artigo do primeiro volume do *Summario de varia historia*. Ahi conta que D. Affonso VI tivera a excêntrica phantasia de alistar Santo Antonio como soldado do exercito portuguez. Ahi se refere ao poema *Alphonseida*, de Jeronymo Vahia, que commemora d'est'arte o caso do alistamento do santo, e d'est'arte prefigura as suas façanhas guerreiras :

Fará coisas nunca ouvidas
Em favor dos lusitanos,
Não sendo dos castelhanos,
Com ser de coisas perdidas :
Tingirá, cortando vidas,
De vermelho o burel pardo,
E com impeto galbardo
Triumphando em todo o risco,
Posto que frade é francisco
Brigará como um bernardo.

Não sei, porém, se o dr. Ribeiro Guimarães chegaria a saber uma coisa realmente curiosa, e é que Santo Antonio, feito soldado raso por D. Affonso VI, foi subindo em postos e honras, e recebendo soldo.

Eu tambem não sabia, mas disse-m'o o seguinte trecho de um discurso do sr. Aristides Spinola, deputado pela Bahia. Oçamos, pois, o legislador Spinola :

« Como hoje é dia de Santo Antonio, lembro ao nobre ministro que em Ouro Preto este santo recebe o soldo de capitão, o qual naturalmente é entregue a algum procurador, como acontece em outras provincias.

« Creio que não é heresia pedir a supressão d'esse soldo, que aproveita ao procurador do santo. Eu tenho aqui algumas notas sobre a fé de officio d'esse illustre official. A carta regia de 7 de abril de 1707 confere á imagem de Santo Antonio da Barra da Bahia o posto de capitão. Esta imagem foi promovida a major de infantaria por decreto de 13 de setembro de 1810. O aviso de 29 de julho de 1859 declarou que o seu

vencimento é considerado soldo e é pago pela reparação da guerra.

« Santo Antonio do Rio de Janeiro tem logar mais elevado na hierarchia militar. A carta régia de 21 de março de 1711 confirmou o posto de capitão conferido a Santo Antonio pelo governador Antonio de Albuquerque Coelho e Carvalho, pelo motivo de sua intercessão quando entraram os francezes no Rio, sob o commando de Duclerc; promovido a sargento-mór de infantaria por decreto de 14 de julho de 1810, e a tenente coronel da mesma arma por decreto de 26 de julho de 1814, dispensando-se as despesas com sua patente. (Aviso de 22 de agosto de 1814). Foi condecorado com a Grã Cruz de Christo por decreto de 13 de agosto de 1814. O aviso de 13 de agosto de 1833 mandou continuar o pagamento do soldo de tenente coronel ao mesmo official.

« A imagem de Santo Antonio de Goyaz tem soldo de capitão, conforme a resolução de 29 de outubro e provisão de 19 de setembro de 1750.

» O aviso de 26 de fevereiro de 1799 concedeu á imagem de Santo Antonio de Ouro Preto o soldo de 480\$000. »

Posto isto, é forçoso confessar que a devoção pelo tenente coronel Santo Antonio, grã cruz de Christo, tem afrouxado muito durante meio seculo. Por isso não queria eu ver inteiramente apagada a tradição popular que o festeja ainda nas ruas, em thronos de pataco, rodeiados por uma chusma de rapazes que nos assaltam de bandeja em punho. Santo Antonio

está visivelmente preterido na sua promoção a general de brigada; o deputado Spinola, da Bahia, ralhou no parlamento brasileiro contra o soldo que elle recebia ou que um procurador de má morte, como dizia o Tolentino, recebia por elle. Se lhe tirarem o pouco que lhe resta, o culto da infancia descalça, dois val-verdes que lhe queimam os *garroches*, o lausperenne-sinho de rolos de cera, o fragil baldaquino engrinaldado de cravos encarnados, e os vasos de manjarico que verdejam em sua honra crêspos e cheirosos, Santo Antonio desaparecerá do *folk-lore* onde a tradição por alguns seculos o conservou, alliando, inconscientemente, os vestigios fugitivos do culto solar com a lenda milagreira do agiologio catholico.

É precisamente n'esta alliança que se deve ir procurar a origem, á primeira vista inexplicavel, dos festejos populares, tão gorgeiados de cantigas, tão brincados de bailaricos. em honra de um santo que dedicou toda a sua vida á penitencia da vida monastica, e ás praticas severas da virtude.

Pinheiro Chagas escreveu uma vez a respeito de Santo Antonio :

« Ora agora, qual o motivo por que este austero prégador, que tão cedo trocou as delicias do mundo pelas severidades do claustro, e depois o repouso das conesias religiosas pelas agruras da vida mendicante, foi feito pelo povo protector dos ridentes folguedos, é o que não podêmos facilmente dizer. »

Santo Antonio, como S. João, como S. Pedro representam a evolução historica do culto do sol, que

cada vez se vae obliterando mais. São, para que assim o digamos, os élos que, na enorme cadeia das religiões, prendem o paganismo ao catholicismo. A ascensão gloriosa do sol para o tropico de Cancer correspondiam na terra as fogueiras que crepitavam em sua honra, na symbolica poetica do povo. Mas os concilios ecumenicos e as constituições episcopaes prohibiram o culto dos astros, do sol e da luz.

O celebre concilio geral (*Quini Sexto*) celebrado em Constantinopla, tomou a este respeito a seguinte resolução.

« Mandamos que de hoje em diante cessem as fogueiras que nas luas novas accendem alguns diante de suas casas e officinas e sobre cujas chammas usam saltar nescia e loucamente, segundo o costume antigo. Todo aquelle que o fizer, se fôr clérigo, será deposto; se fôr leigo, será excommungado. »

Não obstante todas estas medidas repressivas, o costume subsistiu por largos seculos, e, talvez para illudir os decretos da egreja, recorreu-se ao pretexto de festejar tres santos notaveis do christianismo para continuar a accender fogueiras e a saltal-as.

AS FESTAS DO S. JOÃO

Escrevemos na *Jornada dos seculos*:

« S. João festeja-se no solsticio do verão, *com fogueiras*, porque é uma solemnidade christã filiada na adoração do fogo solar. E o nosso povo ainda hoje canta :

Em louvor de S. João,
Que *venha allumiá*¹
Todo o fiel christão. »

As festas do S. João são antiquissimas em Hespanha e Portugal. Os mouros que occuparam a península celebravam-n'as com jogos de cannas e outros re-

1. Em 1885 deu-se o seguinte facto:

« Na Povoia de Moscoso, freguezia de Lourosa, queriam queimar um pinheiro na noute de S. João.

O local escolhido é acanhado, dizia o *Viriato*, e nos annos anteriores a enorme fogueira causava sempre o incendio de casas vizinhas. Os donos, n'aquelle annos, reclamaram contra o divertimento projectado com receio do incendio costumado.

Os entusiastas da brincadeira feimaram em realisal-a,

gosijos populares. Um antigo romance, que Perez de Hita menciona nas *Guerras civiles de Granada*, principia assim:

La mañana de San Juan
á tiempo que alboreaba,
grandes fiestas han los moros
en la vega de Granada.

Em Portugal uma trova popular diz tambem :

Té os moiros da Moirama
Festejam o Sam João;
Sam João, Sam João, Sam João!
Dae-me peras do vosso balcão.

Em prosa correm entre nós algumas lendas que recordam a folia dos mouros no dia de S. João. Uma d'essas lendas diz respeito á origem da palavra *Alemquer*, e é assim contada em poucas palavras, por J. A. de Almeida no seu *Diccionario abreviado* : «... as armas (de Alemquer) são as reaes com um cão pardo (*alão*) ao pé, o qual vigiava quando em dia de S. João os mouros, de mádrugada, se foram lavar ao rio, e o cão se calou, á vista dos nossos, fazendo-lhes

não obstante a prohibição do regedor, que por não poder só com a sua policia dispersar os turbulentos que não se prestavam a escolher outro lugar para a fogueira, requisiou uma força d'infanteria 14, que appareceu na freguezia em occasião em que o regedor mais necessitava d'ella. »

festa : ao que D. Affonso (Henriques) disse : *Alão quer.* »



Na vespera de *San Juan el verde*, accendiam-se, no seculo XVI, em toda a Hespanha, fogueiras no meio das ruas e dos caminhos, como quando nascia algum principe ou se tratava de commemorar um triumpho nacional.

À meia noite as raparigas punham-se por detraz da gelosia, soltos os cabellos, com o pé esquerdo mettido dentro de uma bacia de agua fresca e pura, e assim esperavam ouvir os vaticinios amorosos do seu futuro.

Se algum moço que passava fallando pela rua dizia um nome, davam-lhe um laço de fita, um distinctivo qualquer para reconhecê-lo na manhã de S. João, e se acertava ter o mesmo nome que ellas ouviram, faziam d'esse moço o eleito do seu coração, crendo que o santo lh'o destinára para noivo.

Miguel Cervantes allude a este facto, na sua comedia *Pedro de Urdemalas*, pondo os seguintes versos na bocca de uma donzella :

Tus alas, ¡oh noche! extiende
sobre quantos te requiebran,
y á su gusto justo atiende ;
pues dicen que te celebran
hasta los moros de allende.
Yo, por conseguir mi intento,
los cabellos doy al viento,

y el pie izquierdo á una vacía
 llena de agua clara y fría,
 y el oído al aire atento.
 Eres, noche, tan sagrada
 que hasta la voz que en tí suena,
 dicen que viene preñada
 de alguna ventura buena
 á quien la escucha guardada.

Depois de haverem saltado as fogueiras, os rapazes iam ao campo colher plantas e flores, e voltavam á povoação, coroados de verbena, tangendo guitarras e adufes. Ao som d'estes instrumentos entoavam canções em honra das suas amadas, e com flores e plantas lhes engrinaldavam as rotulas da gelosia, tapeitando a rua de folhas e petalas.

Ainda Cervantes, na comedia citada, põe na bocca de um galan estas palavras dirigidas á sua dama :

Aquí verás la verbena
 de raras virtudes llena,
 y el rosal que alegra el alma,
 y la victoriosa palma
 en todos sucesos buena.
 Verás del álamo erguido
 pender la delgada oblea,
 y del valle aquí traído
 para que en tu puerta sea
 sombra al sol, gusto al sentido.

E est'outros dirigidos ao seu criado :

Ese laurel pon aquí:
 ese sauce á esotra parte:

ese álamo blanco allí;
 y entre todas tenga parte
 el jazmín y el alheli.
 Haga el suelo de esmeraldas
 la juncia, y la flor de gualdas
 lo vuelva en ricos topacios :
 y llénense estos espacios;
 de flores para guirnaldas.

Por entre as expansões de amor, que a vespera de S. João auctorisava, apparecia tambem algumas vezes a ironia, a vingança do coração maguado, como dão a perceber estes versos de Pedro de Vargas :

Por gozar de la alborada
 Petra salió de mañana,
 y encuentre en la ventana
 de cuernos una enramada.

Na manhã de S. João, *San Juan el verde*, mal que a aurora apontava, partiam para o campo os ranchos das raparigas. foliando, bailando, cantando seguidilhas. Nascido o sol, regressavam, na mesma folia, coroadas de rosas e cravos.

Na Hespanha do seculo XVII, as familias armavam em casa pomposos altares, e convidavam a gente moça das suas relações para servir-se de bolos e refrescos, enquanto uma pequena orchestra fazia musica. Durava isto até á meia noite. A essa hora, porém, as raparigas ajoelhavam deante dos altares e, finda a oração, assomavam á gelosia ou ao balcão para ouvir o que chamavam um proverbio, depois de haverem interrogado :

— *Señor San Juan, me casaré bien y muy presto?*

Muitos rapazes, que andavam pela rua cantando á guitarra picarescas seguidilhas, diziam de quando em quando, por zombar das donzellas que escutavam os proverbios :

— *Aún no es tiempo.*

— *Mañana será; otro día.*

Etc.

Outras donzellas punham á porta da casa bacias cheias de agua, persuadidas de que as imagens dos seus noivos se retratavam na agua a tal hora da noite ; outras deitavam n'um copo, tambem cheio de agua, um ovo de gallinha preta para conhecer por certos signaes se casariam cedo, se seriam felizes ou infelizes em seus amores.

Toda a mocidade de Sevilha ia passeiar, durante a noite, a San Juan de Aznalfarache. As ribeiras do Guadalquivir pintalgavam-se de uma multidão variegada, e os alegres filhos de Triana bordejavam no rio, em barcas illuminadas e floridas, dando serenatas, em honra das bellas que os traziam enfeitigados.

Em Portugal conservaram-se durante longo tempo as mesmas tradições populares da noite de S. João. Pela simples leitura do que deixamos escripto se vê que essas tradições abrangiam toda a península.

No fundo de todas estas tradições peninsularesprehendem-se ainda os vestigios do culto naturalista, da adoração do sol, o grande fogo do ceu, e da terra, a grande mãe da abundancia.

O S. João é uma festa de luz e de flores, porque a

luz é a manifestação sublime do sol, e as flôres são a sublime manifestação da abundancia da terra.

Tradições ha mesmo em que o culto do sol e da terra parece fundir-se ainda, tal é a superstição da alcachofa, a que Garrett chama, e com rasão, *toda do sul, toda lisboeta*, — superstição em que o fogo é invocado, por meio d'essa planta fatidica, como um oraculo mysterioso, para revelar os segredos do futuro; como um deus que tudo vê e que tudo sabe, para dar a conhecer os arcanos do porvir.

O NATAL

Eu sinto sempre uma deliciosa saudade em recordar os bons tempos da minha infancia, a noite de natal da minha casa paterna, onde as tradições encantadoras d'essa noite sagrada eram fielmente cumpridas no meio de uma san alegria quasi patriarchal.

Estou d'aqui a vêr o meu bello Presepe, que tinha cincoenta annos de casa, com a sua montanha coroada pelas torres de Bethlem, recortadas em papel, os seus tres Magos que vinham sofrendo os cavallos na descida para o Presepe, a fim de não se despenharem no abysmo e de não atropellarem os pastores que enxameavam por entre as fragas com os seus barrilinhos de mel branco á cabeça e os seus cabazes, cheios de ovos, enfiados no braço.

No ceu, fartamente empastado de algodão em rama, havia uma abundancia prodigiosa de astros de papel doirado, incluindo cometas de longa cauda scintillante, e no alto, eminente á cabeça dos Magos, a estrella do norte parecia ensinar-lhes o caminho que elles deviam seguir...

Todas as flôres do inverno que podiam encontrar-

se, todos os retalhos de estofos escarlate que era possível desencantar nos armarios velhos da casa concorriam para o effeito decorativo do meu Presepe, e eu, desenvolvendo uma actividade assombrosa, dividia-me, ao dar da meia noite, por diversissimas funcções, fazendo de padre, fazendo de sineiro, rezando, cantando e comendo filhozes.

Quero asseverar lealmente ao leitor que o meu forte nunca foi o canto. Mas, n'aquella noite, todas as creanças do meu tempo cantavam para apanharem a esportula de cada cantiga dirigida ás pessoas da familia. Á porta da sala, onde os de casa estavam, juntavam-se tres ou quatro pequenos com um tambor e umas chaves. Era a orchestra. As vozes, não menos desafinadas do que a orchestra, rompiam em falsete :

Viva a sr.^a D. Fulana,
 Raminho de salsa crua.
 Quando apparece á janella,
 Allumia toda a rua.

Nenhuma das senhoras de casa se dava por offendida de que os pequenos lhe chamassem *luminaria*. Pelo contrario, mostrava-se tão reconhecida a essa amabilidade tradicional, que se esportulava generosamente a dez réis por cantor. E, ai d'ella! se se tivesse esquecido de metter na algibeira algumas moedas de cobre! Então, á porta da sala, estrondeava uma inferneira medonha de vozes esganiçadas e colicricas, berrando n'uma tempestade de guinchos :

Esta casa cheira a breu.
Aqui mora algum judeu!

Esta casa cheira a unto.
~ Aqui mora algum defun o!

E o tambor : bum... bum ! E as chaves batendo
umas nas outras : tlim... tlim !

Ah ! infancia, flôr que o tempo desfolha, mas cujas
petalas conservam, durante toda a existencia, um
perfume insinuante !

★
* *

La nottata di Natale, como dizem os italianos.

Far la nottata di Natale...

Sabem o que é fazer a noitada de Natal?

Pitrè, o grande *folk-lorista* italiano, lhes explicará:

Andare a sonzo per la città.

É que n'essa noite divina, *notte divina*, basta andar
a flaino por Palermo para uma pessoa se divertir com
o espectáculo das folias e das alegres rondas que vão
passando e cantando.

Em Italia, como em Portugal, é tambem costume
armar o presepio, *il pirsèpiu*, ou, como dizem os toscanos,
la capannucia.

As canções populares, na Italia como em Portugal,
são n'essa noite de jubilo *calcadas* sobre um *cliché*
universal, de character pastoril, de uma simplicidade
rustica :

Alligràtìvi, pasturi,
Già ch'è nàtu lu Misia.

Como o heroe da festa é o *bambinello Gesù*, a festa é principalmente das creanças.

Em França, toda a gente o sabe, subsiste o costume de irem os pequenitos depôr no fogão o sapatinho dentro do qual, durante a noite, o *petit Jésus* deve introduzir a recompensa de todo um anno de bom comportamento, se os pequenitos o tiveram.

Mas se fizeram maldades, ai d'elles! com que susto, com que sobresalto se aventuram a depôr sobre o fogão a chinellinha, receiosos de que pela manhã, em castigo, appareça vasia!

É por isso que mademoiselle Amory de Langerack diz, e com rasão: *Ce soulier-là, c'est la conscience de l'enfant.*

Em Portugal todos somos mais ou menos creanças pelo tempo do Natal, não só porque estamos dispostos a satisfazer os menores caprichos das creanças, mas tambem porque nós proprios as imitamos n'uma especie de chinellinha encantada que se chama a *grande loteria de Madrid.*

Sim, todos nós confiamos em que o nosso *decimo* ou a nossa *cautela*, depositados não sobre o fogão, porque poderiam queimar-se, mas no fundo de uma gaveta bem fechada, para que ninguem nol-os roube serão os premiados com o maravilhoso premio de quatrocentos e cincoenta contos de réis.

Todos nós acreditamos que na noite de 22 para 23 de dezembro, não o pequeno Jesus, que ainda não é

nascido, mas a fada da boa fortuna virá pôr condão de felicidade á nossa *cautela* dando-lhe a occultas, no fundo da gaveta, onde em espirito penetrará, o beijo fatidico.

Sempre como as creanças francezas, nós começamos a levantar na imaginação castellos de esperanças, que não são por certo mais firmes e solidos do que os castellos de Hespanha...

Se o nosso numero fór o premiado — se a chinellinha apparecer repleta de *bijoux* — seremos ricos, e se formos ricos, compraremos isto, adquiriremos aquillo, não deixaremos de possuir isto e aquillo, — tudo!

No dia 23, pelas tres horas da tarde, vamos ver a chinellinha que tinhamos deposto no fogão...

Vasia!...

Que haveriamos nós feito, durante o anno, para irritar em tanta maneira a fada da boa fortuna?

Responda cada um com a sua consciencia.

Mas a desillusão é completa, terrivel!

Sempre como as creanças, tinhamos armado a nossa arvore do Natal, pendurando de cada ramo uma esperança, um sonho, uma illusão, — todos os *bibelots* de uma idade que, ai de nós! já não é infantil!

E estava bem bonita, bem pintalgada de phantasias sorridentes a nossa arvore do Natal!...

Mas o tufão da má fortuna soprou de noite, sacudiu-lhe os pomos, inclinou-lhe o tronco, desfolhou-

lhe as vergontearas, poz-lhe a descoberto as raizes, arrancando-a a esse torrão delicioso, que se chama o paiz do sonho, onde tudo é côr de rosa, menos a realidade...

*
* *

Para os estudantes, o Natal, como todas as férias, marca uma epocha de alegria:

Férias dadas,
Aulas acabadas;
Vamos p'ra casa
Comer rabanadas.

É verdade que as férias dos estudantes, tão alegres para elles, custam sempre alguns dissabores a *alguem*, pela ausencia que elles fazem:

O amor do estudante
Não dura mais que uma hora.
Toca o sino vae p'ra aula,
Vem as férias, vae-se embora.

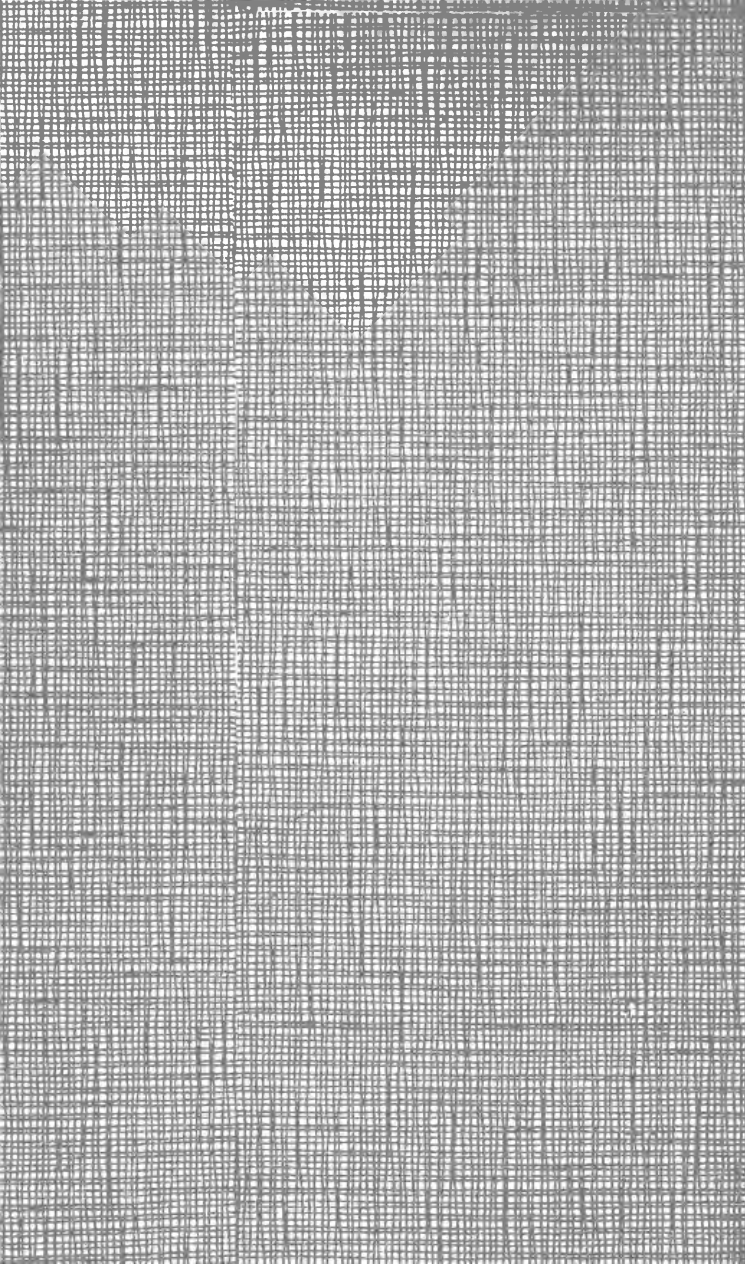
Mas as férias acabam, ô bellas apaixonadas, e de novo os vossos Romeus de batina voltam a rondar a vossa gelosia do Quebra-Costas, não com o bandolim romantico, que já passou de moda, mas com a guitarra que fadeja, dedilhada pelo amor, canções dolentes:

Egreja de Santa Cruz,
Feita de pedra morena,

Dentro de ti ouvem mi-sa,
Dois olhos que me dão pena.

Como todas as felicidades são mais ou menos ephemer-
meras, a dos estudantes tambem acaba em breve, e
no dia 7 de janeiro encontram elles dentro das folhas
da *sebenta* a memoria saudosa de quinze dias de tran-
quillidade...





PQ Pimentel, Alberto
9261 Atravez do passado
P46A16
1888

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 10 006 8